

MAIS DE 600 MIL PESSOAS NA FESTA DO «AVANTE!»



Mais de 250 mil pessoas participaram no inesquecível comício de domingo à tarde. A Festa continuava e só terminaria altas horas da madrugada

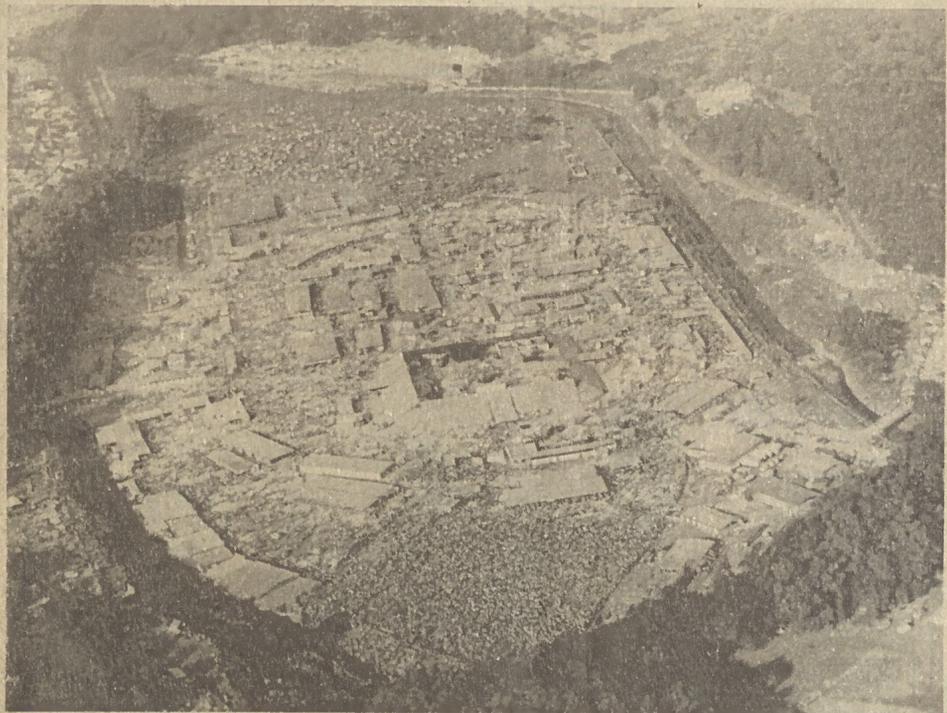
A FORÇA E O PRESTÍGIO DE UM GRANDE PARTIDO

Uma multidão calculada em mais de 600 mil pessoas passou pelo Jamor durante os três dias da Festa. Este número dá a imagem do que foi este ano essa incomparável iniciativa de massas, a mais bela, a mais fraterna, a mais variada e a mais concorrida jamais realizada em Portugal.

A grande jornada teve o seu ponto alto no memorável comício da tarde de domingo, presenciado por mais de 250 mil pessoas, que escutaram atentamente e aplaudiram as decisões do CC àcerca da situação política, transmitidas à multidão pelo secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal.

Do que se passou durante os três dias no Jamor procuramos nesta edição, através da imagem e da palavra, dar uma ideia, ainda que necessariamente insuficiente: tudo o que se passou, tudo o que se viu e ouviu, tudo aquilo em que se participou — só estando lá!

(Págs. 4 a 12)



Panorâmica aérea do recinto da Festa, ao princípio da tarde de domingo. Apesar do calor intenso, muitos milhares de pessoas espalhavam-se pelas diversas zonas, nomeadamente junto ao Palco 1 (em primeiro plano), ao Palco 2 (ao fundo, antes do acampamento) e ao Palco 4 (à esquerda da foto)

Impõe-se uma alternativa democrática

O Governo Nobre da Costa defronta-se hoje com três moções de rejeição a votar pelos deputados na Assembleia da República.

Após uma semana de debates, este Governo, que anunciou no seu Programa e aceleração da recuperação capitalista, latifundista e imperialista e se propõe levar a cabo medidas contra os trabalhadores e as suas conquistas, não conseguiu o apoio dos democratas nem agradou completamente às forças reaccionárias.

A sua sorte parece não deixar dúvidas. Não é o Governo que é necessário para fazer sair o país da crise. Impõe-se uma alternativa democrática.

Pág. 2



Avanço sistemático da APU em Mirandela

As eleições realizadas domingo em Mirandela demonstraram um firme e sistemático avanço de apoio à APU no concelho, passando a estar representada na Câmara por um vereador.

Tal resultado não surge por acaso, assim como não são ocasionais as votações obtidas pelos outros partidos.

Uma análise ainda que provisória dos resultados das eleições em

Mirandela permite chegar a conclusões de importante significado político. E se alguém deve meditar seriamente em tais conclusões — esse alguém é o PS. (ler na pág. 3)

Editorial

POLÍTICA COM O POVO

No domingo, perante bem mais de um quarto de milhão de portugueses, no gigantesco comício da Festa do «Avante!», o secretário-geral do PCP, falando em nome do Comité Central reunido nesse mesmo dia, anunciou, no seguimento de um exame aprofundado da crise política actual, que os comunistas apresentariam na Assembleia da República uma moção de rejeição ao Governo Nobre da Costa, anunciando ao mesmo tempo que o PCP não votaria qualquer outra moção de rejeição apresentada por qualquer outro partido.

Certos comentadores políticos mostraram-se surpreendidos pelo facto de o PCP, com uma tão grande antecipação ter anunciado a sua posição face ao Governo antes mesmo do termo do debate parlamentar acerca da sua composição e do seu programa.

Esperavam, esses comentadores encartados, que o PCP, à semelhança da votação da moção de confiança no Governo do PS em Dezembro de 1977, reservasse para o «último minuto» a definição da sua posição face ao Governo Nobre da Costa.

O facto, contudo, nada tem de surpreendente e aqueles que assim raciocinaram mostraram nada compreenderem da política e da natureza do PCP.

Em primeiro lugar, as situações e os problemas das emergências diferem radicalmente. Em Dezembro de 77 o PCP desenvolveu, de facto até ao derradeiro minuto, todos os esforços para chegar a um acordo político e de governo com o PS, acordo que deveria assentar numa viragem da política de recuperação capitalista, iatfundista e imperialista até então praticada pelo governo do PS sózino, aliado de facto à direita, e na formação de um governo capaz de respeitar e aplicar essa política. O PCP não é partidário da política do «suspense». Foi o PS e não o PCP que se manteve até ao fim numa indefinição política que o levou à derrota e através da qual procurou depois cobrir novas e graves cedências à direita, materializadas na formação do governo de coligação PS/CDS e na recusa de facto a um acordo político com o PCP sobre as questões fundamentais da defesa e consolidação da Democracia e das conquistas da Revolução.

Em segundo lugar, o PCP sempre praticou uma política virada para as largas massas populares, de verdade para com o povo, sempre traçou a sua política pela linha de interesses do povo trabalhador. O PCP nada tem a esconder ao povo das suas posições políticas que assentam numa linha de coerência de classe inconfundível.

Por isso, na portentosa cercadura humana do Vale do Jamor, mais uma vez o PCP, pela boca do seu secretário-geral mostrou ante as massas populares a verdade da sua política.

Eram conhecidas as reservas do PCP, postas aliás, ao próprio Primeiro-Ministro assim como ao

Presidente da República, quanto à composição do Governo, a começar pela personalidade do Primeiro-Ministro.

O conhecimento posterior da composição definitiva e integral do Governo e do seu programa — e pelo que se pode prever da sua política — não só veio agravar estas reservas como ainda determinou a decisão do Comité Central do PCP de, através do seu grupo parlamentar, apresentar na Assembleia uma moção de rejeição.

Sobretudo a composição da equipa do Ministério da Agricultura, cuja política será da maior importância para a defesa e consolidação da Reforma Agrária para a defesa dos interesses dos pequenos e médios agricultores, é inaceitável para um partido que como o PCP põe no centro da sua política exactamente a defesa das liberdades e das outras conquistas da Revolução. A equipa do MAP em que se integram pessoas juradamente inimigas da Reforma Agrária, directa e pessoalmente interessadas em arrancar terras às UCPs é um escândalo que desde logo fere à partida a fórmula de «independente» que o Governo a si próprio atribuiu.

No programa, os pontos dominantes denotam uma intenção inquietante. É uma política de privilégios para o grande capital que o Governo Nobre da Costa se propõe levar à prática. Um outro ponto positivo não anula esta característica geral do programa do Governo.

Sobretudo, a fórmula da entrega de milhões de contos de indemnizações aos antigos grandes accionistas das empresas nacionalizadas, que permitiria fazer reverter para estes grandes detentores de capital, sob a forma de juros de títulos, uma parte naturalmente substancial dos lucros daquelas empresas, representaria de facto uma verdadeira atribuição de dividendos a uma nova categoria de accionistas de empresas nacionalizadas a que a Constituição nega um tal estatuto.

O PCP não poderia deixar de marcar através de uma moção de rejeição a sua oposição e mesmo o seu protesto indignado contra certos sectores mais controversos do Governo Nobre da Costa.

Do mesmo tempo recusando-se a votar as moções de rejeição apresentadas por outros partidos, designadamente o CDS e o PS, fundamentando rigorosamente a sua na composição, no programa e na política previsível do Governo Nobre da Costa, o PCP exprime de maneira clara a sua independência política e o que o demarca da posição daqueles partidos.

O PCP recusa-se a entrar em quaisquer manobras e perigosos jogos que tendam a provocar confrontos entre os órgãos de soberania Assembleia da República

e Presidente da República, recusa-se a ser o suporte de esquerda de uma política essencialmente virada para a direita. Os primeiros conduziriam a um conflito de poderes e a um impasse constitucional altamente perigoso para a democracia.

Os fundamentos da moção de rejeição do PS expostos por Salgado Zenha na Assembleia da República mostram que a crítica dos socialistas ao Governo Nobre da Costa parte de uma fundamentação de direita e é susceptível de criar dificuldades entre os dois órgãos de soberania acima referidos. É de um ponto de vista de direita que o presidente do grupo parlamentar socialista ataca a composição do Governo Nobre da Costa e o programa não lhe mereceu outros reparos senão os da sua falta de originalidade e da sua cópia do programa dos dois governos anteriores.

Salgado Zenha põe no mesmo saco a CAP fascista de Casqueiro e a grande CGTP-Intersindical que é a grande força unitária e democrática dos trabalhadores portugueses.

Por tais razões a moção de rejeição do PS não poderia ser votada pelo PCP.

Ainda menos a do CDS. Quem ouviu a arrogante intervenção anticomunista de Freitas do Amaral na tribuna da Assembleia da República não pode deixar de recordar as odiosas intervenções de um qualquer André Navarro na Assembleia fascista antes do 25 de Abril.

A farronca de Freitas do Amaral tem o seu quê de ridículo depois de conhecidos os resultados das eleições municipais de Mirandela — um feudo do CDS nas eleições anteriores e um teste da força dos partidos reacçãoários nas suas zonas tradicionais.

O CDS que nas eleições municipais de 76 obteve 3297 votos contra 787 da FEPU obteve agora apenas 1127 contra 1064 da APU. Ou seja de uma diferença de 2510 para mais caiu agora para 63. Ao mesmo tempo a soma dos dois partidos de direita — PPD e CDS caiu de 6416 para 5144 votos enquanto a APU foi a única a ver aumentar de 277 o seu número de votos.

O CDS que antes tinha três eleitos e a APU nenhum, tem agora um vereador tal como a APU e o PS cuja votação caiu de 2714 para 1029. Freitas do Amaral deveria ser mais modesto depois de Mirandela...

Não se sabe ainda, no momento em que fazemos o nosso jornal se o Governo Nobre da Costa cairá por força da votação do PS e do CDS nas respectivas moções de rejeição ou se passará na Assembleia da República.

O simples facto de ser objecto de três moções de rejeição retira ao Governo base parlamentar. A sua duração não pode deixar de ser limitada. O problema de uma alternativa democrática a um tal Governo coloca-se desde já como um imperativo a todos os democratas e patriotas.

Comunicado do Comité Central do PCP

Comunicado do CC do PCP divulgado após a reunião realizada na manhã de domingo passado:

1. O CC examinou as questões decorrentes da formação do novo Governo e as perspectivas de evolução da situação política.

2. O CC considera que, embora não corresponda à solução consagrada como regra na Constituição, a fórmula de um governo composto, total ou parcialmente, por pessoas não filiadas em partidos políticos a título provisório ou transitório não é inconstitucional e é admissível no caso de não se concretizar a possibilidade de formação de um governo de base partidária e contando à partida com apoio parlamentar. Tal foi o caso do Governo Nobre da Costa.

3. Admitindo a fórmula, o CC examinou o caso concreto do Governo Nobre da Costa. O CC sublinha, entre outros aspectos negativos da composição do Governo, a equipa do MAP, com as Secretarias de Estado confiadas a agrários ou seus defensores.

Quanto ao Programa, cuja política vai contra os interesses dos trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores e das outras classes e camadas laboriosas, salientam-se, entre outras, como particularmente graves as medidas contra a Reforma Agrária e contra as nacionalizações, as indemnizações, a submissão fatalista aos empréstimos externos e às imposições do FMI.

O CC concluiu que, tanto a composição como o Programa do Governo, são inaceitáveis.

4. O CC concluiu simultaneamente que não estão criadas as condições concretas para a formação,

relativamente ao Programa do Governo: a composição e o Programa do Governo, a previsível evolução da situação política no caso de rejeição ou de não rejeição do Programa e as possíveis alternativas.

O CC verificou com inquietação que a direcção do PS não mostra interesse real em examinar com o PCP todas as questões relativas a uma alternativa democrática, ao mesmo tempo que existem sérios indícios de que procura uma aliança com o CDS e o PPD.

Um eventual governo PS-CDS ou PS-CDS-PPD não constituiria, como a experiência de governos anteriores já demonstrou, uma solução democrática para a crise e não se diferenciaria muito do actual Governo Nobre da Costa.

5. O CC considerou o perigoso plano desestabilizador da reacção que visa provocar um vazio de poder e a paralisação e o impasse das instituições democráticas. Nesse sentido o CC considera com particular preocupação o bloqueamento à formação de um novo governo, a eventual paralisação da actividade efectiva da Assembleia da República, as campanhas que visam diminuir o exercício da competência do Conselho da Revolução e a desestabilização do órgão de soberania — Presidente da República.

Lutando, pela estabilidade das instituições democráticas o PCP opõe-se a quaisquer acções que, em torno da discussão do Programa do Governo, tendam a criar oposição entre a Assembleia da República e o Presidente da República e a abrir um conflito entre estes dois órgãos de soberania.

6. O CC ponderou todos os aspectos que pesam na atitude do Grupo Parlamentar do PCP

relativamente ao Programa do Governo: a composição e o Programa do Governo, a previsível evolução da situação política no caso de rejeição ou de não rejeição do Programa e as possíveis alternativas.

O CC decidiu que o Grupo Parlamentar do PCP apresente uma moção de rejeição do Governo com o fundamento de que a sua composição e o seu Programa não correspondem às necessidades da hora presente. Esta decisão só poderá ser alterada se surgirem factores verdadeiramente novos que modifiquem os dados já conhecidos.

Com vista a demarcar-se em absoluto dos objectivos já explícitos dos outros partidos face à crise política, o Grupo Parlamentar do PCP não votará favoravelmente qualquer moção de rejeição apresentada por outros partidos.

7. O CC torna desde já pública esta posição procurando assim contribuir para o esclarecimento do quadro político e dificultar as manobras desestabilizadoras em curso nos gabinetes que, na situação presente, estão a ser favorecidas pela indeterminação dos partidos.

8. Pode verificar-se que vários partidos apresentem moções de rejeição sem que qualquer delas obtenha uma maioria. Como resultado, o Governo Nobre da Costa pode passar na Assembleia da República, embora não tenha apoio da Assembleia.

O CC está certo de que, a verificar-se uma tal hipótese, o facto será tido em conta enquanto o Governo se mantiver em gestão, facilitando no mais curto espaço de tempo uma alternativa democrática.

9. O CC considera que passe ou não passe o Governo Nobre da Costa na Assembleia da República, uma alternativa democrática exige que se verifiquem, entre outras, as seguintes condições: uma decisão favorável do Presidente da República; a participação ou acordo do PS, e um entendimento entre o PS, o PCP e outras forças e sectores democráticos.

O PCP, pela sua actuação, procura e procurará contribuir para que estes três factos se possam concretizar.

10. O CC considera também que as saídas constitucionais para a prolongada crise política, altamente nociva para o regime democrático e para a solução dos graves problemas nacionais, continuam a ser ou a formação de um governo democrático de base partidária e parlamentar, ou (apesar dos conhecidos inconvenientes) eleições gerais antecipadas para a Assembleia da República logo que possam realizar-se na base das novas leis eleitoral e do recenseamento.

11. Nesta hora grave para a democracia portuguesa, inteiramente confiante em que as dificuldades actuais serão ultrapassadas, o CC faz um apelo aos trabalhadores e a todos os democratas, designadamente aos socialistas, para a unidade e acção comum, essenciais para a defesa das liberdades e das outras grandes conquistas da Revolução, para consolidar o regime democrático, para garantir a independência nacional.

10 de Setembro de 1978

O COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O debate sobre o Governo na A. R. Impõe-se uma alternativa democrática

Programas são programas e a Assembleia da República já colheu da experiência esclarecedores ensinamentos — afirmaria o camarada Carlos Brito no início do debate que se seguiu à apresentação do Programa do Governo Nobre da Costa.

Com as perguntas que lhe colocamos — continuou — pretendemos ainda colher — e colher neste acto solene — novos elementos que nos habilitem a tomar a decisão final sobre o seu Governo.

Não se tratou, porém de um verdadeiro debate, o que ocorreu a longo dos dias, em que as manhas começavam apenas com a bancada do PCP completa e as manchas vazias iam alargando à medida que o olhar se voltava para a direita: clareiras no PS, poucos deputados do PPD, dois ou três elementos do CDS.

Era patente que o Governo presente à Assembleia morrera antes de nascer. O PS chamou-lhe nado-morto. Quase todas as questões que lhe foram postas começavam por: Se o Governo passar..., ou: Mesmo que o Governo não passe...

É evidente que as atitudes dos diferentes partidos representados no hemiciclo eram diferentes e por vezes divergentes na sua oposição à formação, composição e programa do Governo. Mas o certo é que, com três moções de rejeição apresentadas, é muito improvável que os deputados o deixem passar.

O calado é o melhor

Entretanto, aos pedidos de esclarecimento dos partidos,

deste Governo de destruir, mormente quando coloca à cabeça das suas preocupações a mais rápida aplicação de toda a legislação referente à zona de intervenção, desde a lei Barreto até às leis da cortiça da proibição de corte de árvores e do pagamento da contraprestação. Quer dizer, o Governo quer aplicar mais rápida e eficientemente um conjunto de leis discriminatórias das Cooperativas da Reforma Agrária, cujo objectivo é claramente a sua liquidação (...)

milhares de pequenas e médias empresas, política bloqueadora do aumento do investimento e da produção.

O Programa do Governo concorda com as vexatórias imposições do FMI e, se refere a intenção positiva de renegociar o acordo, não dá um passo na clarificação do sentido de tais negociações.

Criticados por todos — menos pelo PPD, que apenas gostaria de ver mais atendidos os seus desejos — o executivo encontra-se hoje face a uma votação. Quanto à moção de rejeição apresentada pelos comunistas, diria Carlos Brito:

Trata-se de fazer uma clara demarcação dos objectivos já explicitados por outros partidos face à crise política e que não são os nossos.

E mais adiante: Consideramos particularmente grave o plano desestabilizador da reacção, que visa criar um vazio de poder e a paralisação e o impasse das instituições que possam realizar-se na base de novas leis eleitoral e de recenseamento.

São fundas as razões de preocupação.

São fortes também os motivos de esperança e de confiança de que as forças da democracia, contando entre elas com o poderoso movimento operário e dos trabalhadores, serão capazes de se entender para assegurar a recuperação económica nacional, para defender as conquistas da revolução de Abril, para estabilizar e consolidar o regime democrático em Portugal.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soares Pereira Gomes — Lisboa-4. Tel. 768345.

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, S.A.R.L. Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º — Lisboa-1. Tel. 769744/769751.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes — Lisboa-4. Tel. 769725/769722.

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, S.A.R.L. Central: Rua Pedro Nunes, 9-A — Lisboa-1. Tel. 769744/769751.

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C — Lisboa-1. Tel. 769705.

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 — Lisboa-2. Tel. 372238.

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 576 — Porto. Tel. 288368.

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. — Porto. Tel. 310441.

Centro Distribuidor do Centro: Terrero da Erva, 6 — Coimbra. Tel. 28394.

Centro Distribuidor de Santarém: R. Pedro de Santarém, 41 — Santarém. Tel. 24564.

Centro Distribuidor de Setúbal: Rua de Angola, 29-A — Setúbal. Tel. 29493.

Centro Distribuidor do Alentejo: Alameda de Basco, 13 — Évora. Tel. 28361.

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 — Faro. Tel. 24417.

ASSINATURAS: CDL, Departamento de Venda Directa. Av. Santos Dumont, 50 — Lisboa-1. Tel. 763701.

PUBLICIDADE: Lisboa: R. Pedro Nunes, 9-A — Lisboa-1. Tel. 41787. Composto e impresso na Heika Portuguesa — R. Elias Garcia, 27 — Venda Nova — Amadora.

Tiragem média do mês de Agosto: 67 720



Semana

6 Quarta-feira

1968 — O ditador Salazar cai de uma cadeira, acidente de que não recuperaria, vindo a falecer meses mais tarde.

Na discussão, na generalidade, da nova lei eleitoral na Assembleia da República o PS e o PCP expressam a sua recusa em aceitar a manobra da direita que pretendia fazer aprovar uma lei eleitoral que falsaria os resultados das próximas eleições legislativas, favorecendo o PPD, o CDS e o próprio MIRN. Após o encontro de delegações ao mais alto nível entre o PS e o PCP, Mário Soares afirma que «a conversa com o PCP foi bastante esclarecedora e, a nosso ver, bastante útil», enquanto o camarada Álvaro Cunhal considerava, pelo seu lado, que tinha sido uma conversa útil e prolongada, na qual se procurou fazer um exame conjunto da situação.

O Secretariado Nacional da CGTP-Intersindical divulga um documento a propósito da mais recente manobra divisionista do ex-grupo «Carta Aberta-MADISCA» ao autopromover-se em «Central Sindical» (a «União Democrática dos Trabalhadores Portugueses») onde se afirma que os trabalhadores portugueses têm forças suficientes para defender, com êxito, a sua unidade e a unidade do Movimento Sindical. Medeiros Ferreira e António Barreto anunciam o seu pedido de demissão de membros do PS, adiantando que em breve apresentarão também, na Assembleia da República, o pedido de renúncia do mandato de deputados. São publicados no «Diário da República» os nomes dos secretários e subsecretários de Estado do novo governo, contando-se entre eles um membro do Directório do reaccionário PPM. Uma nota da SIP do PCP informa que o Comité Central se reunirá no próximo domingo para apreciar a situação política e a formação do novo governo. A SIP do PCP emite uma nota em que chama vigorosamente a atenção das autoridades e da opinião democrática do país para as graves arbitrariedades, prepotências e ilegalidades que estão a ser cometidas no concelho de Mirandela, onde decorrerão em breve eleições suplementares para a respectiva Câmara Municipal.

7 Quinta-feira

1189 — D. Sancho II expulsa de Silves os Cruzados, após os desmandos por eles praticados junto das populações.

A Federação do PS das Ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge, Açores, toma posição contra a realização de um comício-festa da organização separatista FLA, no próximo domingo, na mata da Serreta, na Ilha Terceira; entretanto a direcção da Organização da região Autónoma dos Açores (DORAA) do PCP, na sequência de declarações reaccionárias do presidente do governo regional à RDP-Açores, distribui um comunicado à imprensa onde se considera haver um estreito entendimento entre o movimento separatista e fascista FLA e o presidente do executivo açoriano. Mário Soares, após o encontro entre o PS e o CDS, afirma que as duas delegações fizeram uma análise conjunta da situação política visto que, «dentro de um ou dois meses deverá ser preciso encontrar uma solução com base parlamentar, quer se queira ou não evitar as eleições antecipadas». No meio de um silêncio total, sem o aplauso de um único deputado, o governo chefiado por Nobre da Costa apresenta o seu Programa à Assembleia da República.

8 Sexta-feira

1936 — Sublevação nos navios «Bartolomeu Dias», «Alfonso de Albuquerque» e «Dão», dirigida pela ORA — Organização Revolucionária da Armada.

Abre a «Festa do Avante-78», ocupando uma área de mais de 20 ha, cinco dos quais de terrenos cobertos e servida por uma rede eléctrica de 630 000 watts. Por decisão do ministro do trabalho, Costa Leal, é congelada a publicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho (PRT) para o sector da construção civil. É anunciado na imprensa que o matutino português «O Primeiro de Janeiro» passou a ser propriedade do CDN (Consórcio Difusor de Notícias), grupo económico português apoiado financeiramente pela Fundação Conrad Adenauer e as indústrias Bayer, da República Federal Alemã. O Comando-Geral da PSP informa que explodiram seis bombas nos Açores, todas em Ponta Delgada, durante o mês de Julho e ainda 499 assaltos ou roubos a pessoas, 30 dos quais com armas de fogo.

9 Sábado

1438 — D. Duarte morre em Tomar.

Segundo o Relatório de Contas da TAP — Transportes Aéreos Portugueses — eleva-se a 328 mil contos o prejuízo sofrido por aquela transportadora aérea durante o ano passado. É anunciado que o Congresso dos Sindicatos de Metalurgia e Metalomecânica se realizará de 8 a 10 de Dezembro, no Seixal e visa, entre outros pontos, preparar a Conferência sobre organização sindical que a CGTP-IM realizará provavelmente no princípio do próximo ano. Segundo dados estatísticos da OCDE os preços em Portugal aumentaram 1,6% em Julho e 21,7% nos doze meses anteriores. Regressa a Lisboa, após uma visita de cinco dias à Polónia, o Presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes.

10 Domingo

1974 — Portugal reconhece a Guiné-Bissau como Estado independente.

Termina, no Vale do Jamor, a Festa do «Avante!»-78; o camarada Álvaro Cunhal no gigantesco comício final, informa que o PCP, segundo decisão do CC reunido também hoje para analisar a presente situação política, apresentará uma moção de rejeição ao governo Nobre da Costa, definindo por outro lado, três condições essenciais para uma alternativa democrática: uma decisão favorável do Presidente da República, a participação ou acordo do PS, e um entendimento entre o PS, o PCP e outras forças e sectores democráticos. As Comissões Nacional e Directiva do PS, em reunião realizada na sede do Partido no Largo do Rato, decidem conferir ao secretário-geral, Mário Soares, «em consonância com o Grupo Parlamentar, o mandato para decidir oportunamente da conveniência de apresentar uma moção de rejeição» ao Programa do Governo de Nobre da Costa. Durante uma reunião realizada em Vila Real o PPD/PSD decide manter a posição de «não inibibilização» do governo chefiado por Nobre da Costa. Efectuam-se em Mirandela as eleições para a Câmara Municipal com uma abstenção de cerca de 60% e inúmeras irregularidades; a APU registou um aumento espectacular, tendo ficado em terceiro lugar; o PPD ganhou e o CDS e o PS desceram bastante em relação às últimas eleições.

11 Segunda-feira

1942 — Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP, morre no campo de concentração do Tarrafal.

Por se ter chegado a acordo (Sindicatos e entidades patronais) sobre a matéria considerada prioritária do CCTV, é anulada a greve dos trabalhadores da indústria hoteleira, marcada para os próximos dias 14 e 15. Os representantes dos trabalhadores do mar e do patronato recomencem as negociações interrompidas no passado dia 27 de Julho, do novo contrato colectivo de trabalho para o sector. É anunciada a convocação duma Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da zona Sul, a pedido da Direcção Sindical, a realizar no próximo dia 27 a fim de analisar a constituição da Federação Nacional dos Sindicatos do sector. O PCP, o PS e o CDS apresentam, separadamente na Assembleia da República, moções de rejeição ao governo presidido por Nobre da Costa.

12 Terça-feira

1871 — O escritor Júlio Dinis morre no Porto com apenas 33 anos de idade.

Os Sindicatos da Panificação, reunidos em Plenário, decidem concretizar no próximo dia 27, a greve selectiva já aprovada em anteriores plenários, de trabalhadores, em 14 empresas de panificação pertencentes aos dirigentes patronais. Os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas de Vila Real e Viseu propõem-se realizar no próximo dia 24, na Régua, uma manifestação de trabalhadores agrícolas com o objectivo de pressionarem o governo no sentido da aprovação do caderno reivindicativo do sector para a próxima vindima.

APU: subida sistemática em Mirandela

Toda a análise política das eleições em Mirandela feita na base dos resultados numéricos destas eleições é condicionada pela falta de liberdades democráticas, pela repressão e opressão que os caciques e partidos reaccionários ali impõem, facto este cuja expressão numérica é impossível de determinar. A única coisa certa que a tal respeito se pode dizer é que, se ali vigorassem plenamente as liberdades democráticas, seriam maiores as votações na esquerda, em especial no PCP e APU, e menores as votações nos partidos reaccionários. O que ali ocorreu durante a última campanha eleitoral e no próprio acto eleitoral é bem expressivo das «liberdades» que defendem os partidos e caciques reaccionários. Para melhor se interpretar os resultados das últimas eleições efectuadas no concelho de Mirandela, convém analisar as quatro eleições ali realizadas. O quadro junto contém os resultados globais do concelho. Mas para uma análise mais aprofundada é necessário estudar também os resultados em cada freguesia. Algumas das conclusões que se podem tirar de tais análises parecem ser as seguintes:

● Em primeiro lugar, e tendo em conta apenas os resultados das penúltimas e últimas eleições, salta à vista que os grandes derrotados foram o CDS (que perde 66% dos seus anteriores votos) e o PS (que perde 62% dos seus votos). Os grandes vencedores foram a APU (que aumenta 35% os seus anteriores votos) e o PPD (que aumenta 29% os seus votos). Nestes resultados parece

terem influído como causas próximas:

- No que toca ao CDS, a total incompetência e ineficácia da sua administração municipal, e a aliança PS-CDS, que certamente muitos fascistas do CDS não aprovam;
- No que toca ao PS, a sua política de direita e as suas alianças de direita que ainda recentemente teve chocante expressão no distrito de Bragança com a substituição feita pelo então ministro Jaime Gama, do ex-governador civil Verdasca (homem tido por PS de esquerda) pelo actual governador civil, homem da confiança do CDS;
- No que toca à subida da APU, ela enquadra-se na subida sistemática, ao longo das quatro eleições, do PCP e seus aliados na APU; é o reflexo pontual de uma tendência de fundo e, por isso, é mais adequado fazer a sua interpretação a analisar-se os resultados das 4 eleições;
- No que toca ao PPD trata-se apenas de uma recuperação parcial de votos anteriormente perdidos para o CDS e para a abstenção; trata-se de uma transfusão de votos dentro da direita, devido ao facto de, por um lado, o PPD se não ter aliado ao PS e assim parecer mais convenientemente da direita e, por outro lado, ainda não ter tido oportunidade de ali demonstrar claramente, ao nível de administração municipal, o seu real desprezo pelos interesses do Povo do concelho.

Deve aliás dizer-se que o PPD partiu de enorme vantagem que lhe deu o facto de, com o seu golpe de demissão na Câmara Municipal anterior, ter assim

escolhido o momento e o pretexto para ali desencadear a guerra fratricida contra o seu irmão CDS.

Tendências de fundo

Porém, mais do que os resultados imediatos, importa analisar as tendências de fundo observáveis ao longo das quatro eleições.

- A primeira tendência de fundo que importa analisar, é a tendência para a abstenção que passa da ordem dos 1500 eleitores para a ordem dos 10000. Mas o que importa é saber quem perde estes votos. Ora, dos quatro grandes partidos, quem perde estes votos são, como o quadro mostra os dois partidos reaccionários CDS e PPD e o PS que, como toda a gente sabe tem conduzido sempre uma política de direita. Ao contrário, a única força consequente de esquerda, o PCP e os seus aliados na APU, não têm perdido votos, mas aumentado sempre as suas votações. A conclusão a tirar desta abstenção parece, pois, ser a de que o Povo (tomado globalmente) acha cada vez menos útil votar nos partidos reaccionários e numa política de direita, ao mesmo tempo que cresce sistematicamente o número de homens e mulheres conscientes que votam de acordo com os seus interesses de classe e a sua opção ideológica de esquerda.
- Afirman os jornais reaccionários e de direita que as eleições de Mirandela revelam uma pretnsa tendência para uma viragem na correlação

nacional de forças entre direita (PPD mais CDS) e esquerda (PS mais PCP). Tal campanha baseia-se no facto de o PPD ter aumentado a sua votação (à custa do CDS) e o PS ter sofrido uma importante derrota. Mas como os números mostram, tal campanha é uma colossal mistificação. Na verdade, como se pode ver no quadro junto, a direita foi sempre largamente maioritária em Mirandela e, portanto, Mirandela nunca exprimi a realidade nacional de três eleições sucessivas que sempre deram a vitória à esquerda. Efectivamente, o que os números mostram, se quisermos analisar a tendência de fundo revelada pelo conjunto das quatro eleições, é que, em Mirandela, tende a diminuir a diferença de votos entre a direita e a esquerda. Na verdade, se é certo que essa diferença aumentou ligeiríssimamente entre as últimas e penúltimas eleições (aumento de 136 votos), é igualmente certo e muito mais significativo que tal diferença, que já foi de 4380 votos nas eleições para a Assembleia da República, é agora de 3051, isto é, tal diferença diminuiu de 1328 votos. A tendência de fundo em Mirandela é, pois, de se encurtar a vantagem eleitoral da direita sobre a esquerda. Tal conclusão resulta, igualmente, da análise que se faça partido e partido.

Na verdade o PPD, que agora recuperou 898 votos que foi buscar ao CDS, perdeu, entre a sua maior votação e a actual, 1513 votos. O CDS, que chegou a ser o partido mais votado, perdeu, entre a sua maior votação e a actual, 2170 votos.

Quanto ao PS, perdeu entre a sua maior votação (aliás «inflacionada» por nele, então, terem votado «liti» fascistas do CDS) e a actual 2850 votos. Tal facto constitui um sério aviso ao PS quanto às consequências da sua política de direita e das suas alianças à direita. Quanto ao PCP-APU, aumentou 41 votos entre as primeiras e segundas eleições, 257 entre as segundas e terceiras e 277 entre as terceiras e as quartas eleições. Portanto, entre a sua menor votação e a actual, o PCP-APU aumentou 575 votos.

Subida sistemática

Mas a tendência de fundo, sem dúvida mais significativa, é a da sistemática subida e grandes vitórias nas últimas eleições do PCP-APU. Algumas

1.º lugar em duas freguesias do concelho de Mirandela (Carvalhas com 42% e Navaho com 65%), ter conquistado o 2.º lugar em nove outras freguesias e o 3.º em outras sete. Deve assinalar-se que, em quase todas estas freguesias, o «Povo Unido» estava, nas penúltimas eleições, em 4.º lugar. Frise-se ainda que em 29 das 37 freguesias do concelho o «Povo Unido» subiu a sua percentagem eleitoral, tendo em 24 subido em número absoluto de votos, relativamente às penúltimas eleições que, por sua vez, tinham já constituído um grande êxito relativamente às eleições anteriores.

A análise dos resultados eleitorais, no conjunto das freguesias do concelho de Mirandela, e tendo em conta as quatro eleições realizadas, mostra claramente que o avanço do PCP-APU é praticamente geral e sistemático de eleição para

Dois estilos de campanha

A APU conduziu uma campanha construtiva e que procurou unir a população com base na apresentação de uma alternativa democrática para a gestão «desastrosa, caótica e incompetente» do CDS. Principal alvo da campanha de intimidação e restrição das liberdades conduzida pela direita, a APU soube resistir às ameaças e à repressão e conduzir com combatividade uma campanha que obteve forte audiência popular, a qual encontrou uma das suas expressões no número elevado de presenças nas sessões eleitorais realizadas. A dedicação aos interesses da população e a vontade de contribuir para o desenvolvimento do concelho estavam bem consubstanciadas na consigna da campanha eleitoral da APU: «Tudo por Mirandela».

A direita (PPD e CDS), pelo contrário, baseou a sua acção na intimidação, na repressão e no anticomunismo e na tentativa de atrair apoio eleitoral através da deslocação para Mirandela de dirigentes nacionais desses partidos. Assim, o CDS anunciou a presença do ex-ministro Basílio Horta, que aliás não compareceu; o PPD, pelo seu lado, contou com a presença do chefe Sá Carneiro. Da parte do PPD verificou-se também o aproveitamento da gestão incompetente conduzida pelo CDS.

O PS, pelo seu lado, embora tenha deslocado a Mirandela dirigentes nacionais como Raul Rogo, Carlos Lege e António Arnaut, não conseguiu recuperar a sua imagem antifascista e de esquerda, degradada devido às suas alianças com a direita.

das mais relevantes expressões de tais vitórias são as seguintes:

- De quarta força política, que era situada muito abaixo das outras três (nas penúltimas eleições em que o Povo Unido já obteve 7,6% ainda todos os outros se colocavam acima dos 25%), a APU quase duplica a sua percentagem nas últimas eleições, ultrapassa o PS e «coloca-se em terceiro lugar» a poucos votos do CDS.
- Certamente que se não fossem as limitações às liberdades e as incorrecções eleitorais que se verificaram em Mirandela, a APU ter-se-ia colocado em segundo lugar.
- Extremamente significativo e de grande importância foi o facto de a APU ter alcançado a elevada percentagem de 27,4% dos votos da vila de Mirandela (principal centro económico e político do Distrito de Bragança) colocando-se solidamente em 2.º lugar, depois do PPD com 36,6% e acima do PS com 19% e do CDS com 14,6%.
- Igualmente significativo e importante foi o facto de a APU ter, pela primeira vez, ficado em

eleição. Nenhuma campanha mistificatória pode alterar esta realidade profunda.

O mesmo não aconteceu com a direita. Na verdade, a perda de dois vereadores do CDS e a eleição pelo PPD de mais dois, não significa um aumento de votos na direita, mas sim uma deslocação do eleitorado dentro da própria direita. Por outro lado, enquanto o PS perdeu um vereador, a APU conseguiu eleger um (o seu cabeça de lista, arquitecto Abílio Mendo), o que proporciona à APU a sua participação na vereação daquele importante concelho do distrito de Bragança, e uma intervenção mais directa na luta pela resolução dos seus problemas.

As perdas reais dos partidos reaccionários e da política de direita do PS significam que um número crescente de trabalhadores e sobretudo camponeses já se não deixam enganar e iludir facilmente. O avanço do PCP-APU é o avanço inexorável da consciencialização dos trabalhadores e a expressão política do largo avanço do movimento camponês em todo o Norte.



Mirandela: numa região onde domina o caciquismo reaccionário — o Povo Unido ganha terreno

EVOLUÇÃO DAS VOTAÇÕES NO CONCELHO DE MIRANDELA

	ABSTENÇÕES		PCP/APU		PS		PPD		CDS		PCP/APU + PS		PPD + CDS		(PPD+CDS) - (PCP+PS)	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
As. Const.	1 503	9,4	489	3,4	3879	26,9	5530	38,4	2256	15,7	4368	7786	3418			
As. Rép.	3 577	20,2	530	3,7	3459	24,4	5162	36,4	3207	22,6	3989	8369	4380			
C. M./76	7 323	41,3	787	7,6	2714	26,1	3119	30,0	3297	31,7	3501	6416	2915			
C. M./78	10 246	57,7	1064	14,2	1029	13,7	4017	53,6	1127	15,0	2093	5144	3051			

As «liberdades» da direita

A campanha eleitoral e o próprio acto eleitoral foram marcados por uma larga série de irregularidades, cuja influência nos resultados e significado político são óbvios.

Vejamos alguns exemplos, devidamente sistematizados:

1. Foram estabelecidas restrições à propagação através de uma postura inconstitucional e ilegal, da responsabilidade da Comissão Administrativa, ao abrigo da qual se verificaram deturpações e avultadas multas.
2. Verificou-se a destruição sistemática e organizada da propaganda da APU, mesmo nos próprios painéis especialmente destinados para o efeito pelos órgãos autárquicos.
3. Registraram-se boicotes a cedências de salas e desapareceram misteriosamente as chaves de salas cedidas para sessões de esclarecimento.

4. Duas sessões da APU foram boicotadas por provocações de arcaicos reaccionários.

b) Durante o acto eleitoral Em AVANTOS, a mesa foi formada só às 11 e 30, quando devia ter sido aberta às oito horas.

Em CABANELAS, um caneco de plástico substituiu a uma. Foi entregue um protesto pelo delegado da APU. Cabanelas é terra natal de Marcelo Lago, 1.º candidato do PPD e presidente da Comissão Administrativa da Câmara que agora cessará funções.

Em LAMAS DE ORELHÃO, um PPD ameaçou o delegado da APU. Estavam afixados boletins de voto à porta com uma cruz no PPD.

Em MASCARENHAS, abriram a assembleia de voto às 7 horas da manhã, alegando que havia uma feira nas redondezas. Dois membros da mesa, do PPD, andaram da parte da tarde, de casa

em casa, a caçar votos. Diziam: «Se não vão votar, o PPD perde e os projectos (de obras) não vão para a frente».

Em PEREIRA, estava afixado um boletim de voto com uma cruz no PPD. O presidente da mesa — professora primária de nome Maria da Glória, do CDS — indicava aos eleitores a ordem dos partidos no boletim de voto. Quando reteria a APU dizia: «E por último a APU, que são os comunistas». Eram os próprios eleitores que introduziam o voto na urna. O delegado da APU tentou apresentar protesto por escrito que a mesa recusou receber, apesar da intervenção posterior de dois candidatos da APU. Tentaram levantar obstáculos à entrada de dois candidatos na assembleia de voto. Fizeram ameaças ao delegado da APU e ameaçaram de pancada o candidato da APU Viriato Alves. Tentaram ainda

impedir a saída do candidato da aldeia, com dois carros. Das 14 às 15 horas, a mesa funcionou sem quorum, só com dois membros.

Em S. PEDRO VELHO, cerca das 12 e 30, houve ajustamento por toque de sino a rebate. A iniciativa partiu de caciques, gente do CDS (quem foi tocar o sino foi uma mulher do CDS), no que foi acompanhada por outras mulheres. O objectivo era linchar o delegado da APU. Um grupo de habitantes da freguesia neutralizou tal iniciativa.

Aqui, a mesa de voto n.º 1 só abriu às 10 horas. Ainda aqui, uma professora primária do CDS votou utilizando o nome de outra eleitora com o mesmo nome. A dita professora estava recenseada em Vila Boa.

Em S. SALVADOR e VILA BOA estavam afixados a porta boletins de voto com uma cruz no PPD.

Em VALE DE TELHAS várias

personas, encabeçadas por um cacique, chegaram junto da mesa de voto e era esta que punha a cruz nos boletins. Foi feito protesto verbal pelo delegado da APU, que não foi aceite. Ameaçavam constantemente o nosso delegado de pancada.

O presidente da mesa recebia boletins de voto sem estarem dobrados e via em quem se votava. Permitiu concentrações de pessoas dentro da assembleia de voto, mesmo de gente que já tinha votado. Num dos casos, uma das pessoas estava a fazer campanha anticomunista. Apesar da tentativa de protesto escrito sobre estes factos do delegado da APU e de um candidato da APU se ter ali deslocado, a mesa recusou sempre receber o protesto. Quer o delegado, quer o candidato foram ameaçados de pancada, no que se destacou um elemento da mesa chamado Orlando Lago, do PPD.

irmão de Marcelo Lago. Este Orlando Lago, depois da saída do concelho da APU, disse: «Se ele cá voltasse, não saía daqui».

Em muitas mesas as urnas não estavam lacradas.

Em resumo, onde as forças de direita dominam, abunda a repressão, as irregularidades e ilegalidades e verifica-se a supressão das liberdades democráticas.

Um acto eleitoral realizado nestas condições não reflecte exactamente a vontade do eleitorado. Existem reais possibilidades de «chapeladas» em vários sítios.

Não é possível, naturalmente, dizer quais seriam, com exactidão, os resultados eleitorais em condições de plena liberdade e igualdade democrática. Uma coisa é certa: a votação de esquerda seria certamente muito superior.

Saudação do PCP à Etiópia revolucionária

Em representação do nosso Partido, encontra-se na Etiópia o camarada Rogério de Carvalho, membro do Comité Central, que em Adis Abeba assiste às comemorações do quarto aniversário do triunfo da Revolução Etiópe (12 de Setembro).

Ainda na capital da Etiópia, o camarada Rogério de Carvalho participará, na qualidade de representante do PCP, nos trabalhos da Conferência Internacional de Solidariedade com a Luta dos Povos Africanos e Árabes contra o Imperialismo e a Reacção, que decorrerá de amanhã a domingo.

Entretanto, o Comité Central do nosso Partido enviou ao Conselho Militar Administrativo Provisório da Etiópia Socialista

a seguinte mensagem de saudação:

Por ocasião das comemorações do 4.º aniversário da Revolução Etiópe, o Comité Central do Partido Comunista Português envia-vos e, por vosso intermédio, aos revolucionários, aos democratas e a todo o povo trabalhador da Etiópia Socialista as suas calorosas e fraternas saudações.

É com profundo interesse que os comunistas portugueses têm seguido a luta das massas trabalhadoras etíopes contra as sequelas do regime feudal-burguês e contra as tentativas de dominação do imperialismo por profundas transformações políticas e socioeconómicas que abram à Etiópia o caminho do socialismo.

dos povos, procurando manter e, se possível, reforçar, as suas posições na zona do Oceano Índico e do Mar Vermelho.

Os comunistas portugueses desejam-vos pleno êxito na vossa luta pelo prosseguimento do processo revolucionário iniciado em 1974, pela democracia, a independência nacional, a paz e o socialismo.

Fazemos também votos, queridos camaradas, para que se reforcem as relações de cooperação e solidariedade recíproca entre o Conselho Militar Administrativo Provisório e o Partido Comunista Português e se estreitem os laços de amizade entre os nossos dois povos.

Esta acção de provocação e ingerência inserem-se nos projectos de reacção e do imperialismo, no sentido de impedir o desenvolvimento do processo de emancipação

Octávio Pato em Odemira

O camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do nosso Partido, estará presente no comício a realizar no próximo sábado em Odemira.

A sessão começa às 16 horas.

Reunião de camaradas de Castelo Branco

Para tratar de alguns problemas de interesse para o nosso Partido, pedimos aos camaradas que vivam na zona da grande Lisboa, e que sejam naturais do distrito de Castelo Branco, que estejam presentes numa reunião a realizar no próximo sábado, dia 23, pelas 15 horas, no Centro de Trabalho na Rua Soeiro Pereira Gomes (à Rua da Beneficência).

O maior comício partidário realizado no país

Jornada de convívio, com profundas e variadas manifestações artísticas, culturais, desportivas e recreativas, a Festa do «Avante!» voltou a ser também uma grandiosa jornada de esclarecimento político e de reflexão sobre os problemas fundamentais que caracterizam a situação actual do país.

Assim, por intermédio do camarada Álvaro Cunhal, o nosso Partido, cujo Comité Central se reuniu na manhã de domingo, último dia da Festa do «Avante!», divulgou a milhares e milhares de pessoas a sua opinião sobre a crise actual que domina a cena política, apontando ao mesmo tempo a saída democrática por que vêm lutando os comunistas num esforço eminentemente patriótico.

Ao cair da tarde de domingo os milhares de visitantes que se dirigiam para a zona do palco 1, iam formando um gigantesco bloco humano que, apesar do intenso calor, aumentava cada vez mais à medida que se aproximava o início do comício com as camaradas Álvaro Cunhal e Dias Lourenço.

Bandeiras desfaldadas, punhos no ar, palavras de ordem em apoio

à orientação patriótica do Partido da classe operária portuguesa, em apoio à unidade popular e à solidariedade internacional, expressões de firmeza mas também de confiança e alegria nos rostos de novos e velhos, de homens e mulheres que estão com o PCP na luta pelo avanço da democracia rumo ao socialismo — estas algumas das imagens do maior comício partidário que até hoje se realizou em Portugal.

Perante mais de 250 mil pessoas — tantas foram as que assistiram ao entusiasmado comício, embora os stands, pavilhões e aréas da Festa continuassem a registar a presença de muitos camaradas e amigos, que puderam ouvir as intervenções do comício através da instalação sonora da Festa — subiram ao palco 1, tribuna da sessão, todos os elementos do Comité Central do Partido, membros das Direcções das Organizações Regionais (DOR's), a Comissão Directiva da Festa e ainda os representantes de todas as delegações estrangeiras, a quem foi dispensada uma particular atenção por parte da assistência, numa afirmação de vivo espírito internacionalista. Entusiasmadamente saudado,

o camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do CC, foi o primeiro orador do comício, tendo agradecido a colaboração, o trabalho e o esforço de todos os que de uma forma ou outra proporcionaram a realização da Festa. A intervenção do director do «Avante!», que publicamos à parte, focou ainda os vários aspectos da nossa Festa e saudou todas as representações dos órgãos centrais de partidos irmãos e movimentos de libertação nacional.

Em seguida, usou da palavra o camarada Álvaro Cunhal, cuja intervenção (de mais de uma hora) seria frequentemente interrompida por fortes aplausos e palavras de ordem, que, aliás, se fizeram ouvir logo no início do comício, quando o secretário-geral do Partido subiu ao palco.

Publicamos à parte e na íntegra a intervenção do camarada Álvaro Cunhal, documento de viva actualidade e de importância fundamental para a plena compreensão da situação política e das tarefas que se colocam a todos os militantes e simpatizantes do nosso Partido.



O camarada Dias Lourenço no uso da palavra, durante o gigantesco comício da Festa

Saudação aos que contribuíram para fazer da Festa uma grande Festa!

Queridos Camaradas
Estimados convidados

Amigos

Com alegria me desempenho da honrosa tarefa de vos trazer aqui, em nome da Comissão Executiva da Festa e do colectivo dos trabalhadores do «Avante!», as nossas saudações mais calorosas.

A todos vós que com a vossa simples presença destes à nossa Festa de 78 a vibração popular que a animou nestes inesquecíveis três dias queremos ainda transmitir a expressão do nosso mais vivo reconhecimento.

A nossa Festa não acabou ainda mas desde já podemos considerá-la como um grande sucesso do nosso Partido e da sua organização nacional, como uma nova e grande afirmação da capacidade realizadora dos comunistas.

A Festa de 78 beneficiou numa medida notável do esforço hercúleo dispendido o ano passado por milhares de camaradas. Neste magnífico fim-de-festa comeríamos uma injustiça grave se não trouxéssemos aqui uma palavra de realce para todos os camaradas e amigos que este ano com o seu trabalho esforçado, a sua dedicação sem limites, a sua criatividade, possibilitaram esta inolvidável jornada popular do Jamor.

Os homens, mulheres e jovens que construíram esta pequena cidade de 30 hectares, que a planificaram, que resolveram alguns difíceis problemas técnicos em condições precárias, que puseram na realização de múltiplas tarefas, das mais simples às mais complicadas, toda a sua determinação e engenho, mostraram-se credores do nosso reconhecimento.

Operários industriais e agrícolas, intelectuais, empregados e técnicos comunistas, revelaram mais uma vez, nesta Festa do «Avante!», 78 a sua fisionomia popular, domínio da técnica, elevada qualificação artística e profissional e ao mesmo tempo conhecimento profundo dos problemas locais e regionais, reveladoras da sua capacidade para encontrar soluções correctas para as grandes questões que preocupam o povo e o país. Mostraram aqui, no Vale do Jamor o seu entranhado amor à pátria, a firme decisão de defenderem a todo o custo o património libertador de Abril, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controle operário, as liberdades democráticas.

Grandes colectivos de milhares de trabalhadores manuais e intelectuais das Organizações Regionais do Norte, das Beiras, do Oeste e Ribatejo, de Lisboa, do Alentejo, de Setúbal, do Algarve, das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, integrados de inúmeros trabalhadores sem partido, arregaçaram as mangas — não exactamente à maneira do prof. Freitas do

Amaral — e aí tendes saídos das suas mãos criadoras stands ricos de expressão, verdadeiros primores da arte popular, que falam da vida, do trabalho, dos problemas e inquietações e também das esperanças dos trabalhadores portugueses numa vida melhor.

Mais uma vez, na linha de tradição das suas Festas anteriores, dezenas de jovens rapazes e raparigas da UEC sacrificaram as suas férias para darem a esta Festa de 78, por vezes em condições de extrema incomodidade, a sua preciosa e entusiasmada contribuição aos trabalhos. Igualmente jovens operários e empregados da UJC participaram esforçadamente nesta exaltante obra comum e uns e outros, com o seu admirável pundonor juvenil, puseram de pé a sua «cidade da juventude».

Com a sua bela alegria infantil essas flores da nossa juventude que são os Pioneiros de Portugal construíram, com a ajuda de outras crianças aqui das redondezas e dos «pioneiros graúdos» que são os seus pais, a sua aprazível «cidade» que todos pudemos admirar.

Vários camaradas de sectores especializados (electricistas, montadores, médicos, enfermeiras, motoristas, carpinteiros, mecânicos e outros) deram à organização da Festa um valioso contributo.

Alguns dos trabalhos de implantação tiveram de ser entregues a empresas especializadas. Temos em alto apreço a forma como foram cumpridos prazos e contratos assim como a qualidade dos trabalhos executados. Aos operários da Contubos, da Montal, da Tubosol e de outras empresas contratadas agradecemos a prontidão e diligência posta na realização dos trabalhos que lhes foram confiados.

E de novo queremos exprimir aqui o nosso obrigado pela ajuda preciosa e sempre pronta que nos tem sido proporcionada pela prestimosa corporação dos Bombeiros de Linda-a-Pastora, extensivo à PSP e à Brigada de Trânsito da GNR da parte de quem encontramos facilidades imprescindíveis ao bom êxito da Festa.

Da parte doutros organismos oficiais e serviços públicos encontramos compreensão que nos apraz registar. Aliás, a Festa do «Avante!» pelas suas características populares e por tudo o que representa como iniciativa cultural e artística de grande projecção nacional deveria encontrar da parte das entidades oficiais facilidades e apoio, a começar, pela garantia de utilização futura do Jamor — um matagal que só a Festa do «Avante!» dignifica.

Camaradas e Amigos Este ano uma preocupação dominou a concepção da nossa Festa — fazer dela uma grande realização cultural, artística, desportiva, internacionalista e naturalmente política. Um lugar de destaque foi dado à história do nosso glorioso

Partido, às suas propostas políticas e também às lutas do nosso povo que tomaram possível o 25 de Abril.

Temos a certeza que a Festa do «Avante!» 78 terá preenchido neste aspecto uma elevada função pedagógica de natureza invulgar.

A nossa Festa é já hoje uma grande parada da canção, da música ligeira, do folclore, da arte cénica. Têm estado a actuar entre nós mais de 170 artistas oriundos de 14 países e mais de 240 portugueses.

Todos temos podido verificar a alta qualidade das suas exhibições. Estes mais de 400 artistas, cotados internacionalmente e no nosso país têm uma particularidade notável que deve ser realçada: são artistas de intervenção que se situam numa posição política inconfundível à esquerda.

Em nome da Comissão Executiva da Festa e estamos certos em nome das centenas de milhares de visitantes que tiveram a grande felicidade de os ouvir, aqui deixamos o nosso agradecimento e uma palavra de estímulo para que prossigam nessa via de renovação da sua arte.

Também deste ano a nossa Festa se abriu a uma iniciativa que lhe alargou notavelmente o seu conteúdo popular — o desporto.

Fazer da Festa do «Avante!» uma grande jornada de propagação desportiva foi o nosso objectivo. As realizações desportivas que ontem tiveram lugar caracterizaram-se pela participação de milhares de atletas populares e amigos do desporto.

Pudemos ontem assistir a um espectáculo jamais visto em Portugal — a marcha da saúde e da alegria que mobilizou no belo panorama do Jamor milhares de participantes.

Com pleno êxito a organização da Festa fez movimentar durante mais de um mês em todo o país muitos milhares de participantes. Mais de 220 equipas de futebol disputaram um torneio de características vincadamente populares.

Pudemos também apreciar ontem no Estádio do Jamor e no próprio recinto da nossa Festa atletas e ginastas da alta cotação internacional. Pensamos ter proporcionado ao desporto português um serviço útil trazendo a Portugal atletas estrangeiros de reconhecido valor com os quais, atletas portugueses dos mais destacados puderam competir e alguma coisa aprender.

A todos os atletas e ginastas portugueses e estrangeiros e às Federações Portuguesas de Atletismo, de Ginástica e de Xadrez que gentilmente patrocinaram as nossas iniciativas os nossos agradecimentos.

Camaradas e Amigos A Festa do «Avante!» tomou-se já uma realização de grande projecção internacionalista.

A imprensa comunista e operária internacional está largamente representada no Jamor e numerosos órgãos de partidos irmãos e de movimentos de libertação nacional têm na nossa Festa stands que nos falam da luta dos seus povos, da realidade dos seus países, da sua feição internacionalista.

27 delegações de órgãos centrais e ainda da Revista da Paz e do Socialismo estão aqui conosco. A sua presença na nossa Festa exprime-se por um grande lema da luta da classe operária, de todos os trabalhadores e progressistas do mundo inteiro:

— Solidariedade Internacional

Do coração saudamos os representantes dos órgãos centrais de partidos irmãos e movimentos de libertação nacional da União Soviética, da República Democrática Alemã, da Bulgária, da Angola, de Moçambique, da Guiné-Bissau, e de Cabo Verde, da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria, de Cuba, da Roménia, da Mongólia, da Jugoslávia, da Itália, da França, da Grécia, da República Federal da Alemanha, do Chile, do Uruguai, da Espanha, da Argentina, da Síria, da Holanda, de Berlim-Oeste, de Marrocos, da África do Sul.

Alguns órgãos da imprensa comunista e operária internacional enviaram-nos desvaneceadoras saudações.

Estão nesse caso os do Iraque, Luxemburgo, Dinamarca, Guiana, Martinica, Inglaterra, Bélgica, Japão e da SWAPO, dos povos do Sudoeste Africano. Deixo para o fim a menção de uma significativa mensagem de um jornal que teve na nossa festa do ano passado o seu representante. Este ano, com as suas fratemas saudações justificavam a sua ausência com as complicações actuais da situação do seu país. Refiro-me ao Vietnam heróico agora provocadamente ameaçado por forças que escolheram o campo dos inimigos do socialismo. Daqui lhes dizemos: Estamos conosco, camaradas Vietnamitas!

Queridos Camaradas e Amigos Estimados convidados O «Avante!» que dá o nome a esta Festa, voz do PCP, honra-se com a vossa presença.

O «Avante!» de hoje mantém-se na linha de combate do nosso pequenino e glorioso «Avante!» do negro período clandestino sob o fascismo.

O nosso jornal tem uma história exaltante como exaltante é a história do nosso Partido.

Procuraremos, o colectivo dos trabalhadores do «Avante!», estar à altura da gloriosa história do nosso Partido e do nosso Jornal.

Viva a Festa do «Avante!»
Viva o «Avante!», voz do PCP!
Viva o nosso grande e glorioso PCP!

Com a Reforma Agrária, a garantia de trabalho e pão!

Um homem ainda novo, de mangas arregaçadas, observa atentamente um painel. Quase parece entrar dentro dele de tal modo se aproxima, olha de um lado e mais outro ainda. E no fim, minutos passados, volta-se para trás, para a mulher de rosto acusando os efeitos do calor abrasador da tarde de sábado no Vale do Jamor e diz:

«Tu olha-me bem para isto! Como os «tipos» são capazes de com uma reserva destruir toda uma cooperativa e roubar o trabalho aos homens da Reforma Agrária».

Com o dedo da mão grande, queimada pelo sol, gasta pelo trabalho, provavelmente industrial, aponta as manchas do painel, segue a linha limite da reserva demarcada, tenta explicar em palavras por vezes inabêlo o que vê. E a mulher, subitamente atenta, só tem um comentário:

«Por essa e por outras é que a vida está pela hora da morte. Deixassem eles produzir, e aqui na cidade havia mais fatura. Eu faço

ideia das dificuldades das mulheres dos trabalhadores da cooperativa sempre com medo das reservas que tirem o pão aos filhos».

A cena passou-se em frente de um dos painéis da zona na qual a Reforma Agrária se encontrava representada. O painel exibia «um exemplo de marcação de reserva que destrói as cooperativas: caso da cooperativa «Resistência Popular» — S. Cristovão, Montemor-o-Novo».

dores, os armazéns, os estábulos, os celeiros estão situados.

Isto compreendeu aquele casal de trabalhadores da cidade, isso sentiram aquele homem, solidário com os seus companheiros do campo, e aquela mulher, desperta para a solidariedade com as companheiras que trabalham na Reforma Agrária. Afinal, uma só solidariedade, sentida por tantos, que é uma aliança indestrutível entre o trabalho da cidade e do campo, entre os que produzem e lutam de mãos unidas contra o capital, e a exploração.

A mãos que tratam a terra e o aço, fazem arte

Nos pavilhões da DOR e da DORA,

através dos quais a Reforma Agrária se exprime mais veementemente, como aliás no pavilhão da DORS e um pouco por toda a parte, salientava-se a demonstração da arte popular ao serviço da Revolução. A par de trabalhos simples e bordados e lãs, viam-se objectos de cortiça e madeira, autênticas manifestações artísticas. As mãos dos trabalhadores que tratam a terra e o aço fazem arte: esta a mensagem ali visível, esta a realidade que abre perspectivas inexploradas numa frente que é ainda e sempre a da luta pela democracia e a liberdade.

Profusamente ilustrado, o pavilhão dedicado à Reforma Agrária falava

aos visitantes da Festa do «Avante», das conquistas dos trabalhadores da terra, dos esforços por maior produção, da repressão sofrida no tempo de Barreto e Portas. Eram fotografias eloquentes: a Guarda Nacional Republicana fugitando quem lutava por trabalho e pão; costas marcadas de trabalhadores, rostos sofridos mas inabaláveis. Mas, apesar de tudo, não era o rancor (quantos GNR não são filhos dos trabalhadores, quantos não são vítimas da alienação, cegos por enganos, envenenados por mentiras e calúnias?) mas sim a vontade expressa «contra a repressão, por uma política de concertação e diálogo». Eram fotografias do «Alentejo que trabalhamos», entre as

quais as faces de duas jovens diziam da confiança no futuro a construir aqui e agora. Eram imagens das «novas culturas introduzidas pelos trabalhadores na Reforma Agrária», das «mais máquinas na Reforma Agrária, maior riqueza para o país». Era, numa parte dedicada aos pequenos e médios agricultores, a manifestação das suas reivindicações, das suas necessidades, da vida difícil que não merecem, era o desejo que se faz acção, o desejo esforço, o desejo a comandar esclarecimento, a comandar compreensão para as dificuldades, o desejo que tem de ser impulso de luta jamais abandonada por «maior cooperação e aliança com os pequenos

e médios agricultores».

Era o Mercado da Reforma Agrária, as melancias abertas em vermelho de fresquidão, o melão dourado pálido vindo dos campos de Vila Franca, as uvas verdes de bagos longos, das uvas negras redondas, o azeite, a brota, produtos da terra, produtos nascidos pelo trabalho dos que labutam na Reforma Agrária passando para as mãos dos que na cidade fazem mover as fábricas, os escritórios, o comércio.

Por todo o lado, nas fotos, nos gráficos, nos quadros, nos trabalhadores que passavam e ficavam, nas conversas trocadas, era o grito de uma vontade:

No caminho de Abril, avante com a Reforma Agrária!

O trabalho no Jamor ainda não terminou!

A Festa acabou mas o trabalho no Jamor continua ainda! Há pavilhões para desmontar, estruturas para derrubar, deixando de novo a terra nua que os comunistas encontraram e onde ergueram a grandiosa Cidade da Festa do «Avante!».

Camarada, Amigo:

Todos juntos não somos demais para o trabalho de desmontagem que tem de ser realizado num curtíssimo prazo. Tu que, provavelmente trabalhaste, com entusiasmo, sem ceder ao cansaço, na montagem da Festa, tu que viveste a Festa, vem ajudar agora aos trabalhos finais.

Atenção:

No próximo fim-de-semana, sábado e domingo, há transporte para o Jamor, no Centro Vitória, entre as 8 e as 10 horas.

E não esqueças que durante a semana, ao fim do dia, é necessário também a tua vontade generosa, ajudando ao trabalho no Vale do Jamor.

EPs premiadas no 3.º sorteio



1.º — 181 836
2.º — 172 077
3.º — 144 368
4.º — 100 424
5.º — 62 769
6.º — 172 875
7.º — 94 710
8.º — 147 811
9.º — 8 315
10.º — 39 595
11.º — 4 011
12.º — 120 314
13.º — 186 341
14.º — 146 474
15.º — 112 766
16.º — 106 624
17.º — 106 633
18.º — 170 550
19.º — 8 636
20.º — 8 615
21.º — 153 518
22.º — 72 798
23.º — 42 150
24.º — 42 149
25.º — 124 927

Lembramos que o 1.º prémio corresponde a uma viagem a Moscovo para duas pessoas a fim de assistir aos Jogos Olímpicos de 1980.



Os problemas da agricultura e da pecuária não estiveram ausentes da Festa

A Foice e o Martelo na luta e na arte

No centro da cidade do Jamor um grito verde de esperança. Impossível passar despercebido, mesmo aos olhos distraídos de quem seguia aturdido pela grandeza da festa, pelas múltiplas solicitações de cada «stand», ou mesmo pelo calor sufocante da tarde. Verde e grande, qual símbolo de confiança no futuro que dia-a-dia construímos, o Pavilhão Central da Festa do «Avante!» era um convite.

Um convite que foi aceite e passado de boca em boca, a julgar pela corrente sempre renovada de visitantes que durante os três dias ali acorreram para participar nas diversas iniciativas culturais e políticas levadas a efeito. Incontáveis foram os que se ficaram admirativos junto ao monumento central do Pavilhão, subordinado

ao símbolo da aliança operária-camponesa — a foice e o martelo. Alguns não resistiram mesmo à pose para objectiva, no compreensível desejo de mostrar aos vindouros que tinham estado ali, na grande Festa, solidários com a vida e a luta dos comunistas, com a vida e a luta do povo a que pertencem. Mas se o belo monumen-

to atraía as atenções, as bocas abriam-se num espanto e os olhos pareciam querer saltar do seu lugar perante a maravilhosa exposição da «Foice e do Martelo». Centenas de verdadeiras obras de arte, de miniaturas a obras de grande porte, testemunhavam quanto pode a imaginação do homem avançar nos caminhos da criação do belo.

Já se esperava o êxito que de facto se alcançou. O que não se poderia prever, certamente, era a forma como o mesmo se iria materializar. Das espigas de trigo à cortiça, dos grãos de feijão à corda, todos os materiais foram bons para dar corpo àqueles dois instrumentos de trabalho — a foice e o martelo — que em todo o mundo simbolizam a luta do proletariado por um mundo de paz e de justiça social.

Os artistas anónimos, trabalhadores do campo, da

fábrica, do escritório, que com a sua arte forjada na luta permitiram tão valiosa exposição, não esquecerão jamais a eloquente homenagem recebida, simplesmente, dos milhares de pessoas que admiraram as suas obras.

Como não as poderão esquecer os que tiveram oportunidade de as ver, dos que seguiram em frente já com mágoa de se não poderem quedar mais tempo. O tempo foi tão curto que tanta coisa «escapou»...

Não podemos deixar de dar razão àquele amigo já entrado nos anos, chapéu de feltro na cabeça e o braço a sobraçar o casaco desnecessário, que de olhos marejados dizia para quem o rodeava — «isto devia mas era correr pelo País, para todos poderem ver...»

Talvez um dia, quem sabe, a exposição da foice e do martelo possa seguir viagem e correr Portugal, levando a sua mensagem de amor e luta aos que ainda não sabem a beleza da arte feita em cada dia de trabalho e confiança.

Outro tanto se poderia dizer da exposição de obras de arte de todos os tempos, que reproduzidas em gigantescos painéis, noutro lado



Instalada no Pavilhão Central, a exposição da foice e do martelo foi muito apreciada



A foice e o martelo, símbolo da aliança operário-camponesa, símbolo do nosso Partido, símbolo da vitória dos trabalhadores

do Pavilhão Central, ilustravam o que têm sido ao longo de gerações as lutas pela libertação do Homem.

Subordinada ao tema «Arte e os Caminhos da Libertação» a exposição patenteava obras-primas da Renascença aos nossos dias, da autoria de artistas nacionais e estrangeiros.

A par do aspecto cultural, os visitantes do Pavilhão Central tiveram ainda oportu-

nidade de assistir e sobretudo participar em numerosos colóquios orientados por camaradas da direcção do nosso Partido.

Nos dois auditórios que funcionavam para o efeito a participação foi sempre grande e o número de questões abordadas bastante variado. Al se debateram problemas nacionais e a posição dos comunistas face à defesa

e consolidação da democracia, questões internacionais e relações do PCP com os outros partidos operários e progressistas.

Os filmes foram curtos, na opinião dos interessados. Todos gostariam de ver mais sobre os problemas do mundo. Como gostariam que a Festa não terminasse tão cedo («só três dias? Como vou ver tudo?»).

Também a actividade das mulheres comunistas, das autarquias e do «Militante» mereceu atenção. Do muito que já se fez e do muito mais que ainda importa fazer falavam os que por lá passavam, curiosos e preocupados com as perspectivas futuras, e ao mesmo tempo confiantes na vitória. Como dizia aquela jovem futura mãe, quem poderá duvidar da nossa força?

A Festa pensou na criança a criança engrandeceu a Festa

A Festa do «Avante!» foi também a festa da infância, das crianças que encontraram um pequeno mundo à sua medida na Cidade dos Pioneiros. A Festa pensou, ainda mais do que no ano passado, na criança. Mas a criança também fez a Festa, enriquecendo-a com expressões maravilhosas da sua espontânea criatividade, com a sua presença cheia de alegria e força de viver, com o seu trabalho do qual a Cidade dos Pioneiros foi um fruto aberto ao sol do Jamor.

A criança contribuiu para a grandeza da Festa: esta uma realidade a pesar em qualquer balanço sobre a extraordinária jornada do Jamor. Para a sua presença, o espaço, embora maior do que em 1977, foi pouco. Como alguém definiu «eram, cachos e cachos de miúdos». Muitos deles nunca tinham sequer ouvido falar nos Pioneiros de Portugal. Mas depois de os terem encontrado ali no Jamor, depois de terem brincado, corrido, saltado, suado-se na terra, pintalgando vestidos, fatos, mãos e rosto com as tintas e os barros do atelier do Nada, ali com crianças em tudo iguais, não há quem os segure no entusiasmo pelos Pioneiros.

Uma mãe que procurava «arrancar» um filho que resistia no recinto de uma «pescaria» mágica, num lagozinho donde saíam surpresas, dizia-nos:

«Antes de vir cá eu pensava que nos Pioneiros havia uma certa «politiçue» e não estava de acordo. Depois de ter visto esta autêntica cidade organizada para a criança, as coisas fantásticas daquela exposição com trabalhos dos miúdos sobre o «Estudar

e Brincar no Portugal de Abril», depois de ver aqueles trabalhos que se nota serem mesmo feitos pelas crianças, aquelas redacções, os desenhos, as tapeçarias, o valor à amizade e ao trabalho, também vou pôr, com todo o gosto, o meu filho nos Pioneiros. Vou-me informar como é. Para ele, vai ser uma alegria. Desde que aqui veio ontem e na 6.ª-feira que não se cala porque também quer ser Pioneiro».

Por toda a parte, naquele mundo feito pela infância e para a infância, sob a orientação cuidada das monitoras, a mesma explosão de gritos, de contentamento, de entusiasmo. Por vezes, no espaço do balaço, do escorrega, das estruturas de divertimento, sucediam algumas cenas de «batatada», pois as bichas de criança eram por demais longas para conter a impaciência dos miúdos perante outros que uma vez instalados nos balaços, eram difíceis de arrancar. Mas no fim todos ficavam amigos ao ritmo do pontapé na bola, ao som das cantigas dos Pioneiros vindos de todo o país, das canções dos artistas que actuaram para a miudagem, e, de modo muito especial na comunhão da gargalhada perante os palhaços e o espectáculo do TIL.

O ESPAÇO FOI POUCO!

«Quando for grande, vou ser palhaço!» Esta foi uma afirmação vinda de muitas bocas infantis. E alguns

juntando à palavra o gesto, mostravam o seu jeito para as palhaçadas perante a outra miudagem de riso solto e olhos maravilhados.

A criança sentiu-se centro

daquele pequeno universo. O facto de tirar a sua própria senha para as refeições a preços diferentes para a miudagem, e de passar à frente da longa bicha de adultos na mira dos bons petiscos, era motivo de



Brincar livremente também foi uma festa. As crianças eram muitas mas os brinquedos também

orgulho generalizado. Os adultos, mesmo os que não levavam miúdos (e muitos foram os que iam à Cidade dos Pioneiros para ver — e ficaram), aplaudiam e comentavam a prioridade dada à criança.

Mas houve também tempo para birras e choros. As birras sucediam quando catraios não pioneiros teimavam que queriam também ir para os stands vender as coisas lindas dos diferentes núcleos dos Pioneiros de Portugal.

Os choros sucediam-se quando os pais estafados pelo sol e por andarem às voltas na Festa, davam a ordem do regresso à casa. Era ver as lágrimas correndo pelas caras sujas, os pedidos de «só mais um bocadinho», as revoltas «não quero ir», algumas vezes «espemera» dos mais relutantes, mesmo quando os pais repetiam «amanhã vens outra vez» ou «para o ano há mais festa».

Um ano é muito tempo para a criança do país, em todas as crianças do mundo, pensou a Festa. Se fosse caso disso, poder-se-ia dizer que a recompensa excedeu a expectativa. Por isso, para o próximo ano, o espaço concedido à criança, tem de ser bem maior. A presença das crianças neste ano, exige-o. Os Pioneiros de Portugal merecem-no.

«São amigos!»

Foram tantos, tantos os homens e mulheres que por ali, pelo Vale do Jamor passaram, tantas as crianças, tanta a alegria, a fraternidade, a admiração comovida pelas mãos anónimas dos comunistas que ergueram a cidade da Festa do «Avante!», tantas as amizades nascidas nestes três dias, tanto o que os olhos viram, tantas as emoções sentidas perante aquele esforço concretizado de uma realização grandiosa, que as palavras são magras para descrever o que de convívio, de calor humano se viveu no Jamor.

Fácil será falar dos pavilhões, do que continham, do que mostravam. Difícil, mesmo impossível, exprimir o que os olhos diziam, o que pulsava nos corações de quantos, comunistas ou não, visitaram o Vale do Jamor.

«Ele é tanto, tanto o povo que em 64 anos de idade nunca vi uma coisa assim», dizia uma velhota, sentada, descansando as pernas marcadas de varizes. «Nunca pensei que houvesse tantos comunistas.»

E logo uma jovem, com calças de treino, provavelmente vinda da Marcha da Saúde e da Alegria:

«Ó avó, é verdade que somos já bastantes, mas nem todos os que aqui vêm são comunistas!»

«Ora deixá-lo, são amigos!»



O espectáculo mais impressionante

— De facto, só eles é que podiam organizar uma coisa destas!

— O quê?...

— Estava a dizer que realmente só os comunistas é que podiam trazer tanta gente a uma festa assim — disse a mulher, em voz mais alta, ao marido que, um pouco atrás, a não tinha ouvido bem.

Era já no sábado, ao princípio da tarde, quando esta conversa se passou. Longas colunas em que a multidão se dividia escolhendo o melhor caminho, convergiam para o Jamor, uns tendo, com alguma dificuldade, encontrado o estacionamento para o automóvel, outros descendo das intermináveis filas de transportes colectivos que despejavam rios de gente. Atravessava-se os terrenos desportivos adjacentes ao grande recinto, sob um calor abafado. Mesmo sem brisa, os sons da festa chegavam longe, atravessando o ar seco.

Enquanto Lisboa se esvaziava, enquanto nas estradas do País ainda corriam as excursões a dirigirem-se à festa, a cidade que o Jamor foi durante três curtos dias, encontrava-se repleta.

Nos eléctricos que se dirigiam ao Estádio, verdadeiros comboios que passavam ininterruptamente, por vezes algum passageiro mandava parar e pedia: deixem-me lá passar que eu saio aqui, não vou à Festa hoje.

E era assim que o nome da Festa do «Avante!» já não precisava de ser dito completo. Como aos amigos, como a familiares, passou a ser chamada pelo primeiro nome. Era simplesmente a Festa!

Pela mão do povo entrou na tradição das coisas inesquecíveis, esperada todos os anos em Setembro. Nos transportes, nas lojas, nos cafés, a Festa era falada, esperada por gente de muitos quadrantes políticos, à quem une a vontade de defender a Democracia ou, pelo menos, de a respeitar, e o interesse pelas realizações, sempre novas e vivas dos comunistas.

Para muita gente não era fácil chegar. Tiveram de apanhar muitos transportes, caminhar largos palmos de terreno até às portas da «cidade» que vibrava e formigava de gente. Mas tudo se passava sem o nervosismo peculiar dos grandes ajuntamentos e dos engarrafamentos de trânsito. O trabalho incansável das forças militarizadas, das brigadas de trânsito, era respeitado por todos e as dificuldades amenizavam-se, o caminho e o estacionamento eram finalmente encontrados.

E o espectáculo mais impressionante de toda a Festa era aquele que, de chofre, se oferecia aos olhos dos que entravam no recinto. Eram as centenas de milhares de pessoas, muitas centenas de milhares que ocupavam completamente os trinta hectares festivos, eram os caudais humanos que sem cessar se moviam lentamente, distribuindo o seu interesse por todos os pavilhões, por todos os palcos, por todos os «stands» onde desapareciam rapidamente os «stocks» de bebidas e comidas, logo renovados. Os múltiplos centros de interesse da Festa atraíam todos. Não era possível ver tudo numa tarde, num dia, os três dias mesmo foram curtos para os que se demoravam um pouco mais num ponto do itinerário que convidava a dar uma volta ao País inteiro, mostrando as diversas facetas da vida do povo trabalhador, as suas aspirações e preocupações; as propostas dos comunistas; que convidava a levar um abraço fraterno aos camaradas dos países que se representavam na cidade internacional.

O fulgor dos espectáculos, a alegria dos visitantes — milhares dos quais não eram militantes, mas simpatizavam ou respeitavam os comunistas, a intensa vida da cidade em festa, o número imenso dos que invadiram essa cidade era, de facto, o espectáculo mais impressionante. E, para raiva dos inimigos da Democracia, para sua decepção, foi patente que o número dos nossos amigos cresceu!

Vens da festa...? Não: venho da Festa!

Eram já as primeiras horas da manhã de segunda-feira. Pelas ruas ladeadas de árvores que, durante três dias, tinham conduzido ao recinto da Festa do «Avante!» centenas de milhares de pessoas, os últimos participantes nesta inesquecível jornada regressavam às suas casas para, depois de uns muito breves momentos de descanso, retomarem confiantes os seus postos de trabalho.

Desconhecidos de sempre despediam-se como se amigos de longa data, trocavam-se opiniões com os companheiros de estrada e do último, antes do último transporte — era, na hora já difícil do regresso definitivo, o fraterno convívio de quem vive as mesmas alegrias e as mesmas emoções, de quem sente intensamente que a Festa do «Avante!», emblema do Portugal democrático, é também a antevista da sociedade do futuro construída por aqueles que, às primeiras horas da manhã de segunda-feira



e embora conhecendo-se apenas há algumas dezenas de horas, ou há breves minutos, se tratavam fraternalmente como bons amigos de longa data, irmãos no mesmo combate, unidos na firme confiança, intensos na mesma alegria.

Era o fim da Festa do «Avante!» de 1978, vivida até ao último minuto naquelas ruas cercadas de sombras de árvores e de arbustos, porém iluminadas pelo esplendor de uma realização que cada um trazia já no desejo de recordar e contar.

E era como se na diversidade daquelas centenas de vozes por onde a Festa ainda permanecia viva, todos os diálogos se pudessem resumir num só diálogo. Como quem diz:

— Quando na sexta-feira te encontrei neste mesmo caminho, com os teus passos levando-te para a nossa cidade, perguntel-te: Para onde vais?

— E eu respondi-te: vou para a Festa!

— E estava tudo dito! Mas agora pergunto-te: Onde vens? Vens da festa...?

— Não, amigo, venho da Festa!

E desta afirmação decidida nascia logo o desejo de a fazer permanecer para sempre no nosso campo ou na nossa cidade, na nossa escola ou na nossa fábrica, no nosso escritório ou na nossa casa, junto dos nossos companheiros e amigos, para que todos eles, em 1979, percorrendo aquelas mesmas ruas que conduzem àquela cidade por nós construída, possam dizer: Vamos para a Festa!

E ficar assim tudo dito, da mesma forma que agora tudo fica dito ao dizermos Vimos da Festa!, que é como quem quer dizer: Vamos para a Festa de 1979! Desde já.

Discurso de Álvaro Cunhal

Camaradas:
Encarregou-me o Comité Central, na sua sessão plenária realizada esta manhã, de transmitir a todos os participantes nesta Festa do "Avante!", quaisquer que sejam as suas opiniões políticas, sinceras e cordiais saudações do Partido Comunista Português.

Encarregou-me também de juntar a minha voz, em nome do Partido, à voz do camarada Dias Lourenço, que falou em nome do "Avante!", para agradecer aos convidados estrangeiros a sua presença solidária, para lhes confirmar que o PCP, partido nacional e patriótico, se mantém sempre fiel aos princípios do internacionalismo proletário e para lhes pedir que, de regresso aos seus países, certifiquem que os comunistas e o povo continuam de pé na defesa do Portugal de Abril.

Encarregou-me ainda o Comité Central de transmitir também as mais ardentes felicitações ao "Avante!", às organizações do Partido de todo o País, à UJC e à UEC, aos Pioneiros de Portugal, aos milhares de camaradas — homens, mulheres, jovens, assim como às crianças que, com o seu trabalho esforçado, o seu empenho, a sua imaginação, a sua experiência, a sua técnica,

a sua arte, o seu talento, a sua tenacidade, a sua dedicação, tornaram possível esta realização incomparável, que constitui um testemunho vivo da natureza, da actividade, da força, da capacidade organizativa, do amplíssimo apoio social, do nosso glorioso Partido.

Tudo neste Festa evidencia a força criadora dos trabalhadores, o poderoso vigor da organização, a estreita, profunda e inderestrutível ligação com as massas, a capacidade de intervenção dos comunistas na solução dos grandes problemas nacionais, a dignidade do trabalho e a promoção da cultura, o enraizado espírito democrático do nosso Povo e do nosso Partido, a permanência do ideal emancipador do 25 de Abril, o amor pela saúde e pela vida, o esforço colectivo, o calor humano, o respeito de uns pelos outros e a fraternidade, a solidariedade, a alegria e a confiança revolucionárias da gloriosa classe operária e dos trabalhadores portugueses, das classes laboriosas da cidade e dos campos, dos intelectuais, das mulheres, da juventude — todos unidos com o Partido Comunista Português na luta para ultrapassar a crise e para assegurar a construção de um Portugal livre, democrático e independente.

Os perigos da desestabilização e do impasse das instituições

A crise actual é de impossível compreensão se se esquece que a reacção e os seus partidos têm um plano fundamental: a destruição do regime democrático.

Nesse plano, tem lugar de relevo o propósito da revisão da Constituição, de forma a riscar tudo o que nela há de democrático e progressista.

Dizem os reacçãoários querer apagar da Constituição apenas a cor "colectivista" ou "marxista". Mas realmente o que querem apagar da Constituição, não é só a cor do socialismo, mas a cor da democracia, a cor da liberdade, a cor do 25 de Abril.

E quem fazem, porque no quadro do regime democrático, respeitando-se e assegurando-se as liberdades e direitos dos cidadãos consagrados na lei fundamental do País, a reacção não conseguirá jamais liquidar as transformações democráticas alcançadas pelo povo português, não conseguirá jamais restaurar o poder dos grupos monopolistas e dos latifundiários que exploraram, oprimiram, tiranizaram o Povo português e a nação portuguesa durante quase meio século.

As manobras de desestabilização da reacção não são um sinal de força, mas de inquietação e fraqueza. A reacção já percebeu que não conseguirá, por meios constitucionais e legais, a revisão da Constituição com que sonha para liquidar a democracia.

E não o conseguirá, porque em eleições democráticas não terá a maioria, quanto mais os dois terços dos deputados de que necessitará para a revisão.

Não o conseguirá porque a Constituição não permite (pelo seu Artigo 290) que sejam revistas matérias tão essenciais como, (entre outras) as liberdades e os direitos, o sistema de representação proporcional, o princípio da apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, a eliminação dos monopólios e latifúndios.

Quem quer que respeite a Constituição não pode tocar em quaisquer desses preceitos, por mais constitucionalistas e teóricos mercenários nacionais e estrangeiros que sejam chamados a depor.

Por isso a reacção trabalha afinadamente para a desestabilização e começa a defender abertamente o desrespeito da Constituição como prática governativa e a utilização de meios inconstitucionais como o referendo e mesmo golpe de Estado para liquidar de vez o regime democrático.

Por isso a reacção inscreve nos seus objectivos para a conjuntura actual: o um governo abertamente reacçãoário, contrário à expressão vontade do eleitorado, ou a desestabilização económica, política e militar e o vazio do poder, a paralisação e o impasse dos órgãos de soberania e de todas as instituições

democráticas, colocando o regime ante a impossibilidade do seu próprio funcionamento.

Tem de dizer-se, camaradas, que nos últimos dois meses a reacção se aproximou perigosamente deste objectivo. Um momento houve em que não havia governo, em que a Assembleia da República estava suspensa e em que a reacção desenvolveu ferozes campanhas para desacreditar e paralisar o Conselho da Revolução e colocar numa situação insustentável o Presidente da República, único órgão do poder político no exercício normal e pleno das suas funções.

A paralisação de todos os órgãos do poder democrático criaria sem qualquer dúvida uma situação propícia a salidas anticonstitucionais, a golpes e a pronúncias.

Tomando consciência do perigo e deontando campanhas de fácil demagogia, defendemos e continuamos a defender tenazmente a estabilidade do órgão de soberania — Presidente da República. Combatemos as campanhas contra o Conselho da Revolução. Intervimos com as nossas propostas e diligências tendo em vista facilitar a rápida formação de um governo que pudesse dar solução aos mais graves problemas nacionais. Finalmente tomámos a iniciativa da convocação da Assembleia da República, com o duplo e simultâneo objectivo de pô-la a funcionar e de aprovar as leis eleitoral e do recenseamento.

Temos plena consciência de que o PCP contribuiu assim para desarticular os planos das forças reacçãoárias e para evitar a criação a curto prazo de uma situação de perigo iminente para a democracia portuguesa.

O CC do nosso Partido reunido esta manhã considerou particularmente preocupante as táticas de bloqueio à formação de um novo governo, a eventual paralisação da actividade efectiva da Assembleia da República, as campanhas que visam diminuir o exercício da competência do Conselho da Revolução e toda uma política de pressão e de cerco que tem como objectivo último tornar insustentável a posição do Presidente da República.

A alternativa democrática deve ser procurada, deve ser encontrada, e só poderá ser encontrada, com os órgãos de soberania e as instituições a funcionarem e não com uma e outras paralisadas e com funções suspensas.

Por isso nos opusemos e opomos a actuações aventureiristas e irresponsáveis que possam provocar tal resultado.

No mar tempestuoso da situação política actual, não estamos dispostos a embarcar num barco sem leme, sem motor, sem velas e sem rota marcada.

Ao longo de mais de 50 anos de luta, o PCP deu sobejas provas de não temer as tempestades. Mas, quando nos fazemos ao mar, queremos saber se o barco está em condições, para onde vamos e para onde conduzimos os trabalhadores e todos aqueles que em nós confiam.

A crise do Governo e a necessidade do entendimento PS-PCP

A Festa do "Avante!" tem lugar num momento político de grande complexidade e indefinição.

Existe um Governo empossado há poucos dias. Mas não se sabe se passará ou não passará na Assembleia da República. Se passar, pode afirmar-se que a sua política será má. Se não passar, não se pode afirmar com segurança o que virá depois, se um governo melhor, se um governo ainda pior.

Não passando este, será indigitado o mesmo Primeiro-Ministro? Um outro civil? Um militar? Qualquer destas coisas pode ocorrer com resultados imprevisíveis.

De qualquer forma, uma coisa temos o dever de informar: não está madura, nem preparada, nem pronta a ser proposta ao Presidente da República, uma alternativa democrática, ou seja, a proposta de um governo democrático na base de partidos e com apoio parlamentar.

Desde o início da crise desencadeada pelo CDS, o nosso Partido tem feito tudo quanto está ao seu alcance para que a possibilidade de uma alternativa democrática se concretize.

Para isso seriam necessárias várias condições. E uma delas, de fundamental importância, seria o entendimento entre comunistas e socialistas.

O PCP e o PS continuam em conjunto a dispor de confortável maioria na Assembleia da República. Sem prejuízo de acordos com outros democratas, é por si só uma base numérica suficiente para apoiar um governo.

Desde o início da crise, insistimos quase diariamente na necessidade de um exame conjunto da situação pelos dois partidos e da busca duma alternativa, dum entendimento, duma coordenação de esforços e duma acção comum.

Insistimos quando o CDS denunciou o acordo com o PS. Insistimos quando, em 24 de Julho, o CDS retirou do Governo os seus ministros.

Insistimos antes da exoneração de Mário Soares, antes e depois do discurso do Presidente da República de 1 de Agosto e (em diligência junto do secretário-geral do PS) no próprio dia 5 de Agosto, data limite colocada para uma resposta dos partidos e última grande oportunidade de sair desta crise com um governo tendo o PS como núcleo principal.

Insistimos com particular tenacidade, porque, se considerarmos positivo que o PS tenha resistido ao ultimato do CDS, nos preocupava que, nesse momento crucial, não houvesse a serenidade e o sangue frio que a situação exigia, nem a maleabilidade e o tacto necessários, nem a justa definição de objectivos imediatos essenciais, nem o ponto de mira na boa direcção, nem o correcto aproveitamento da nova situação criada pelo fracasso da chantagem do CDS.

Insistimos, porque viamos com apreensão aprofundar-se um conflito entre o PS e o Presidente da República, dificultando e finalmente impossibilitando a formação de um governo democrático na base dos partidos e com apoio parlamentar, que seria o mais conforme com o sistema constitucional.

As delongas e sucessivos adiamentos levaram-nos a formalizar por escrito em carta dirigida em 28 de Agosto

à direcção do PS, a nossa proposta de um encontro entre os dois partidos.

O encontro realizou-se finalmente no dia 5 de Setembro. — Quais foram os resultados? A esse pergunta respondemos com três observações.

A primeira é que consideramos que esse encontro corresponde às aspirações de unidade da grande massa de militantes e eleitores comunistas e socialistas. Desejamos sinceramente que outros encontros se realizem e que se venha a tomar possível o entendimento, cooperação e acção comum dos dois partidos, assim como o entendimento, a cooperação e a acção comum de todos os democratas e patriotas portugueses.

A segunda observação é que em relação à saída da crise actual (já com o governo empossado) o encontro foi tardio para dele poder resultar a concertação duma alternativa antes da apreciação do programa do Governo pela Assembleia.

A terceira observação reside no facto de que o encontro com o PCP se realizou no quadro de encontros do PS com o PPD e o CDS, o que suscita a legítima apreensão de que, da parte da direcção do PS, prosseja a estratégia do *balancé*, aparentemente entre o PCP e os partidos reacçãoários, mas *balancé* que se tem saldado sempre não numa aliança com o PCP, mas numa aliança com a direita, como sucedeu com a aliança de facto do Governo PS sozinho e com a coligação no governo PS-CDS.

Creio, camaradas e amigos, que todos estaremos de acordo em que a operação *chantage* do CDS, que desencadeou a crise governamental de que resultou o afastamento do PS do governo, pôs definitivamente a nu que um partido democrático só pode esperar de coligações e alianças com partidos reacçãoários, manobras e provocações contra a democracia, intervenções desestabilizadoras pressões, *chantage*, ultimatós, falsidades e tração.

Os elogios feitos ao CDS na altura da coligação pelo PS não conseguiram ser um sabão tira-nódoas. No governo ou fora do governo, o CDS propõe-se liquidar o regime democrático. E não chega para provar uma vocação democrática deltar bombas com uma mão e escrever com a outra comunicados a reprová-las, como aconteceu no Funchal.

A solução necessária não é o governo de "independentes" Nobre da Costa. Mas tão pouco poderá ser um governo assente num acordo ou aliança do PS com o CDS, ou do PS com o CDS e o PPD.

Estamos absolutamente certos de que não apenas os comunistas, mas a grande maioria dos democratas, incluindo os socialistas, consideram que a política do PS não mais deve estar ao serviço da recuperação capitalista, latifundista e imperialista, mas sim ao serviço do povo e do País, e que as alianças que o PS deve realizar não são mais com os partidos reacçãoários, com o CDS e o PPD, mas com o grande partido dos trabalhadores, do povo, da democracia, do socialismo, o Partido Comunista Português.

O Governo Nobre da Costa e a atitude do PCP

O Governo recém-formado, pela sua composição, pelo seu programa, pelo que se pode prever da sua política, não é o governo de que o País carece.

O Governo Nobre da Costa apresenta-se como um governo de "independentes". Mas o que são os "independentes"? Não negamos que haja pessoas não vinculadas a qualquer partido que procurem critérios de objectividade e isenção e soluções de interesse nacional.

Mas, no geral os "independentes" são-no muito menos do que pretendem fazer crer. Não vemos grande diferença entre um membro do CDS ou do PPD e um "independente" ao serviço do grande capital e dos latifundiários.

Na quarta-feira, Barreto é outro deputado (repetindo a defeção que já anos atrás tinham realizado em relação a outro partido) pediram a demissão do PS e passaram à categoria de "independentes".

Mas quem acredita que por esse facto esses senhores serão alguma vez independentes? Não é evidente que, deslocando-se ao longo da vida em velocidade sideral da esquerda para a direita, traíndo sucessivamente os amigos que vão arranjando, estes senhores, quanto mais "independentes" se afirmam, mais próximos e dependentes estão do grande capital e da extrema-direita?

Para ser um homem de Estado é necessário alguma coisa mais do que adquirir a prática de vira-casacas, e a arte de, pelo acompanhamento das modas, entrar nos salões do poder.

Quanto ao Governo recém-formado, há nele "independentes" que são do PPD. Há "independentes" que são do micro PPM. Há "independentes" que são velhos empregados do grande capital.

Há "independentes" que são agrários expropriados já com reservas despachadas.

Estareis certamente de acordo comigo se eu disser que o Povo português tem comido muitas vezes o pão que o diabo amassou, mas, nesta história dos "independentes", não está disposto a comer gato por lebre.

Entre outros aspectos da composição do Governo, o nosso Partido levanta o seu indignado protesto contra o facto de na equipa do MAP, estarem pessoas directa e pessoalmente interessadas em arrancar terras às cooperativas. Os lugares governamentais são para servir o País, não para que ministros ou secretários se possam servir a si próprios, seus familiares e seus amigos.

Sendo assim, pode parecer à primeira vista estranho que o CDS esteja conduzindo uma campanha contra o Governo Nobre da Costa.

O sr. Amaro da Costa descobre e proclama que, no Governo há pessoas "conotadas" com o PCP. Que o Governo é mais à esquerda que o anterior. Que o Governo cometeu o crime de receber a CNA, à qual, como se sabe, pertencem mais de 200 organizações da lavoura, quando deveria apenas receber a CAP do Casqueiro. Que o Governo se diz voltado para soluções negociadas na zona da Reforma Agrária b que parece ser um crime no entender do dirigente do CDS. Tão nervoso, tão nervoso que até parece Korchnoi a jogar com Karpov. É caso para perguntar se não haveria nas galerias da Assembleia algum parapsicólogo submarino do PCP.

A verdade é que o grande despeito do CDS é por ver que o PPD, seu rival convergente, exulta por ter metido gente por todo o lado, que o micro PPM de agrários expropriados e expropriáveis deita foguetes por colocar um homem da sua direcção como Secretário de Estado da estruturação agrária, e que ele CDS, que desencadeou a crise e que tanto aplaudiu o indigitado Primeiro-Ministro, não conseguiu as pastas e as postas que previa.

Não pensamos que não haja no actual elenco uma ou outra pessoa séria e capaz. Até há. Mas a composição do Governo, agora totalmente conhecida, agrava as apreensões e reservas que o nosso Partido já tinha manifestado quando o Primeiro-Ministro tinha sido indigitado.

Tão pouco é satisfatório o Programa.
Seja no Programa, seja nas declarações do Primeiro-Ministro, se aparecem alguns raros pontos positivos, aparecem inquietantes intenções.

O Governo anuncia uma política de favores ao grande capital e de pacotes para os trabalhadores e as classes laboriosas. Governo anuncia o apoio privilegiado às empresas capitalistas e uma política de ataque aos sectores e empresas nacionalizadas.

O Governo anuncia a entrega de milhões de contos de indemnizações aos grandes capitalistas e pretende que os juros dos títulos respectivos sejam pagos pelas empresas nacionalizadas, o que quer dizer que a Quimigal, por exemplo, passaria a transferir cada ano para os Mellos uma boa parte dos seus lucros. E também legítimo perguntar se é verdade o que se diz acerca da compra pelos Mellos do combinado de confecções-Mondex que seria feita, não com dinheiro dos Mellos, mas com dinheiro do País entregue aos Mellos a título de indemnizações...

O Governo anuncia a alienação ilegítima de participações do Estado, despedimentos em empresas nacionalizadas, concessão de terminais portuários não se sabe a quem, e a criação de instituições financeiras que se tomariam verdadeiros bancos violando o princípio básico da nacionalização da banca, que foi e deve ser considerada a nacionalização de um sector e não apenas a nacionalização de tais ou tais empresas.

O Governo anuncia um ritmo mais apressado na entrega de reservas nas UCP e Cooperativas ou seja um ritmo mais apressado na contra-reforma agrária.

O Governo anuncia uma política económica, financeira e social subordinada às imposições do FMI, ou seja, do imperialismo estrangeiro.

Em relação a um tal Programa, a nossa posição é perfeitamente clara: o PCP opõe-se firmemente a uma política que servirá certamente os grandes capitalistas e os grandes agrários, mas que não servirá o Povo português nem Portugal.

O PCP opõe-se firmemente a uma política que porá em causa as grandes conquistas da Revolução, parte integrante do regime democrático, que não resolverá nenhum dos grandes e graves problemas nacionais, que poderá provocar fortes tensões e conflitos, e que afundará mais e mais Portugal no pantano dos défices, da estagnação económica, da inflação, da degradação do nível de vida dos portugueses, dos empréstimos externos. A política de recuperação capitalista, agrária e imperialista fracassou estrondosamente e conduziu à derrota o Governo PS sozinho e o Governo PS-CDS. Se um novo governo (este ou outro) não se repetir os mesmos erros como ainda os acentua, estará também condenado ao fracasso.

Nenhum outro partido se empenhou com maior isenção para que a crise governamental fosse resolvida com prontidão e realismo. Nenhum outro partido se empenhou com maior isenção na defesa da estabilidade dos órgãos de soberania. Nenhum outro partido se empenhou tanto em contribuir, antes e depois da indigitado do novo Primeiro-Ministro, na acção política e nas diligências feitas (incluindo junto do indigitado Primeiro-Ministro), para uma solução governativa aceitável de forma a pôr-se rapidamente fim a um perigoso vazio de poder.

Temos, por todas as razões e mais essa, plena autoridade para afirmar que o Governo, tal como se apresenta, contém pessoas e pontos programáticos que o torna inaceitável para os trabalhadores e para as massas populares.

Como é do conhecimento público, o Comité Central do nosso Partido realizou esta manhã uma reunião plenária para decidir a atitude a tomar pelo Grupo Parlamentar Comunista em relação ao Governo Nobre da Costa.

O Comité Central não se limitou a examinar a composição e o programa do Governo.

Examinou também a situação política e político-militar em toda a sua complexidade, a evolução previsível dos acontecimentos no caso de passar e no caso de não passar o Governo e as possibilidades de uma alternativa e da sua concretização.

Pesou os prós e os contras de qualquer decisão e finalmente tomou uma decisão que se pode sintetizar em três pontos:

Primeiro: O Grupo Parlamentar do PCP apresentará uma moção de rejeição com o fundamento de que a composição e o programa do Governo não correspondem às exigências da actual situação. Esta decisão só poderá ser alterada se surgirem entretanto factores novos que modifiquem os dados fundamentais já conhecidos e por si suficientemente claros.

Segundo: O Grupo Parlamentar do PCP não votará favorável quaisquer moções de rejeição apresentadas por outros partidos, a fim de se demarcar em absoluto dos objectivos que outros partidos já definiram.

Terceiro: O Grupo Parlamentar do PCP opõe-se a quaisquer actuações que, em tomo da discussão do programa do Governo, tendam a opôr e a criar um conflito entre a Assembleia da República e o Presidente da República e a fechar objectivamente as portas a uma alternativa democrática.

Pode suceder (e o nosso CC admite-o) que vários partidos apresentem moções de rejeição e que nenhuma delas obtenha a maioria. Como resultado, o Governo pode passar na Assembleia embora sem apoio desta. Se assim suceder, o facto traduzirá uma situação conhecida: que não há acordo entre os partidos quanto à solução da crise, e que não está ainda madura uma alternativa democrática. Por outro lado, o facto será sem dúvida tido em consideração enquanto o Governo se mantiver em gestão.

A decisão do nosso Comité Central é inspirada pela preocupação de contribuir para que sejam atingidos dois objectivos essenciais: Impedir a desestabilização e o impasse das instituições que possam conduzir a uma solução anticonstitucional; e criar de facto, no concreto, a possibilidade de uma alternativa democrática.

Creemos que a decisão é justa e que ela encontrará largo apoio nos trabalhadores, nas massas populares, nos democratas e patriotas de Portugal.

Foi examinado no CC se esta decisão deveria ser ou não tomada pública imediatamente. Foi resolvido que o fosse.

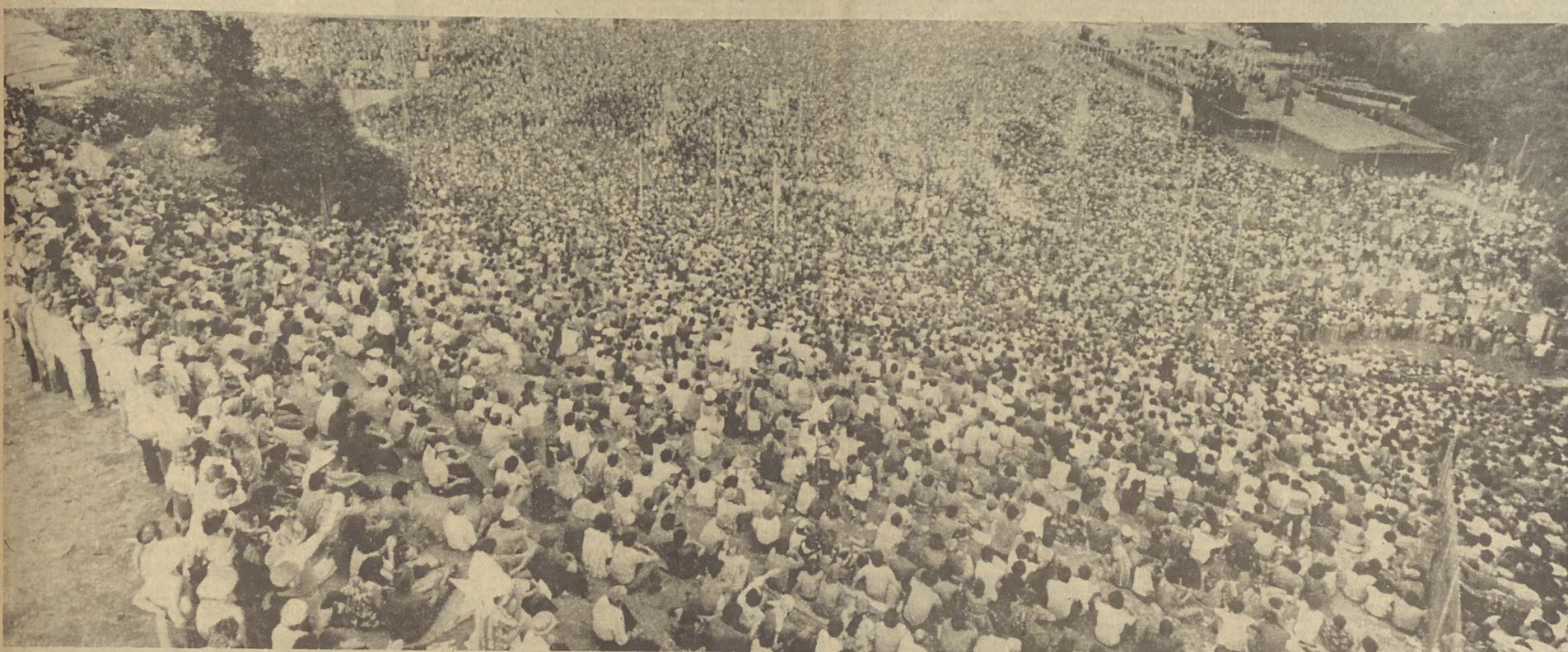
E foi assim decidido porque se entende que o Povo português tem o direito de conhecer todos os aspectos da situação para formar um juízo justo e poder influir, com a sua opinião, a sua vontade, a sua intervenção e a sua luta, nos destinos da política portuguesa.

Foi assim decidido também porque, ao contrário daqueles que como armas preferenciais utilizam as indefinições, os equívocos, as manobras de gabinete e do corredor, o CC entende que, na complexa e perigosa situação que se atravessa, o Partido e a sua direcção têm o dever de informar e esclarecer o Povo português e de expor a sua política à luz do dia à apreciação crítica das massas populares.

O PCP assim o fez e cremos que estais de acordo em que o tenha feito.



O comício do Vale do Jamor



A alternativa: Um governo democrático

A fórmula "governo de independentes" é uma fórmula que, em certas circunstâncias, se poderá colocar como a única viável.

Não é Inconstitucional, mas tem de se considerar excepcional e de recurso, apenas aceitável porque não se concretizou a formação de um governo de base partidária e parlamentar.

Assim, se acaso o Governo passar na Assembleia da República, deve ter um carácter transitório, seja para dar lugar a um governo com base partidária e parlamentar seja para a realização de eleições gerais antecipadas. E, se não passar, os mesmos problemas se colocam.

Uma coisa é para nós certa: a formação de um governo democrático no quadro da Constituição e das instituições, com a actual Assembleia da República, exigirá simultaneamente além de outras características, a decisão do Presidente da República e a participação ou concordância do PS. Não vemos como pudesse ter lugar a formação de um governo com base partidária e parlamentar com o PS contra o Presidente ou com o Presidente contra o PS.

Trata-se de um dado fundamental da situação e procuramos agir em conformidade.

Em nome do Comité Central, desejo declarar que o PCP está pronto a entendimentos e a acordos com o PS e outros democratas para viabilizar a formação de um governo democrático.

Mas o PCP não está disposto a dar saltos no escuro de olhos vendados.

Não está disposto a participar directa ou indirectamente em perigosas manobras desestabilizadoras do órgão de soberania — Presidente da República.

Nem a participar em manobras, que acabem por conduzir a um governo PS-CDS-PPD, com uma política que pouco se afasta da previsão política do Governo Nobre da Costa.

A fórmula "governo com base partidária e parlamentar" é por si pouco esclarecedora.

Na base da composição actual da Assembleia da República, uma base partidária e parlamentar para um governo democrático, necessita em absoluto de um acordo do PS com o PCP, o que significa (e são cada vez mais numerosos aqueles que assim o entendem) que não há possibilidade de um governo democrático, nem saída para os problemas nacionais, nem salvaguarda do regime, sem os trabalhadores, sem as massas populares, sem a sua provada vanguarda — o Partido Comunista Português.

E isto significa, não apenas que é necessário um governo diferente, mas que é necessária uma política diferente.

Urge tirar a lição dos resultados desastrosos para o Povo e para o País de mais de dois anos de política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista e adoptar finalmente uma política conforme com a nova realidade económica e social criada pela Revolução Portuguesa, conforme com os interesses do Povo português e de Portugal como nação livre e independente.

Interessa definir e concretizar a fórmula de um governo

democrático. Mas não é menos importante definir uma política de defesa da democracia e da independência nacional.

Defender a democracia e a independência nacional não é proteger os interesses egoístas e ilegítimos de algumas centenas de famílias de grandes capitalistas e grandes proprietários rurais, mas assegurar os direitos da classe operária e das classes laboriosas, de cujas mãos e de cuja inteligência sai tudo quanto se produz e se consome.

Defender a democracia e a independência nacional é responder às legítimas e prementes necessidades do Povo português, pôr uma barreira ao aumento do custo de vida, atacar com decisão o desemprego, pôr fim às discriminações para com as mulheres e para com os jovens trabalhadores, e atender às reclamações que se erguem da aflitiva situação dos reformados e deficientes.

Defender a democracia e a independência nacional é defender os justos direitos dos pequenos e médios agricultores e rendeiros, submetidos à exploração dos grandes proprietários e usurários, e dos pequenos e médios comerciantes e industriais condenados à ruína e à falência pela política de recuperação capitalista.

Defender a democracia e a independência nacional é emprender um grande esforço patriótico para a saída da crise, mobilizar os recursos e as energias internas para produzir mais, para poder importar menos para criar uma dinâmica da expansão económica que finalmente liberte Portugal do garrote do FMI e do pântano mortífero dos empréstimos externos.

Defender a democracia e a independência nacional é defender firmemente as nacionalizações, que libertaram Portugal da exploração e do domínio de meia dúzia de grandes grupos monopolistas e criaram, nos sectores básicos da nossa economia, condições para um desenvolvimento e uma expansão ao serviço dos interesses do Povo e da Pátria.

Defender a democracia e a independência nacional é prosseguir a Reforma Agrária, parte integrante e inalienável do regime democrático, glória dos trabalhadores do Alentejo e Ribatejo, obra maravilhosa e emancipadora do Portugal de Abril.

Defender a democracia e a independência nacional é emprender a democratização da instrução e da cultura, como condição essencial do bem-estar e do progresso.

Defender a democracia e a independência nacional é assegurar a integridade territorial contra a traição separatista ao serviço do fascismo e do imperialismo, e adoptar e realizar uma política patriótica inspirada pelos interesses da Pátria portuguesa e pela firme determinação de garantir que em Portugal, quem decide da política, do regime, do sistema económico, do Governo, não é o imperialismo estrangeiro, nem as várias Internacionais do capital, mas o Povo português.

Estamos plenamente certos de que, quaisquer que sejam as dificuldades, os obstáculos, os acidentes, os contratempos no processo de consolidação do regime democrático, tal política acabará por ser adoptada, porque é a única capaz de resolver os grandes problemas nacionais e porque o Povo, que é quem mais ordena, acabará por impô-la, no quadro do regime democrático.

O Partido com o povo na defesa da democracia

Há certos políticos que pensam poder modificar o curso dos acontecimentos históricos através de manobras de baixa política, de intrigas de bastidores, de conluios secretos estabelecidos nas costas do Povo e contra o Povo.

A própria democracia portuguesa, da qual fazem parte integrante as grandes conquistas de Abril (as liberdades, a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo de gestão) aí está para demonstrar, na sua defesa e permanência tenaz contra ofensivas, agressões, bloqueios, sabotagens, alianças, coligações e conluios, que o papel determinante na transformação da sociedade cabe aos trabalhadores e às massas populares.

Nós aqui saudamos o glorioso movimento operário e popular, fonte determinante das transformações democráticas alcançadas no processo de democratização da vida nacional iniciado no 25 de Abril pela acção revolucionária dos heróicos capitães do MFA.

Neste momento crucial e perigoso para a democracia portuguesa, não podemos deixar de referir que a direcção do PS faria bem melhor em procurar contribuir para a unidade dos trabalhadores e das suas organizações de classe e inclusivamente em examinar com o nosso Partido as questões sindicais (conforme temos insistentemente proposto), do que procurar acordos com a UDP e com o PPD contra a CGTP-Intersindical e de desencadear uma nova operação divisionista, através dos amarelos da chamada Carta Aberta-Madrisca, conhecidos pela sua acção constante lado a lado do patronato reaccionário e da recuperação capitalista e latifundista.

As novas vergonhosas operações divisionistas estão condenadas à derrota. Os trabalhadores têm plena consciência de que a unidade é condição essencial para a defesa dos seus interesses e direitos, para a defesa das liberdades e da democracia portuguesa e saberão reforçar a sua grande, poderosa, unitária, democrática e independente CGTP-Intersindical Nacional, a qual enviamos daqui, do Jamor, certos da concordância de todos os participantes neste comício, saudações fraternais e inteiro apoio.

Nós daqui saudamos também, como expressão de apoio à solidariedade, às organizações de pequenos e médios agricultores e rendeiros, que se desenvolvem por todo o País, mostrando bem (face à CAP fascista, instrumento das manobras políticas e desestabilizadoras da reacção e dos agrários) que o campesinato de Portugal tem a sua própria vontade e a sua própria voz, está decidido a defender os seus interesses vitais, está cada vez mais organizado e mais unido.

Nós daqui saudamos as organizações e movimentos de intelectuais e artistas, de jovens e mulheres, de reformados e deficientes, assim como as organizações unitárias de base e as estruturas democráticas, pela sua luta, o seu trabalho, a sua contribuição insubstituível na defesa dos interesses do Povo português e na defesa e construção do Portugal democrático.

E, finalmente, saudamos os democratas de todas as tendências, seja qual for a organização ou o sector político onde se encontrem, e uma vez mais confirmamos que os comunistas portugueses estão sempre prontos ao diálogo, ao entendimento e à acção comum.

A unidade que pode salvar a democracia não é com os partidos de direita que querem liquidá-la, mas com aqueles que querem defendê-la.

Certamente vieram à nossa festa muitos milhares de socialistas e outros democratas. Estamos certos de que nada encontraram que fizesse a sua dignidade política. E que, pelo contrário, encontraram na Festa do "Avante!" muitas respostas às suas perguntas e inquietações e um estímulo à aproximação e entendimento com os comunistas.

Certamente vieram também à nossa Festa muitos milhares de católicos. Estamos certos de que nada encontraram que fizesse os seus sentimentos religiosos. E que, pelo contrário, encontraram na Festa do "Avante!" a comprovação do respeito escrupuloso dos comunistas pelas crenças religiosas e numerosos testemunhos e expressões de sentimentos de fraternidade, de amor e de respeito pelo próximo, que correspondem às suas mais profundas aspirações.

A Festa do "Avante!" não é apenas uma afirmação de força do nosso Partido. É também uma força da classe operária e do povo trabalhador, daqueles que criam as riquezas materiais, culturais e artísticas e aos quais o Partido Comunista está indissoluvelmente ligado por cada uma das suas organizações e dos seus militantes.

A gigantesca afluência à Festa do "Avante!", a confiança e a determinação que se vêem, que se sentem, que se respiram, dão-nos aqui um retrato eloquente dos sentimentos, das aspirações e da vontade do povo trabalhador de Portugal.

A Festa do "Avante!" é uma convincente demonstração de que Partido, classe operária, massas populares, são inseparáveis. A força do Partido é inseparável da luta, do trabalho, da vida e das experiências do povo trabalhador. É a força política e a capacidade de influir nos acontecimentos dos trabalhadores e das massas populares é por sua vez inseparável da acção política, da experiência, da iniciativa e do exemplo do Partido.

Por isso é cada vez mais elevado o número daqueles que, vindos dos mais diversos quadrantes políticos, se aproximam dos comunistas, se entendem com os comunistas, se unem aos comunistas, e também ao número daqueles que acabam por ver finalmente que o PCP é o partido que a sua consciência procurava, que o PCP é o seu Partido.

Na primeira Festa do "Avante!" em Setembro de 1976, o nosso Partido tinha 100 000 membros. Na segunda Festa do "Avante!" em Setembro de 1977, o Partido tinha 115 000 membros. Nesta terceira Festa, podemos informar que o número de 142 512 membros do Partido recenseados no balanço do mês de Janeiro, foi largamente ultrapassado e continua a subir numa boa cadência.

Nós saudamos os milhares de novos camaradas, saudamos aqueles muitos que cada novo dia decidem que a sua trincheira é a trincheira dos trabalhadores, é a trincheira da liberdade, da democracia e do socialismo.

Creio, camaradas e amigos, que quem tem a felicidade de participar nesta Festa, de confraternizar com centenas de milhar de pessoas, de viver em comum a alegria do nosso ideal de liberdade, de igualdade, de justiça, de progresso e de paz, sente extraordinariamente reforçada a sua confiança na força do nosso Povo e no futuro da nossa Pátria.

Nas horas difíceis que o País atravessa em plena crise política, ao sentirmo-nos aqui juntos, neste recinto enorme que nos parece agora pequeno para tantos que somos, creio que todos sentimos no coração a certeza de que a reacção não passará, a luta continua, o 25 de Abril e as suas conquistas serão defendidas e através de todos os obstáculos, Portugal prosseguirá, pela decisão e pela vontade dos seus filhos, o caminho da liberdade, da independência nacional e da democracia, rumo ao socialismo.

Viva a unidade dos trabalhadores e de todos os democratas!
Viva a democracia portuguesa!
Viva o Partido Comunista Português!

Possíveis eleições antecipadas

Esta é uma saída possível: Mas se não se concretizar a curto prazo a formação de um governo com apoio partidário e parlamentar a saída constitucional para a crise (passando ou não passando o Governo Nobre da Costa) é a realização de eleições antecipadas para a Assembleia da República.

Eleições antecipadas na situação actual têm inconvenientes? Sim, têm-nos e graves. Deverem à mesma realizar-se as eleições legislativas de 1980. Acumularem-se com as eleições presidenciais, municipais, regionais. Absorverem demasiado tempo e energias bem necessárias para resolver os grandes problemas do País.

Apesar porém de todos esses inconvenientes, as eleições antecipadas são uma saída constitucional e por isso há que insistir nessa possibilidade e encará-la corajosamente no caso de não se tomar viável a formação de um governo de alternativa.

Foi tendo em conta essa perspectiva e a fim de afastar o perigo (ainda hoje não completamente removido) de uma situação em que pudesse ser dissolvida a Assembleia da República e realizadas eleições antecipadas sem haver tempo para realizar um novo recenseamento, que o nosso Partido tomou a iniciativa da convocação duma sessão extraordinária da Assembleia da República, com o fim de elaborar as leis eleitorais e do recenseamento.

Esta singela proposta com objectivos perfeitamente definidos provocou um vendaval de impropérios da reacção. O "Tempo", "O Dia", o "Jornal Novo" chamaram-lhe "golpe parlamentar". Atribuindo ao PCP o plano de provocar um conflito entre a Assembleia e o Presidente da República, previam entusiasmos que, da convocação da Assembleia, resultaria, no desenvolvimento das suas consequências, ou a demissão do Presidente ou a dissolução imediata da Assembleia, o que se vê serem os seus ardentes desejos.

Final resultou apenas aquilo que o PCP propunha: a elaboração de duas leis indispensáveis ao funcionamento normal das instituições.

Ninguém poderá negar que esta iniciativa do PCP foi um bom serviço prestado ao regime democrático.

É um acontecimento positivo que a lei do recenseamento tenha sido aprovada. É também um acontecimento positivo que tenham sido aprovados na generalidade os projectos de lei do PCP e do PS e que tenham sido rejeitados os projectos do CDS e do PPD.

O que queriam os partidos reaccionários?

Entre outras enormidades antidemocráticas, o PPD queria que a lei eleitoral estabelecesse que quem não votasse fosse obrigado a pagar 500\$00. E o CDS queria que, em tal caso, os eleitores abstencionistas pagassem multas correspondentes a 5% do total dos seus impostos.

Está-se a ver que o PPD e o CDS têm medo das eleições, se sentem abandonados pelo seu antigo eleitorado e pretendiam uma lei que permitisse aos caciques reaccionários obrigarem as populações a votarem neles sob a ameaça das pesadas penas em dinheiro.

Ora, camaradas, não basta falar do direito de votar e do dever de votar. É também necessário falar na liberdade de votar. O direito deixaria de ser um verdadeiro direito e o dever cívico deixaria de ser um dever cívico se cada cidadão não pudesse decidir livremente votar ou não votar conforme com a sua opinião e conforme com a sua consciência.

Estas propostas do PPD e do CDS foram derrotadas. Há entretanto na declaração de voto do PS, uma afirmação preocupante, ao admitir que, na discussão na especialidade da lei eleitoral, poderá aceitar reajustamentos em algumas matérias designadamente, a reorganização de círculos eleitorais.

Poderá isso significar que o PS vai agora fazer acordos com o PPD e o CDS a fim de votarem um esquema tal, que consigam defraudar o sistema constitucional do princípio da proporcionalidade?

De qualquer forma, camaradas, temos desde já que começar a preparar-nos para as eleições para a Assembleia da República, quer sejam antecipadas, quer sejam as de 1980.

Temos de conduzir desde já, em todo o País, um gigantesco trabalho de esclarecimento, porque do resultado das eleições dependerá em larga medida o futuro.

Estamos profundamente convencidos de que, realizando-se eleições, os partidos reaccionários serão de novo derrotados e colocados em minoria, o Povo votará novamente nos partidos democráticos e o nosso glorioso Partido aumentará consideravelmente o número de votos e o número de deputados, cujo reforço é condição essencial e insubstituível para a defesa das conquistas da Revolução e do regime democrático.

Os fascistas andam por aí a afirmar que as próximas eleições, antecipadas ou não, serão a tumba da democracia.

Pela nossa parte, trabalhamos e lutamos, com o povo trabalhador, com todos os democratas, para que, quando se realizarem as eleições, elas sejam a tumba da reacção.



A Festa do Desporto no Estádio Nacional

A intervenção do camarada Octávio Pato; a apresentação de ginástica infantil com 200 crianças de colectividades populares de Lisboa e Setúbal; a participação de nomes consagrados do atletismo nacional e de destacados atletas soviéticos; e a exibição de ginástica rítmica e desportiva por ginastas da Bulgária, RDA e URSS — foram notas salientes do Festival Desportivo Internacional da Festa do «Avante!»



A presença da ginástica rítmica foi vivamente aplaudida no Festival. Na foto, um exercício com fitas

Depoimentos de Nina Margolin Conceição Alves e Seniokov

No decorrer do Festival Desportivo, a reportagem do «Avante!» ouviu três dos atletas que participaram no «meeting» internacional de atletismo: Nina Margolin, Conceição Alves e Serguei Seniokov.

Mestre de desporto na URSS, Nina Margolin, de 22 anos, classificou-se em 4.º lugar na final dos 100 metros barreiras dos Campeonatos Europeus que decorreram recentemente em Praga.

É a primeira vez que venho a Portugal. Pelo que já vi, o povo português é muito hospitaleiro e as pessoas são muito simpáticas. A cidade de Lisboa é mesmo bonita. Ontem (sexta-feira) tivemos oportunidade de apreciar a bela imagem que dá Lisboa à noite. É impressionante a vista que se alcança dos Montes Claros — disse-nos Nina Margolin.

Referindo-se à nossa Festa, ao Festival Desportivo e à sua participação, afirmou-nos a consagrada atleta:

Logo vou visitar em pormenor a Festa do «Avante!», mas já sei que está num recinto enorme. Este Festival parece-me bastante positivo para todos os participantes e vê-se que o público aprecia o atletismo. Foi pena que na prova em

participar só houvesse mais uma concorrente, que, aliás, revela forte aptidão física, embora tenha que prosseguir o trabalho quanto à técnica de corrida.

Ouvimos, também, Serguei Seniokov, de 23 anos, estudante do Instituto Pedagógico de Cultura Física de Kiev e mestre de desporto de classe internacional. Foi campeão da Europa em 1976, nos Campeonatos de Inverno em pista coberta. A sua melhor marca no salto em altura é de 2,28 metros. Foi suplente da equipa soviética para os Campeonatos da Europa que tiveram lugar na capital checoslovaca.

É a primeira vez que visito Portugal e estou verdadeiramente impressionado a capital. Na verdade, Lisboa é uma bela cidade.

Em relação a este Festival — prosseguiu Seniokov — creio que ele está a corresponder ao público, que demonstra grande interesse pelo atletismo. Se houvesse mais atletas, este «meeting» tornar-se-ia mais importante. No entanto, independentemente dos resultados obtidos, é uma jornada com reflexos positivos e de interesse como jornada de divulgação do atletismo.

Sobre a acção do campeão nacional, António Vermelhudo,

disse-nos o atleta soviético: Ele pode saltar mais. Vê-se que tem condições para isso. Mas tem de aperfeiçoar a sua técnica. Tem de prosseguir com afinco o trabalho de preparação e treino.

Também ouvimos Conceição Alves, a única atleta que competiu com Nina Margolin nos 100 metros barreiras. Disse-nos a conhecida atleta do Sporting:

Há um ano que estou lesionada, o que me impede de participar nas provas com todas as minhas potencialidades. No entanto, gostei de ter alinhado nos 100 metros barreiras com a atleta soviética. Se tivesse concorrido outras atletas, mais ao meu alcance, a prova teria mais interesse para mim. Mas foi positivo. Aliás, até foi uma forma de continuar a minha preparação para a próxima época.

Em relação ao Festival, pois não tenho dúvidas sobre a sua importância. Tudo o que seja atletismo de nível internacional, é sempre importante para o nosso meio, independentemente da entidade que promove a iniciativa. É importante não só como forma de divulgação mas também como contacto entre atletas portugueses e estrangeiros, acontecimento sempre útil e positivo.

Após o encontro de futebol, deu-se início ao Festival Desportivo Internacional da Festa do «Avante!», aberto pela intervenção do camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do Partido, que publicamos noutra local. As palavras do dirigente comunista foram frequentemente interrompidas pelos vibrantes aplausos da assistência, computada em milhares de pessoas.

Em seguida, no relvado do Estádio Nacional, apresentaram-se, em exercícios livres no tapete, cerca de duas centenas de crianças pertencentes às classes de ginástica infantil das seguintes colectividades das regiões de Lisboa e Setúbal: Clube Atlético de Campo de Ourique, Póvoa de S. Adrião, Bobadela, Olivais Sul, Incrível Almadaense, Costa da Caparica, Magalhães Lima, União Piedense, Grupo Recreativo da Terceira, Clube Recreativo e Desportivo da Bucara e do Desportivo da Granja.

A exibição destas classes de ginástica infantil, como aliás as outras manifestações desportivas do Festival, sublinhou um dos aspectos que marcam a prática desportiva defendida e apoiada pelas forças democráticas, designadamente o nosso Partido. Como nos referiu uma das monitoras das classes infantis que se apresentaram no Estádio Nacional, o desporto em Portugal, nomeadamente a ginástica, só alcançará uma posição que corresponda às necessidades educativas e uns resultados práticos de destaque se for promovida a efectiva valorização do desporto de

massas, a começar pelas idades mais jovens, a começar pelas crianças das escolas pré-primárias e primárias e, prolongando-se depois pelos outros graus de ensino; a começar pelo apoio às colectividades, associações, clubes, comissões e organismos que promovam a massificação das actividades desportivas; a começar pela criação de estruturas apoiadas pelos órgãos oficiais, que abram o desporto à participação de todos os cidadãos interessados.

Atletismo e ginástica

O «meeting» internacional de atletismo começou às 11 e 30 com a apresentação dos atletas nacionais e soviéticos. Participaram alguns nomes consagrados do atletismo nacional, tais como Luís Azevedo, Conceição Alves, António Vermelhudo, José Galvão, José Paiva, Rosa Mota e Joaquim Carvalho, representando o Benfica, Sporting, Belenenses e FC Porto.

Também estiveram presentes atletas do CDUL, Olivais Sul, Académico de Viseu e Viseu e Benfica e CUF entre outros clubes.

Os atletas soviéticos venceram, sem dificuldade, as provas em que participaram: Svetlana Guskova (1500 metros), Nina Margolin (100 m barreiras), Olga Dvima (400 m) e Serguei Seniokov (altura).

De salientar que, em competição com Seniokov, o campeão e recordista nacional António Vermelhudo tentou passar a sua marca (2,10 m), com a fasia colocada a 2,11 m, o que infelizmente não conseguiu.

A organização técnica das provas esteve a cargo da Federação Portuguesa de Atletismo. Foram entregues lembranças com o símbolo da Festa a todos os participantes.

Após as provas de atletismo, o Festival Desportivo prosseguiu com a exibição de ginástica rítmica e desportiva. Participaram, em representação da URSS as ginastas Ludmila Fomicheva e Irina Chenlai, mestres de desporto e membros da selecção nacional soviética. Estas ginastas, ambas de 15 anos, exibiram-se sucessivamente, nas paralelas assimétricas, trave olímpica e em movimentos livres. A representação da Bulgária feita através da sua equipa nacional actual vice-campeã mundial de 1977 e campeã do Mundo em anos transactos esteve a cargo de Tatiana Kameva, Maia Guirguieva, Krassimira Vassileva, Dimilina Peleva, Diana Krivotva e Rossiza Mladnova. Entre os exercícios executados por estas ginastas tiveram especial efeito os exercícios com corda, bola e fita. As ginastas Krause e Kuschmann (RDA) também actuaram no Festival. A representação da República Democrática Alemã incluiu ainda formações especiais de ciclismo e acrobacia, que também motivaram fortes aplausos da assistência.

Além destas formações da RDA, actuaram no palco 1 a Festa, no sábado à noite, as ginastas búlgaras e soviéticas, que repetiram alguns dos exercícios feitos no Estádio Nacional.

No Estádio, o Festival Desportivo terminou já depois das 14 horas, após a entrega de



Um aparatoso exercício de acrobacia por ginastas da RDA

lembranças a todos os ginastas, pelo presidente da Federação Portuguesa de Ginástica e pelos camaradas Jorge Araújo, Silva Graça e Melo de Carvalho. Ao mesmo tempo, subiram no arvarios balões erguendo a estrela de cinco

pontas, símbolo do internacionalismo proletário. O Festival encerrou com a entoação da Internacional da Portuguesa, e com o desfile de atletas, ginastas e participantes nas provas da Corrida e Marchada Saúde e da Alegria.

Resultados do «meeting» de atletismo

São os seguintes os resultados obtidos pelos três primeiros classificados nas várias modalidades que constituíram o «meeting» internacional de atletismo do Festival Desportivo da Festa do «Avante!»:

- Peso:** 1.º, José Galvão, 13,85 m; 2.º, Henrique Silva, 13,22 m; 3.º, António Borges, 12,73 m.
- 100 metros masculinos:** 1.º, José Rodrigues, 11,4 s; 2.º, Lino Guerreiro, 11,6 s; 3.º, Luis Mestre, 11,6 s.
- 200 metros masculinos:** 1.º, Joaquim Carvalho, 22,5 s; 2.º, António Caldas, 22,7 s; 3.º, António Vassalo, 24,4 s.
- Tripla salto:** 1.º, Luis Azevedo, 15,16 m; 2.º, Carlos Caeiro, 14,3 m; 3.º, Paulo Palma, 13,86 m.
- 100 metros barreiras femininos:** 1.º, Nina Margolin, 13,1 s; 2.º, Conceição Alves, 14,8 s.
- 1500 metros femininos:** 1.º, Svetlana Guskova, 4,10,5 m; 2.º, Goreti Fernandes, 5,32,7 m; 3.º, Emilia Martins, 5,55,6 m.
- 1500 metros masculinos:** 1.º, José Paiva, 3,59,4 m; 2.º, Manuel Francisco, 4,26,0 m; 3.º, Vítor Antunes, 4,36,5 m.
- 400 metros femininos:** 1.º, Olga Dvima, 55,1 s; 2.º, Rosa Mota, 62,3 s; 3.º, Olívia Oliveira, 64,5 s.
- Salto em altura:** 1.º, Serguei Seniokov, 2,11 m; 2.º, António Vermelhudo, 2,05 m; 3.º, António Galvão, 1,85 m.



Concorrentes aos 100 metros. Venceu José Rodrigues

«Os Amigos do Monte da Caparica» venceram o Torneio de Futebol

- Resultado do encontro: 2 para «Os Amigos», (DORS), 1 para o «Cantinho da Rambóia» (DORB)
- Apito o árbitro internacional António Garrido

O Torneio de Futebol promovido no âmbito desportivo da Festa do «Avante!» teve na manhã de sábado a sua «finalíssima», entre as equipas de «Os Amigos do Monte da Caparica» (representante da OR de Setúbal) e do «Cantinho da Rambóia» (OR das Beiras).

O encontro culminou uma grande actividade em todo o país, em que o entusiasmo e a viva participação foram notas marcantes. Tal como o «Avante!» já sublinhou, o Torneio reuniu mais de três mil participantes agrupados em 220 equipas constituídas a partir de fábricas, empresas, cooperativas, Centros de Trabalhos do Partido, etc.

Aguardado com grande entusiasmo e expectativa, o jogo foi assistido por muito público que logo às nove horas (ainda o sol não se fazia sentir «quente») acorreu ao Estádio Nacional, escolhendo na sua maioria a bancada central e os extremos laterais (junto à Porta da Maratona), onde a sombra das árvores se manteria praticamente toda a manhã.

Ficha do jogo

Sob intenso calor, o jogo da «finalíssima» do Torneio de Futebol da Festa do «Avante!», além de numeroso público, levou ao Estádio Nacional os seguintes elementos:

Trio de arbitragem — António Garrido (árbitro internacional), José Rosa e Virgílio Alves (juizes de linha);

«Cantinho do Rambóia» — Leston, Lino, Zé Granja (capitão), Norberto, Paquete, António, Armindo, Teixeira, Folha, José Dias e António Eva. Suplentes: Gomes, Américo Anibal e Zé Maria. Treinador: José Nunes. Delegado: Ramiro Teixeira. massagista: Carlos Paquete. Roupeiro: Matateu.

«Os Amigos» — Mascarenhas, Bento, Carrascão, David (capitão), Dário e Lage, José Maria, Rito, João Manuel, Fernando Panú, Manuel Cravo e Remã. Suplentes: Rocha, José Edúlio, Alberto Seixas, Jerónimo, Bento e António Valente. Treinador: Dário. Os jogadores João Manuel, Emídio e Jerónimo são irmãos.

Golos aos 36 minutos da primeira parte e aos 22 minutos da segunda para «Os Amigos», por intermédio de Manuel Cravo, e a um minuto do termo do encontro por António Eva («Cantinho da Rambóia»).

As nove horas em ponto o árbitro internacional António Garrido, o único juiz português convidado para o Mundial da Argentina, dava o sinal para o começo da partida, que se desenrolava até ao fim com grande correcção por parte das duas equipas. Além da excelente arbitragem e da atenção permanente dos dois juizes de linha (José Rosa e Virgílio Alves), o encontro foi marcado pela regularidade e pelo apego à luta dos 22 jogadores em campo.

Bola bem trocada, jogo simples, algumas desmarcações de realce, bom ritmo no ataque (em particular nos primeiros 45 minutos), a segurança dos guarda-redes (com especial incidência para Mascarenhas, d' «Os Amigos») — foram igualmente notas salientes do encontro.

O primeiro tento surgiu aos 36 minutos da primeira parte, na sequência de várias jogadas de ataque desenvolvidas pela equipa de «Os Amigos do Monte da Caparica», de camisola branca. Marcou o golo Manuel Cravo, sempre atento e rápido nos lances da ofensiva almadense. O mesmo jogador voltaria a marcar, já aos 22 minutos do segundo tempo. Quase a terminar o encontro, o «onze» do «Cantinho da Rambóia» de



Um lance do encontro de futebol que opôs «Os Amigos» (DORS) ao «Cantinho da Rambóia» (DORB)

camisola cor de laranja reduziu para 2-1, por intermédio de António Eva, que aproveitou bem uma abertura na defesa contrária, disparando forte para o fundo das redes.

No final do encontro, e já com as equipas perfiladas diante da bancada central, os camaradas Jorge Araújo, do Secretariado do Comité Central do Partido e Marília Villaverde Cabral, também do CC, além dos professores João Bento

e António Carreira, entregaram aos componentes dos dois «teams» e ao trio de arbitragem lembranças com o símbolo da Festa. Aos capitães foram entregues as lousas do 1.º e 2.º classificados do Torneio. Depois, foi o desfile pela pista com as taças bem erguidas, perante os fortes aplausos da assistência, que de pé e com bandeiras desfaldadas, amadure, com vibração, o jogo da amizade, um jogo em que não entrou nem o espírito elitista nem os outros

traços que costumam muitas vezes, infelizmente, caracterizar os jogos, desta popular modalidade.

Os comentários do encontro no Estádio estiveram a cargo de Fernando Correia, conhecido locutor da RDP, que, aliás, se encarregou da locução que através dos altifalantes do recinto, dos pormenores relativos às diversas iniciativas que tiveram lugar no Estádio Nacional.



Conceição Alves e Nina Margolin, as duas atletas que participaram nos 100 metros barreiras

Centenas de participantes na Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria

A Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria foi, sem dúvida, uma das iniciativas do programa desportivo da Festa do «Avante!» mais prejudicadas pelo intenso calor.

No entanto, as diversas provas da Corrida e Marcha mobilizaram largas centenas de participantes das mais variadas idades e oriundos das diferentes zonas das regiões de Lisboa e Setúbal, em particular.

Refira-se, desde, já, que a participação das mulheres não foi a desejável, embora a iniciativa tenha contado com a presença de algumas camaradas e amigas.

Antes do início das provas, a reportagem do «Avante!» contactou vários participantes, tendo a maioria referido que o calor estava a desmobilizar muitas pessoas.

Na verdade, este tempo não convivia nada para a Corrida e Marcha. Quem vem a esta iniciativa quer, depois, ver a Festa, não é assim? Com este

calor, uma pessoa que participe na Corrida e Marcha já nem tem fôlego para ir lá abaixo ao Vale do Jamor... Quem é que, depois das provas, consegue ir ver a Festa toda e percorrer as ruas, os stands, os pavilhões, assistir aos espetáculos de pé etc? É muito difícil por causa do calor, que é muito — dizia-nos o camarada António Manuel, de 30 anos, empregado de escritório em Lisboa.

Muitos dos participantes efectuaram o programa de preparação proposto na Agenda de Treino, que foi adquirida por milhares de camaradas e amigos. Entre os concorrentes que se prepararam através desse treino, muitos procederam de forma individual, utilizando os mais variados locais: perto das suas casas, na praia, no campo, em zonas verdes, nos arredores dos centros urbanos, etc. Enquanto uns efectuaram a preparação ao longo de várias semanas, outros só nas vésperas da Festa fizeram

umas corridas ou marchas para não irem com as pernas completamente entorpecidas.

Outros camaradas e amigos constituíram-se como o «Avante!» em edições anteriores — em «núcleos de corrida», organizando assim treinos colectivos, em muitos casos orientados por monitores. Estes núcleos marcaram boa presença na iniciativa e contribuíram para o desenvolvimento de uma prática salutar que é necessário prosseguir: a corrida e a marcha.

E foi perante os olhares curiosos e os gritos de incitamento de muitos visitantes que durante a manhã de sábado se aproximavam do Vale do Jamor ou do Estádio Nacional, que centenas de participantes, de autocarro no peito com o símbolo da iniciativa e o número de inscrição, percorreram as distâncias das diversas provas da Corrida e Marcha passando por bons e maus caminhos, por subidas e descidas.

Foram as seguintes as distâncias das diversas provas em corrida — 2000, 3200, 5200 e 7200 metros; em marcha 7200 metros. Estas duas últimas tiveram partida simultânea.

As provas iniciavam-se na Porta da Maratona do Estádio Nacional, local onde também terminavam. Ao longo dos percursos, encontravam-se vários camaradas da organização da iniciativa, além de equipas médicas. Findas as provas, muitos dos participantes assistiram ao Festival Desportivo incorporando-se, no final, no desfile que assinalou o encerramento da jornada do Estádio Nacional.

Todos os participantes na Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria receberam lembranças com o símbolo da Festa do «Avante!».

Saliente-se que, apesar do intenso calor, a Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, foi uma das mais participadas iniciativas do género que até hoje se realizou no nosso país.



Participantes na Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria. Nem o intenso calor os fez desistir da iniciativa

Simultâneas com Teschkovski: grande jornada de xadrez

Como já se esperava, a participação do grande mestre Vitali Teschkovski nas simultâneas de xadrez que decorreram na Festa do «Avante!» despertou grande entusiasmo entre os visitantes, bem patente no número de jogadores que não perderam a oportunidade para disputar uma partida com aquele destacado xadrezista soviético.

Com efeito, os 200 tabuleiros do pavilhão de xadrez — que tinha 24 metros de comprimento e 12 de largura, ocupando, assim, uma área superior ao pavilhão instalado o ano passado no Vale do Jamor — tiveram sempre igual número de participantes, amadores de várias regiões do país, em particular de Lisboa e Setúbal, jovens na sua maioria.

Tanto no sábado como no domingo, a presença do grande mestre soviético — incansável no «vai-vem» constante de muitos quilómetros, percorridos no pavilhão, para poder jogar com os seus 200 opositores (isto no sábado) — foi sempre motivo de grande curiosidade e interesse para uma massa humana que se apanhava em redor do pavilhão,

Situado na área central da Festa mesmo sob intenso sol.

No sábado, realizaram-se encontros em que foram simultaneadores, além de Teschkovski, o campeão nacional Fernando Silva, Luís Santos, Rui Silva Pereira, Soares Nobre, Manuel Valadares e Renato Pereira.

Na simultânea disputada com o grande mestre soviético dois concorrentes conseguiram empatar.

No domingo, no decorrer de uma simultânea de dez tabuleiros, com relógio, o campeão nacional de juniores José Pereira dos Santos conseguiu obter a única vitória sobre Vitali Teschkovski.

Refira-se, ainda, que na simultânea de domingo, além de destacados xadrezistas, jogaram com o grande mestre soviético alguns dos concorrentes que na tarde do dia anterior se tinham evidenciado no encontro com Teschkovski, xadrezista que está incluído, actualmente, na lista dos 25 melhores jogadores a nível mundial.

No final da simultânea de sábado, o «Avante!» ouviu um dos jovens xadrezistas que jogou com



Vitali Teschkovski

o grande mestre soviético. Disse-nos João Augusto, estudante do Ensino Secundário: «A presença de bons jogadores de xadrez no nosso país é sempre motivo de grande interesse para todos os que se interessam pela modalidade, e não somos poucos. Muita gente pensa que o actual «match» que decorre nas Filipinas para apuramento do campeão mundial está a constituir um acontecimento internacional que prova grande adesão e interesse pelo xadrez, designadamente por parte dos

jovens e de pessoas que nunca mexeram numa peça. É verdade. Mas mesmo sem esse «match», o xadrez mobiliza em Portugal muitos praticantes. Em mais perto que as Filipinas, temos aqui o Vale do Jamor, onde é possível contactar e jogar com Teschkovski, um xadrezista de grande nível. Está de parabéns a organização, estão de parabéns todos os aderentes do xadrez e em particular os que se puderam deslocar aqui ao Jamor.

Por último, queria apenas referir que, como é natural, a presença de Teschkovski nesta grandiosa manifestação de xadrez não traz — penso eu — questões de ordem competitiva a 100 por cento, mas sim de participação activa e de divulgação da modalidade. E é com este espírito de participação que surgem grandes valores, novos valores do xadrez nacional. Aliás, é o que está a acontecer.

A organização das simultâneas na Festa do «Avante!» contou com a colaboração da Federação Portuguesa de Xadrez.



Aspecto impressionante do Pavilhão Central que, apesar do seu gigantismo, foi pequeno para o afluxo dos visitantes

Ir ao Jamor ver Portugal

Ir ao Jamor ver Portugal podia muito bem ter sido um dos slogans da Festa. Uns melhores do que outros, o facto é que cada stand das diferentes organizações do Partido reflectiam, a par da actividade dos comunistas, a realidade social, económica e política que se vive em cada distrito do País.

E a verdade é que os que foram ao Jamor assim o entenderam. Das muitas conversas que ouvimos, sobre este assunto, recordamos, por exemplo, a de um casal beirão que, parado entre a cidade internacional e o stand do Algarve discutia para onde se havia de ir. Ele, curioso em saber como estaria representada a sua região, opinava que deveriam seguir para a zona da DORB; ela, mais prática, achava que deveriam começar pelos outros, que da DORB vinham eles.

O argumento utilizado foi decisivo — «Vamos lá primeiro ver o Alentejo e o Algarve e os outros sítios onde nunca fomos...»

Assim, tal e qual, como quem escolhe um itinerário de uma viagem a locais desconhecidos. E seguiram como quem segue pelo país fora, perdendo-se rapidamente no turbilhão humano que viajava de norte a sul, ali tão próximos que se interligavam num mesmo abraço ao sector da emigração, gritando bem alto.

«Pelos caminhos do Mundo, pelo caminho de Abril».

Quem começasse pelo

Algarve era quase tão certo não resistir aos bolinhos de amêndoa, especialidade regional, e não se deixasse tentar pelas maravilhas de figo. Seguindo em frente, fazendo render com dentadinhos o doce algarvio, havia que fazer de conta que se não dava pelo cheiro da boa bifana, anunciada em grande letreiro naquele bar do cantinho.

Mas, mal se vencia a tentação do bife, logo o perfume do melão apanhava o desprevenido visitante, ao entrar na zona da Reforma Agrária. Ai, depois de um sumo bem fresco, o olhar ficava preso ao monumento que falava da exploração do homem e da sua libertação, tema que enquadrava bem o stand político das organizações do Alentejo e Ribatejo.

Os números e os gráficos ajudavam a compreender como tem sido dura a luta dos trabalhadores do campo, como os inimigos da Reforma Agrária têm recorrido aos mais diversos estratagemas para roubar a terra a quem de facto a trabalha.

Matéria para meditação, sem dúvida, oferecia aquele stand, a par da clareza da informação prestada,

fundamental para dar a conhecer os êxitos alcançados e a dureza da luta apenas começada.

Os artigos regionais, das tapeçarias ao barro, do mármore de Estremoz aos vidros da Marinha Grande, eram bem a expressão do orgulho do que se constrói com as próprias mãos. O tear do século XIX, ainda hoje utilizado na confecção de verdadeiras obras de arte, lá estava a funcionar, para que todos soubessem quanto da beleza das nossas mantas regionais se faz à custa do cansaço que vai vergando homens e mulheres e roubando a luz dos olhos sempre atentos.

A Cidade da Juventude e os Pioneiros, por seu turno, fervilhavam de alegria e entusiasmo, mostrando a confiança dos homens de amanhã no futuro que hoje se constrói.

Dos jogos às exposições, da música pop aos animados bailes — passando pelas bebidas «fresquinhos» do «Igió», tudo foi pretexto para animada confraternização.

Da vida dos coneilhos e freguesias de Lisboa contava-nos a DORL, qual mundo dentro de outro mundo, onde dos dados sobre

empresas se saltava para o sector de serviços, passando pelas autarquias e organização popular. Também aí não faltavam reproduções em miniaturas dos transportes que diariamente utilizamos, explicações de como se obtêm os produtos que consumimos, de como funcionam e estão organizados os Seguros, a Previdência, etc., etc.

A voz dos rendeiros e pequenos agricultores chegava através do Norte e das Beiras. Dizendo da sua luta pelo direito aos baldios; pela defesa dos seus interesses e segurança na velhice; pela consciencialização crescente da sua classe.

Viajando pelo Jamor a conhecer Portugal era impossível não compreender como a luta é a mesma, de norte a sul, só variando na forma com que dia a dia se materializa.

Das empresas maiores que nos recordava a organização de Setúbal, lado a lado com o trabalho incerto dos pescadores de Sesimbra ou de Peniche, do trabalhador alentejano ou do empregado de escritório, as mesmas palavras de confiança e determinação. Cada qual alertando para os problemas concretos do seu sector, todos apontavam o mesmo objectivo — defender e consolidar a democracia, construir o socialismo!

Palavras de Octávio Pato no Festival Desportivo

Camaradas e amigos:

Permitam-me que saúde, em nome do CC do nosso Partido, todos os organizadores, colaboradores e participantes, que asseguraram com o seu trabalho e espírito de sacrifício, com a sua militância, com a sua presença, o sucesso desta grande realização desportiva.

Sem o trabalho colectivo dos nossos camaradas que não poupamos esforços para, num espaço de tempo relativamente curto, organizarmos este Festival, ele não teria sido possível. Sem a participação entusiástica, aberta, despida de qualquer preconceito, de todos aqueles (comunistas ou não, ou até pertencentes a outras forças e organizações políticas) ele não teria o carácter unitário e massivo a que estamos a assistir. Sem a participação dos atletas de alta competição nacionais e estrangeiros, dos países socialistas amigos, ele não teria o brilho de que se está a revestir. O Festival foi possível, porque teve a participação massiva da juventude, sempre entusiástica, alegre, contagiante, optimista, confiante, apontando caminhos do futuro, de que essa mesma juventude será oprimida e garante.

Por fim, queremos ainda dizer que o Festival foi possível pela colaboração e apoio, que agradecemos, prestado pelas Federações Portuguesas de Atletismo, de Ginástica, de Xadrez, de Pesca, pela Comissão Directora do Estádio Nacional, pela Comissão Instaladora do ISEF, pelos atletas portugueses e a equipa de arbitragem, que despiciamos preconceitos políticos quiseram servir o Desporto nesta grande realização organizada pelo PCP.

A todos, sem qualquer discriminação, saúdo calorosamente, em nome do CC do Partido Comunista Português, Partido da amizade, da esperança, da verdade e do futuro.

Camaradas e amigos:

Esta realização de carácter desportivo multifacetada integrada pela primeira vez na nossa «Festa do Avante!», apresenta um grande passo em frente em relação aos anos anteriores. As dificuldades encontradas, os defeitos naturalmente inerentes a quem pela primeira vez organiza uma realização deste tipo, são perfeitamente naturais a quem, como o nosso Partido, contou só com as suas próprias forças para levar por diante uma realização desta envergadura. Trata-se de um primeiro passo, que contudo encerra em si um enorme significado: o do papel eminentemente nacional e patriótico do Partido, na sua primeira actividade, sempre ao serviço dos interesses dos trabalhadores, do Povo, do País.

E que fique bem claro, que não fazemos realizações deste tipo ou doutro para obter louros ou votos em eleições. Fazemo-las porque pensamos que o papel dos partidos, que naturalmente representam sectores importantes da população, terá de ser com certeza muito mais vasto do que escrever programas mais ou menos aliantes e sujeitarem-se periodicamente à consulta eleitoral, para depois dos resultados consumados, cumprirem ou não esses mesmos programas. Não. Nós pensamos que os partidos devem dar todo o seu esforço na procura de soluções, mobilizando a população, fazendo-a participar nas discussões, nos debates, nas realizações. Não é dentro dos gabinetes, de costas para o País e para os trabalhadores, de costas para o Povo, que as soluções correctas, patrióticas, eminentemente nacionais, podem ser encontradas; e isto em todos os sectores da vida nacional, em relação a todos os problemas, sejam eles políticos, económicos, sociais, culturais ou desportivos.

E não é por acaso que o nosso Partido tem esta opinião cuja prática é bem exemplificativa. Deve-se não só à linha política geral do Partido e ao seu estilo de trabalho, ao alto sentido das responsabilidades dos seus militantes, da consciência que o nosso Partido tem, como grande colectivo organizado, do seu papel eminentemente patriótico, como também à implantação que possuímos a nível nacional, entre os trabalhadores, entre as massas populares no seio, enfim, da grande maioria do nosso povo que quer construir no nosso País uma nova sociedade liberta da exploração, uma sociedade mais feliz, mais justa e mais fraterna.

Perante o que estamos a assistir, interrogamo-nos se algum outro partido seria capaz de fazer o que está aqui à vista de todos. Pensamos que seria bom, se tal acontecesse, embora a prática a que nos têm habituado nos faça ter as maiores dúvidas. Se o fizessem não só mostrariam na prática (e não só em palavras) que estão também interessados em contribuir para a resolução dos problemas nacionais, como criariam uma emulação saudável que acabaria sempre por reverter em benefício de todo o Povo e não só dos seus interesses meramente partidários ou de classe.

Camaradas e amigos:

Culmina hoje aqui neste grande festival todo um trabalho de mobilização e sensibilização para a prática do Desporto por largas massas da nossa população de norte a sul do País e ilhas. Demos particular importância à organização de duas manifestações desportivas: o futebol (com carácter competitivo), a cuja final já assistimos, e que durante meses mobilizou milhares de praticantes — e a Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria (de carácter essencialmente participativo, não competitivo) que durante alguns meses mobilizou também milhares de participantes. Calcula-se que cerca de três mil praticantes, isoladamente ou enquadrados em dezenas de núcleos cumpriram regularmente o plano da Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, e nas agendas de treino distribuídas. Se é certo que isto representa já um grande passo em frente, verificam-se ainda muitas deficiências, nomeadamente na mobilização e organização da Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria. Vários factores contribuíram para que os

resultados obtidos não se possam considerar óptimos, nomeadamente:

- 1 — O ter-se iniciado relativamente tarde a sua organização;
- 2 — O período de férias;
- 3 — Nem todas as organizações do Partido terem sido ganhas para a ideia com igual entusiasmo.

Há que prosseguir com a ideia desenvolvida. A nossa intenção fundamental é que o nosso Povo, gradualmente, sem pressas, mas seguramente vá praticando desporto, de uma forma organizada e regular, como forma de enriquecimento colectivo e individual. Uma prática desportiva regular e constante é fundamental para o desenvolvimento harmonioso da personalidade e é factor determinante da formação da saúde — encarada em sentido amplo — da população em geral.

Camaradas e amigos:

Iremos assistir a seguir a provas desportivas — atletismo e ginástica — em que irão participar atletas de alta competição, nacionais e estrangeiros, estes últimos dos países socialistas amigos, URSS, RDA e Bulgária. Queríamos saudar muito particularmente estes atletas que com a sua participação irão, seguramente, enriquecer muitíssimo este já significativo Festival. Alguns deles, nomeadamente os dois países socialistas, são atletas famosos em todo o mundo, campeões mundiais, olímpicos e europeus e que ainda há bem poucos dias vimos nos nossos «ecrans» de televisão, «passear» toda a sua enorme classe em Praga, aquando da realização dos Campeonatos Europeus de Atletismo.

A todos calorosamente saudamos em nome do nosso Partido e agradecemos a vossa presença entre nós.

O culminar deste festival com provas de alta competição encerra em si também um importante significado: dá que a alternativa a seguir e a desenvolver — alta competição — desporto de massas — é uma falsa alternativa. São dois aspectos do fenómeno desportivo que se completam e que estão até inteiramente ligados. Não há alta competição em profundidade, séria, não demagógica, sem uma profunda democratização do Desporto, sem levar a prática desportiva às grandes massas populares. Por outro lado a alta competição, ao mesmo tempo que estimula a mais saudável emulação, fomentando simultaneamente o desenvolvimento da investigação científica ligada às ciências médicas e sociológicas, funciona como factor determinante de propagação da prática desportiva pelas grandes massas, contribuindo assim para a democratização e massificação desportiva. São processos que se alimentam dialécticamente. O que observamos nos países socialistas, é bem demonstrativo de que assim é.

O Desporto nesses países, onde se constrói o Socialismo e esse desenvolvimento as bases técnicas para a construção da sociedade do futuro — a sociedade comunista — é encarado nessa dupla perspectiva. Daí, não só a prática desportiva fazer parte do quotidiano de praticamente toda a população — homens, mulheres, crianças, jovens e inclusive grandes sectores da terceira idade, como forma de ocupação dos tempos livres, promoção da saúde e do bem-estar de toda a população, valorização integral da pessoa humana, como os resultados obtidos na alta competição, apoiada pelo Estado, colocam os países socialistas na vanguarda do desporto mundial.

Camaradas e amigos:

No nosso VIII Congresso, em 1976, apontámos como essenciais para o desenvolvimento desportivo, harmonioso e correcto, no nosso País, algumas medidas, que aliás já vinham a ser prosseguidas com sucesso e grande aceitação popular, quando alguns membros do PCP tiveram a responsabilidade deste importante sector a nível do aparelho de Estado. Parece-nos importante neste momento recordá-las, até por se manterem plenamente actuais:

1. Democratização do Desporto. Criação das condições de acesso à prática desportiva. Transformação democrática das estruturas desportivas. Fomento do associativismo.
2. O Desporto como factor de democratização da sociedade. Dignificação e moralização do sector profissionalizado do Desporto. Luta contra as formas degradadas da prática desportiva («clubite», «campeonite», etc.). Luta por uma informação (Imprensa, Rádio e TV) ao serviço da democratização do Desporto.
3. Desenvolvimento do desporto escolar. Criação de condições mínimas para uma prática desportiva na escola. Prioridade ao escalão etário mais baixo.
4. Apoio estatal à alta competição, sempre que perspectivado numa real política de democratização e massificação do Desporto. Incremento dos contactos internacionais, nomeadamente com os países socialistas.
5. Desenvolvimento do desporto popular. Apoio estatal aos pequenos clubes, colectividades, comissões de moradores, comissões de trabalhadores, etc. Fomento da autoconstrução de instalações num sentido comunitário. Responsabilização dos órgãos de poder local pelo desenvolvimento do desporto de massas.

Camaradas e amigos:

Há que lutar para que esta orientação geral seja levada à prática para benefício do nosso Povo. Há que criar as condições para que seja possível incrementar o Desporto no nosso País na perspectiva das conclusões gerais apontadas no nosso VIII Congresso.

Esta iniciativa é o primeiro passo, e muito importante, para que tal venha a ser possível.

Mas não chega. Há que prosseguir o trabalho, incrementar as realizações de diverso tipo (encontros, colóquios, debates, realização de torneios desportivos, fomento e desenvolvimento dos jogos populares, tão tradicionais entre nós, grandes festivais desportivos de carácter massivo, criação de movimentos unitários ligados ao movimento popular de massas e desenvolvimento dos já existentes, etc., etc.). Para já, importa continuar e desenvolver a ideia lançada agora com a Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria levando gradualmente a iniciativa a todos os pontos do nosso País. O rápido desaparecimento das dez mil Agendas de Treino da Corrida e os milhares de participantes que hoje aqui acorreram é bem demonstrativo da justiça da iniciativa, altamente pedagógica, e da receptividade que teve nas massas. Por outro lado há que encarar, a curto prazo, a realização de um Encontro do nosso Partido, aberto à participação de todos os não-comunistas que estão realmente interessados no desenvolvimento correcto da prática desportiva, onde se discutem todos os problemas ligados ao fomento do Desporto e da Educação Física.

Daremos assim, também neste sector, um importante contributo para a resolução dos problemas nacionais, no quadro apontado pela nossa Constituição, na perspectiva luminosa da construção de uma sociedade nova, livre da exploração, mais feliz e mais fraterna, na construção de um Portugal democrático, livre e independente.

Viva o Desporto, direito do Povo!
Viva a Festa do «Avante!»
Viva Portugal!
Viva o Partido Comunista Português!

Mulheres em luta na defesa de Abril

«Para aqueles que ainda pensam que a mulher só serve para a cozinha, tratar dos filhos e marido, sempre de cara alegre, e para aqueles que vêem na mulher uma boneca sem cérebro, é que era bom verem esta exposição!»

Estas as palavras de uma mulher ainda jovem, de olhos cheios de espanto, que visitava a área dedicada às mulheres no Pavilhão Central. Via-se pela sua expressão, pelas mãos cuidadas, pelo seu todo, que não era uma mulher habituada ao trabalho duro, à exploração do patronato. Via-se pelo rosto que lutava contra uma certa emoção perante imagens de uma realidade de que talvez já tivesse ouvido falar — a das mulheres no trabalho e na luta, a das mulheres na destruição da opressão na construção de melhores dias — mas cujo contacto tomava apenas ali, na Festa do «Avante!».

A sua quase perplexidade, o respeito com que leu, de uma ponta a outra, os textos que falavam das mulheres em tempo de Resistência, as mulheres nas Casas do Partido, «A Voz das Camaradas», o PCP e as mulheres, testemunhavam uma profunda solidão, um isolamento tremendo da vida que por ela passava sem ser, na realidade,

acompanhada por uma criança, deteve-se no gráfico que dava imagem do crescimento das mulheres no PCP: 1975: 13%; 1976: 17,5%; 1978: 20%. Passou depois ao grande painel onde se viam os rostos e as biografias de mulheres que souberam viver e morrer pela liberdade: Catarina Eufémia, Helena Magro, Albertina Diogo, Maria Machado, Albina Pato, Luísa Costa Dias. Espalhou o olhar pelo painel «Os Artistas Homenagem a Mulher». E quando saiu do stand das mulheres, a expressão do rosto desta visitante era diferente. Era o rosto de quem se decidiu. Era o rosto de quem sabe que não serve só para

a cozinha e os filhos. E talvez, quem sabe, fossem essas as palavras que animadamente ia dizendo à criança que a acompanhava, colocando-lhe o braço pelos ombros, cabeça inclinada e um sorriso todo tenura e alegria; a alegria de uma descoberta — uma combatente que nascia para a vida de luta, de participação.

A quantas mulheres que passaram pelo stand das mulheres comunistas não sucedeu algo semelhante? A quantos homens, as palavras e as imagens deste stand não moderam, renascendo um sentimento de reconhecimento pela igualdade da mulher, da mulher cujo papel não é sacrificar-se para que o homem esteja na primeira linha de combate, mas sim encontrar-se, de pleno direito, também ela na primeira linha de mãos dadas com o marido feito companheiro?

Pelos muitos a quem sucedeu o despertar para a participação necessária da mulher na luta do quotidiano, ainda que este despertar seja inicialmente tímido e tíbio, a revolução ficou mais defendida, o povo mais unido, o futuro de democracia e liberdade mais próximo.



O interesse manifestado por muitos visitantes pelo pavilhão em que se recordava a memória das mulheres que viveram e morreram lutando pela liberdade é patente na imagem

Ausências

Uma grande organização como a Festa do «Avante!», que reúne centenas de artistas e convidados e especiais, portugueses e estrangeiros, está naturalmente sujeita a imponderáveis que, de um maneira ou de outra, podem alterar os planos previstos.

Foi o que concretamente se passou em relação à Festa deste ano. Na verdade, algumas das presenças anunciadas acabaram por não se confirmar, devido a motivos imprevistos alheios à nossa vontade e à dos nossos convidados em questão.

A conhecida cantora francesa Collette Magny, por exemplo, acabou por não se efectuar por motivos de doença. Com efeito, ao fim de duas horas de espera já dentro do avião da TAP, no aeroporto de Orly, Collette Magny teve de ser desembarcada em maca após um problema cardíaco.

O avião aguardou ainda o embarque da artista mas os médicos desaconselharam que seguisse viagem, pelo que a sua passagem foi cancelada. A Comissão de Espectáculos da Festa falou ainda no sábado para Paris, tendo Collette Magny comunicado a sua impossibilidade

de se deslocar a Portugal, o que lamentou profundamente.

Por seu turno, Paulo de Carvalho também não pôde actuar porque se prepara para ser submetido a uma operação à garganta (nada de grave).

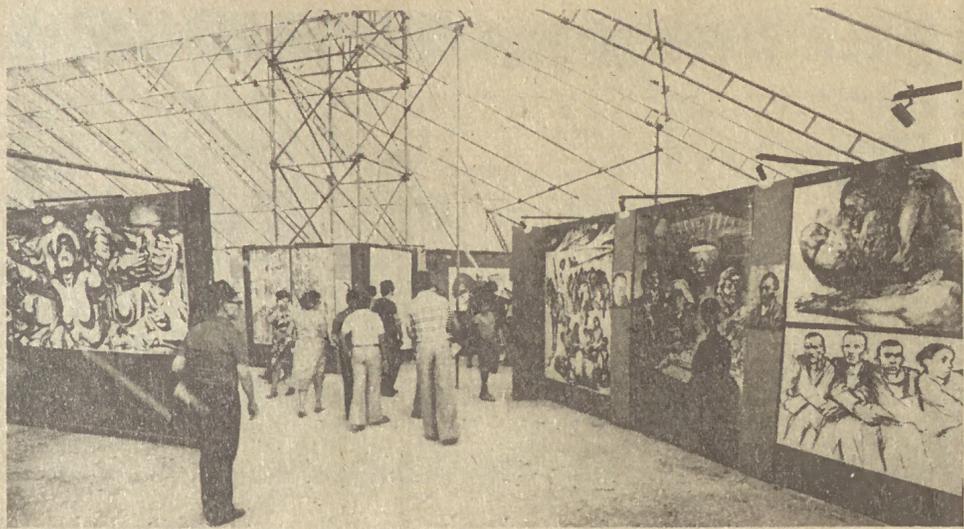
Acontece ainda, falando agora de desporto, que a presença dos atletas soviéticos nos Campeonatos Europeus recentemente realizados em Praga, onde foram (com êxito) sujeitos a uma dura prova, afectou naturalmente as suas condições físicas, pelo que alguns deles não puderam integrar-se na representação

soviética que participou no Festival Desportivo Internacional que decorreu no Estádio Nacional. Foi o caso de Victor Sanzov (trípulo-salto), tri-campeão olímpico e medalha de prata em Praga; Alexandre Grigoriev (salto em altura) e Alexandre Aximim (100 metros planos).

Finalmente, e por motivos imprevistos, o cosmonauta Yuri Romanenko, que efectuou, com o seu camarada Gueorgui, o mais completo e prolongado programa espacial até hoje realizado, também não pôde comparecer no Vale do Jamor.



O camarada Octávio Pato no uso da palavra, no início do Festival Desportivo Internacional



A exposição com reproduções de conhecidas pinturas e desenhos foi motivo de grande interesse para os visitantes que passaram pelo Pavilhão Central

Festa dos comunistas é festa de cultura!

Ser livre é, também, ser culto. Por isso, viver a Festa do «Avante!» foi também viver cultura. Cultura através da arte, do cinema, do teatro, da música, do desporto. Numa palavra, cultura através de um olhar atento para aquilo que nos rodeia e dignifica os homens.

Foi esta cultura viva, autêntica, popular que aconteceu no Vale do Jamor através de inúmeras iniciativas de todos os tipos: da audição de poemas ao contacto com alguns dos mais destacados escritores portugueses, do debate de temas sobre o associativismo cultural popular à exibição de peças de teatro, da projecção de «slides» relativos à arte

e à pintura mural à homenagem ao escritor Manuel da Fonseca, passando pela audição de romances populares portugueses, pela história da guitarra portuguesa e por um recital de poetas populares portugueses.

As actividades culturais da Festa do «Avante!» de 1978, atraindo às diversas realizações um vasto e numeroso público atento

e participante, foram a mais cabal demonstração do empenho dos comunistas na democratização da cultura, de uma cultura que, ao mesmo tempo preserva os seus mais autênticos e profundos valores do património cultural português, se quer em consonância com os problemas centrais do nosso povo e do nosso país, funcionando como poderosa alavanca do progresso social.

Manifestação cultural de primeiro plano na vida do nosso país, a Festa do «Avante!» e as iniciativas culturais nela realizadas al estão para demonstrar a verdadeira posição dos

comunistas portugueses perante a actividade criadora dos trabalhadores da cultura e perante os anseios das massas populares à fruição das diversas produções culturais.

E de tal maneira que se pode dizer que, naquele imenso mundo que foi a Festa do «Avante!» deste ano, zona em que estivesse a ser debatido um problema cultural, qualquer recanto onde estivesse a acontecer cultura, logo o espaço se revelava exiguo, logo o tempo se revelava curto para o imenso desejo de participação de centenas e centenas de pessoas.



O sumo refrescante na pausa da brincadeira. Que os Pioneiros não esqueceram que as crianças também têm os seus gostos e, quando a sede aperta, lá encontram bebida apropriada



Também nos stands dos petiscos havia o embaraço da escolha. E por vezes longas filas. Mas sempre se encontrava lá a reconfortante refeição a bebida, num intervalo, entre um espectáculo e outro

O facciosismo de certa imprensa

Qualquer que seja o quadrante político em que se situe, não haverá ninguém que possa contestar esta realidade que entra pelos olhos dentro: a Festa do «Avante!» constitui o maior acontecimento popular e de mais ampla mobilização de massas a nível nacional, um fenómeno de popularidade que arrasta populações de todos os cantos do país.

Apesar deste facto incontestável (ou talvez mesmo por causa dele), certa imprensa encontrou forma de ignorar um acontecimento cuja grandiosidade foi evidente nos três dias do fim-de-semana passado. Para já não falar do «esquecimento» evidenciado por um festival desportivo que se pode considerar dos mais válidos jamais realizados neste país, para não citar o silêncio sobre um acontecimento musical e artístico que, no seu conjunto, se situa numa elevada cimeira de qualidade, sem comparação em Portugal, esses jornais ao ignorar a Festa do «Avante!», deram provas de ignorar não apenas uma grande realização do

PCP, partido de expressão nacional, representado na Assembleia da República e cujo aumento de influência nas massas populares não sofre contestação. Provaram ainda, o que é bem significativo, que tentam ignorar o próprio povo que esteve no Jamor, a parcela da população portuguesa que ali passou durante três dias.

Tal atitude por parte dos órgãos da reacção, daqueles que como «O Dia» e «O Jomal Novo» servem abertamente objectivos de desestabilização, não causa o mínimo espanto. Coerentes com a ideologia que os enferma e que servem, nada mais natural do que ignorarem a participação, o entusiasmo populares. Mas que algo semelhante ocorra com a imprensa estatuada, que deveria ser garante, suporte e elemento de dinamização da democracia, assegurando uma informação pluralista e democrática, sendo espelho do rigor e objectividade da informação, eis sim o que não pode deixar de constituir

elemento de espanto e indignação.

Assim, «A Capital», cujo director é o instemático célebre Francisco de Sousa Tavares, não publica uma única palavra sobre a Festa do «Avante!». Cego ao significado impar da iniciativa e à extraordinária multidão que passou pela Festa, surdo ao clamor de alegria e intervenção que se viveu no Jamor, este jornal de Comunicação Social que dedica páginas sensacionalistas a acontecimentos de feição, sangue e alguidar, continua a sua triste carreira, que não dignifica, antes pelo contrário, a imagem do que deveria ser a imprensa estatuada num país onde se constrói a democracia.

Quanto ao «Diário Popular», lamentável nos parece que os olhos do repórter tenham dado mais importância à ausência de Collete Magny (ausência que ninguém lamentou mais que a própria organização da Festa), do que a tudo quanto se passou nos palcos e fora deles.

Lamentável ainda que o repórter considere como «burocracia» as mínimas normas de segurança observadas num recinto aberto a quantos lá quissem penetrar, normas essas apenas impostas em locais onde mais se jogava o bem-estar de centenas de artistas, comunistas e não comunistas. Quanto a «A Luta», jornal que se pretende em renovação, despojando-se de um anticomunismo que por vezes ralou o primitivismo, além de uma sucinta mas objectiva reportagem sobre o Festival Desportivo, nada mais encontrou na Festa que, na sua óptica, merecesse referência...

A lição a extrair deste (não) tratamento da Festa do «Avante!» em certa imprensa, particularmente na estatuada salta aos olhos: aqueles que frequentemente acusam, em altos brados, o PCP de sectarismo, acabam de revelar um facciosismo primário quando de trata de realizações dos comunistas mesmo no caso de uma iniciativa sem paralelo como esta.



Dois expressões infantis que bem simbolizam a alegria e o entusiasmo



A juventude seguiu atentamente os diversos espectáculos da Festa



Um momento de repouso, talvez a pensar: «Tanta gente!»

Luto na Festa

Numa Festa que constituiu uma explosão de alegria e fraternidade populares, houve um momento de luto que perdura no coração dos comunistas e democratas. A camarada Mariana Canas, militante activa do núcleo das mulheres comunistas, faleceu durante o grandioso comício da tarde de domingo. Sofrendo já há tempo de deficiências cardíacas, a emoção vitimou-a, deixando profunda mágoa em quantos com ela conviveram e trabalharam.

Mariana Canas era natural

de Alcórrego, Avis, duma família de trabalhadores e agricultores e vivia actualmente em A-dos-Loucos, Vila Franca de Xira. Contava 62 anos e continuava a trabalhar activamente pelo esclarecimento, mobilização e organização das mulheres.

O funeral, que constituiu uma sentida manifestação de pesar, realizou-se da capela da Cruz Quebrada para a sua terra. Encontrava-se presente, numa homenagem à camarada morta, Dias Lourenço, director do



«Avante!», membro da Comissão Política do Comité Central.

Muitos trabalhadores, comunistas e outros democratas, aguardavam o funeral na terra de Mariana Canas, para um último adeus que jamais significará o esquecimento dos camaradas mortos, cuja vida é exemplo de coerência no combate por um país livre e democrático.

O colectivo do «Avante!» apresenta à família enlutada as mais sentidas condolências.

Achados

No decorrer da Festa foram achadas as cartelas pertencentes aos seguintes amigos: João Gonçalves Foguarias (Vila Franca de Xira), João Patrício Rocha (Estombar, Lagoa), António Manuel Alexandre (Casa Branca, Souсел), Maria Helena Martins Marques (Lisboa), Graça Maria B. Raimundo (Barcarena, Oeiras), José António Bacalhau (Vidigueira), Isabel Maria Pales Correia (Lagos), Maria da Piedade Candeias Cabrita (Evora), Maria Luísa L. Pais Dias (Lisboa), Ana Maria O. Pereira (Lisboa), José Francisco Duarte (Beja), Rui Manuel Gonçalves A. Martins (Barreiro), Maria Cristina Morgado Neto (Moita), José Gabriel Marques Rodrigues (Odivelas), César Manuel G. Domingos (Benavente), José Serra (Sevilha), Maria da Luz M. do Nascimento (Laranjeiro), António José R. Guerra, António Nascimento Almeida (Lisboa),

Manuel Matias (Baleizão), Luis Joaquim (Grândola) e Júlio Manuel O. Cardoso.

Foram também achados os cartões da Caixa Nacional de Pensões dos seguintes beneficiários: António Joaquim P. Leitão, Domingos, Luis Garcia e Justino Gonçalves Martins.

Além de cartões pertencentes a António Lino, Manuel Martins, Maria Fernanda Oliveira e Madalena Sanches e Brito, foram encontrados os passes sociais (de transportes colectivos) de António Cipriano Lopes, António Reis F. Raposo, António José Martins, António F. Albuquerque, António José S. G. Branco, Ana Paula dos Santos F. Graça, Filomena Maria F. Ferreira, José do Nascimento Dias, Manuel João R. Bernardo, Maria Elisabete R. R., Rui Leonel Simões Gomes e José Domingos da Silva.

Achou-se também a carta de condução e bilhete de identidade de Carlos Alberto S. Oliveira e os cartões do Partido dos seguintes camaradas: Salvador Ferreira (Barreiro), Joaquim Ricardo Gonçalves (Grândola), Cândido Aniceto Teixeira da Rocha (Lisboa), Abundância José (Portimão), Maria José P. Balaço (Beja) e Carlos Alberto da Conceição Alves (Ajústor).

Não está perdido o cartão de Fernando Augusto Guedes do Grupo Desportivo Estoril-Prala, nem os bilhetes de identidade de António Manuel A. Paulo, António José E. Mendes, Fernando da Piedade Venâncio, Fernando Manuel C. Vasco dos Santos, Henrique dos Reis, José Augusto Lopes Teixeira, Maria Arminda R. Peixoto Martins, Maria Francisco B. R. Pinheiro, Jorge Coelho dos Santos, Nuno Jorge de Sousa

Ferreira, Octávio Manuel Fernandes V. Santos e Luis Miguel dos Reis S. Boavida.

Além dos documentos já referidos, encontraram-se ainda outros, e também vários objectos, tais como porta-moedas, porta-chaves, relógios, peças de vestuário, óculos, etc.

Os seus donos devem dirigir-se ao Centro Vitória (Avenida da Liberdade, Lisboa).

Apelo

Entretanto, pede-se a quem eventualmente saiba do paradeiro de um rádio de transmissão que foi utilizado domingo à noite pelo fiscal-controlador da Rodoviária Nacional responsável pela organização do tráfego das carreiras especiais da RN para o Vale do Jamor, o favor de contactar com aquela empresa.



Ganhando forças para prosseguir a visita à Festa



Em cada canto, dentro ou fora dos pavilhões um motivo de interesse

Semana

6 Quarta-feira 1969 — Começa em Adis Abeba, capital da Etiópia, a 6.ª Conferência de alto nível da OUA.

A URSS, assinalando as conversações de "paz" no Médio Oriente que ontem começaram na residência de campo do presidente Carter (em Camp David), entre Sadat do Egipto e o sionista Begin e "apadrinhadas" pelo primeiro-ministro da EUA de anunciar o Médio Oriente com armas e tropas para dividir os países árabes e promover os interesses israelitas. ■ A agência noticiosa angolana ANGOP revela que a RFA acusou os racistas sul-africanos de efectuar novos ataques ao país através da fronteira com a Namíbia, em fins de Agosto e anunciou a apreensão de equipamento de guerra de fabrico sul-africano e francês. ■ Segundo a Cruz Vermelha Internacional, a situação na Nicarágua está a deteriorar-se e o número de pessoas que precisam de assistência e protecção aumentou subitamente. ■ O ministro dos NE belga, Henri Simonet, parte para Angola em visita oficial. ■ Em Pretória os racistas anunciam que o governo sul-africano não tomará imediatamente uma decisão a respeito do "plano Waldheim" para a Namíbia, sendo a "resposta final" anunciada "à luz dos desenvolvimentos futuros". ■ O jornal madrileno "Diário 16" afirma que foi confirmada por membros da Associação Profissional dos Polícias a gravação dos telefonemas do ministro do Interior, Rodolfo Martín Villa.

7 Quinta-feira 1974 — Acordo de Lusaka para a independência de Moçambique; intentona rebeata na antiga Lourenço Marques, sendo esmagada.

John Connally, que como governador do Estado do Texas viajava no mesmo carro do presidente Kennedy quando este foi assassinado em Dallas, declara que a investigação oficial efectuada ao assassinato, há 15 anos, chegou a conclusões falsas, mostrando-se ainda em desacordo absoluto com a conclusão de que apenas Lee Harvey Oswald matou o presidente, com três disparos. ■ Os EUA e a URSS recomeçam, em Genebra, as conversações para a limitação dos armamentos estratégicos (SALT). ■ O primeiro-ministro racista da Rodésia, Ian Smith, afirma que seria anunciada em breve ao país "uma nova orientação da política governamental". ■ O Congresso da Confederação dos Sindicatos Britânicos (TUC) rejeita o projecto de limitação de subidas de salários a 5%. ■ O primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, parte de Madrid rumo à Venezuela e Cuba, tornando-se assim o primeiro chefe de governo espanhol a visitar este país socialista. ■ O ministro francês dos NE, Louis de Guiringaud, assina em Hanói com o seu homólogo vietnamita, Nguyen Duy Trinh, um acordo destinado a intensificar o transporte e a cooperação marítimas entre os dois países. ■ O primeiro-ministro britânico James Callaghan afirma, com certa surpresa para os seus concidadãos, que o seu governo continuaria em funções, não tendo marcado uma data para eleições gerais antecipadas.

8 Sexta-feira 1967 — O novo governo da Líbia, Chefiado por El-Gaddafi, declara-se decidido a liquidar as bases estrangeiras no país e a transformar as bases nacionais, destinadas à defesa.

O governo iraniano impõe a lei marcial por seis meses em Teerão e mais onze cidades, ordenando além disso um recolher obrigatório de oito horas na capital, onde se vive um ambiente insurreccional. ■ Robert Fabre, antigo líder do Movimento da Esquerda Radical, em França, é expulso do partido por ter aceite o convite do presidente D'Estaing para analisar o problema do desemprego em França. ■ Enquanto a greve geral na Nicarágua entra na sua terceira semana, um comando da Frente Sandinista, composto por um homem e uma mulher fortemente armados, invade a Rádio Mundial de Managua onde dirigiu ao país, durante dez minutos, apelos de insurreição geral. ■ A Câmara dos Representantes dos EUA apoia, em Washington, a decisão do presidente Carter em vetar a inclusão de 2.000 milhões de dólares para a construção de um porta-aviões atómico, considerado um desperdício de dinheiro pelo presidente. ■ A três dias do 3.º aniversário do golpe fascista no Chile, as famílias dos presos e "desaparecidos" desde o fatídico 11 de Setembro de 1973, reiniciam a greve da fome que tem por objectivo a obtenção de informações sobre o destino dos seus entes queridos. ■ Abre, na capital checoslovaca, a exposição "Praga 78", considerada a maior exposição filatélica do mundo.

9 Sábado 1944 — O Exército Vermelho liberta a Bulgária do jugo nazi.

As FFAA do Xá do Irão cometem um verdadeiro massacre contra a população desarmada que desceu à rua, em Teerão, matando pelo menos 250 pessoas e fazendo um número indeterminado de feridos. ■ O presidente Julius Nyerere da Tanzânia parte para a Zâmbia onde vai participar numa importante conferência política, à qual se espera que assistam os três outros chefes de Estado da "Linha da Frente". ■ O presidente zambiano, Kenneth Kaunda, acusa o primeiro-ministro racista da Rodésia, Ian Smith, de tentar internacionalizar a guerra de guerrilha, avisando que a Zâmbia responsabilizará a Grã-Bretanha por quaisquer ataques das Forças de Salisbúria. ■ O primeiro-ministro espanhol Adolfo Suarez inicia uma visita oficial à República Socialista de Cuba, confirmando uma crescente melhoria nas relações entre as duas nações na década de 70, bem como um crescente comércio que fez de Cuba o melhor cliente de Espanha na América Latina.

10 Domingo 1943 — Os alemães invadem a Itália.

A Casa Branca anuncia oficialmente que o presidente Carter, dos EUA, contactou, via telefone, o Xá do Irão sobre a situação no país e reafirmou o seu apoio ao regime ditatorial de Teerão. ■ O presidente do Conselho de Estado de Cuba, Fidel Castro, parte de Havana para uma visita oficial à Etiópia. ■ Num "Comunicado de Guerra Número Um", entregue à imprensa na capital mexicana, a Frente de Libertação Sandinista da Nicarágua (FLSN) afirma que a insurreição popular avança vigorosamente por todo o país. ■ A firma britânica "Dovy" anuncia em Londres que tinha obtido na China um contrato de 70 milhões de libras para equipamentos de várias minas de carvão. ■ Os dirigentes do PCF criticam violentamente, na Festa anual do órgão central do Partido (L'Humanité), a atitude expansionista da RFA na Europa.

11 Segunda-feira 1973 — Golpe fascista no Chile, que derruba o governo democraticamente eleito da Unidade Popular.

É anunciado que a Bélgica enviará a Angola peritos para estudar as possibilidades de cooperar na reestruturação do porto do Lobito, vital para a economia angolana, zaireense e zambiana. ■ A Frente Nacional de Libertação do Congo, (FLNC) com sede em Bruxelas, anuncia nesta capital que vai desencadear muito em breve o terceiro e decisivo ataque contra o sangrento regime do ditador Mobutu. ■ Morre, no circuito de Monza onde já obtivera o número recorde de 3 vitórias, o piloto suéco de "Fórmula 1" Ronnie Peterson. ■ Morre, em Los Angeles, Jack Warner, o último dos irmãos da celeberrima produtora cinematográfica norte-americana "Warner Brothers".

12 Terça-feira 1924 — Nasce Amílcar Cabral, em Bafatá.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional desencadeia uma poderosa ofensiva na Nicarágua, mantendo já o domínio ou importantes posições em, pelo menos, seis cidades, entre as quais Leon, a segunda mais importante do país. ■ O antigo primeiro-ministro iraniano, Ali Amiri, afirma numa entrevista que mais de duas mil pessoas foram mortas pelos soldados do Xá durante as manifestações antigovernamentais no Irão. ■ Um comunicado do Maputo informa que o presidente angolano Agostinho Neto iniciará, no próximo sábado, uma visita oficial à República Popular de Moçambique.

Viva o internacionalismo proletário!

Mais ainda do que nos anos anteriores da nossa Festa, a Cidade Internacional foi estes dias uma clara exposição da realidade internacional. Pelos pavilhões e pequenos expositores da imprensa dos partidos irmãos; pela exposição de solidariedade internacional que utilizando fundamentalmente materiais de partidos que não puderam estar melhor representados, nos deu uma panorâmica dos problemas e dos progressos do movimento revolucionário a nível mundial; pelo conjunto de colóquios realizados, em que foram focados problemas tão importantes como o da paz e do desanuviamento, e o do racismo e do apartheid; pelo comício de solidariedade com os povos de África e da América Latina.

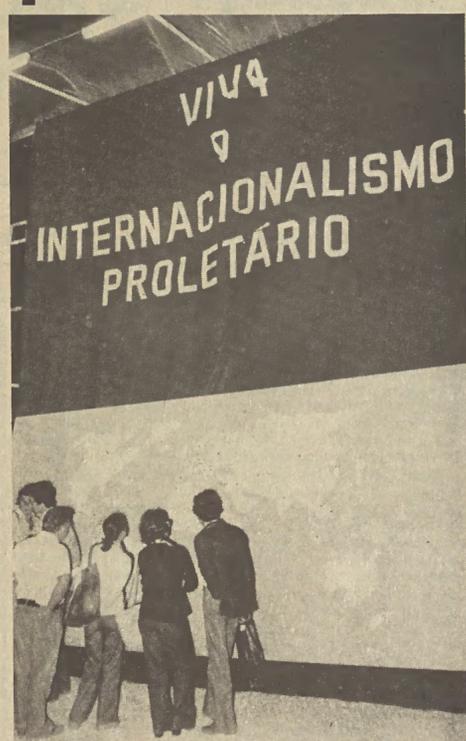
Centenas de milhares de pessoas passaram por esta pequena cidade — espelho da realidade mundial. Deserto não é possível abarcar tal realidade assim, neste rápido contacto. Mas factos, simples pormenores, dados fundamentam ficam na memória, fundamentos certezas, dão-nos a imagem dos progressos do socialismo, dos elementos de crise generalizada do capitalismo, da violência repressiva do fascismo, e muito particularmente da luta dos povos pelo progresso, pela paz, contra o capital, pelo socialismo. Os pavilhões do ano passado, de há dois anos, não eram os mesmos de hoje. Os novos dados da realidade social e económica da comunidade socialista, reflectem os progressos alcançados em todos os campos. Três países socialistas — a Polónia, a Checoslováquia, a RDA — inserem nas

placas expositivas o nome do seu primeiro cosmonauta, assinalam a primeira viagem ao espaço de um cidadão seu, fruto da mútua cooperação no seio da comunidade socialista, fruto da cooperação com a URSS. Os pavilhões de órgãos de Partidos irmãos que dirigem o movimento operário em países capitalistas, assinalam o agravamento da crise, mas também nas novas lutas dos trabalhadores, contra a exploração, pela paz, a batalha necessária pela unidade das fileiras operárias. Em relação aos partidos que lutam, nas condições de clandestinidade, nos países fascistas, foi possível também realçar a importante mobilização popular contra o fascismo, que se acentuou de forma clara nos últimos meses. Factos que estavam assinalados nos pavilhões, na exposição de solida-

riedade internacional, que foram referidos nos colóquios, realçados no comício realizado. Factos que se aprendem também na alusão ao stand da RDA, na procura de lembranças, de pequenas prendas que reflectem o desenvolvimento técnico deste país, no interesse profundo em relação à luta do povo do Uruguai, aos ineludíveis exemplos de repressão, de tortura.

A ideia que enformava a exposição de solidariedade internacional — o internacionalismo proletário — estava presente em toda a vida, em toda a realidade da cidade internacional. Nos pavilhões como na animação, nas realizações, nos contactos. Ela — em si — é uma concretização desse internacionalismo. A expressão viva do carácter dos laços que ligam os comunistas de todo o mundo. A expressão viva da

forma como o nosso Partido aplica esse princípio fundamental na formação dos seus quadros. O exemplo do espírito que caracterizava toda a festa; a fraternidade entre comunistas. Não só entre comunistas de um mesmo país — o nosso — mas entre comunistas de todo o mundo. A importância da aproximação entre povos, da troca das suas experiências culturais, em todos os planos, o mútuo conhecimento das realidades políticas, económicas, sociais, o contacto pessoal. A importância da consciência de que se participa numa obra comum. A compreensão de que o 25 de Abril quer dizer muito também em toda a Europa e na África. Que o fim do apartheid será uma machadada decisiva nas veleidades neocolonialistas. Que a liquidação do fascismo na América Latina constituirá um importante contributo para a paz. Que a comunidade socialista é exemplo de futuro, a sua base segura e determinante. A imensa multidão que viveu três dias a Festa do «Avante!», três dias apontados para o futuro, não pôde deixar de sentir a mensagem que vinha da cidade internacional, e que estava presente em todo o Vale do Jamor.



A Cidade Internacional quis e conseguiu dar a panorâmica de um mundo. Lutas, resistência, vitórias, um mapa em constante transformação em direcção ao progresso

Comício de solidariedade

No noite de sábado, no palco da DORL, junto à Cidade Internacional, realizou-se um importante acto público de solidariedade, numa Festa que é ela própria expressão dessa solidariedade: o comício-festa de apoio aos povos de África e da América Latina.

O comício contou com a presença de camaradas do Chile, de Angola, de Moçambique, de Cuba, da Guiné-Bissau e Cabo Verde, do Uruguai, da África do Sul, da Argentina. Entreviaram camaradas de todos estes países, e um representante do PCP, Miguel Urbano Rodrigues. Foi lida uma mensagem das camaradas do Brasil, que não puderam estar presentes na nossa Festa.

A solidariedade que une todos os povos em luta contra o imperialismo, pelo socialismo, a tendência geral da história favorável às forças progressistas, foram as notas dominantes, não só na intervenção do representante do PCP, mas nas de todos os camaradas. Os vivos ao internacionalismo proletário portuaram todas as intervenções e foram vibrantemente repetidos pelas muitas pessoas presentes, que demonstraram, ao longo de todo o pequeno comício seguido de espectáculo musical, uma grande sensibilidade política aos problemas e às realidades vividas pelos povos de África e da América Latina.

"Chile Vencerá!"

Ao grito cadenciado de "Chile Vencerá!" o camarada do CC do Partido Comunista do Chile presente no comício, iniciou uma intervenção em que foi destacado o ascenso das lutas dos trabalhadores no ano de 78. O 1.º de Maio — apesar de todas as proibições e da repressão — foi comemorado com dezenas de

milhares de pessoas na rua que gritavam: "Abaixo a ditadura, liberdade para o Chile!". A pressão popular conseguiu a libertação dos 600 presos feitos durante esta manifestação histórica. Os familiares dos desaparecidos — integrados num movimento que assume proporções internacionais — têm feito sucessivas greves de fome tendo mobilizado, numa grandiosa manifestação contra os desaparecidos, 80.000 pessoas. A crise da ditadura foi uma vez mais desmascarada. Na véspera do sangrento 11 de Setembro, Allende foi recordado como um herói do povo chileno, como um exemplo de que só um presidente eleito pela vontade popular, empenhado em concretizar essa vontade, sabe assumir até ao fim a dignidade humana.

"A luta continua a vitória é certa!"

Numa festa que "é alegoria do futuro", exemplo palpável da "construção de uma sociedade nova", como foi destacado pelo representante do MPLA, o camarada Marcelino Roco, salientou que as vitórias do povo angolano, como as do povo português, são vitórias comuns, vitórias de todos os povos na luta contra o imperialismo, pela paz. Manifestou a certeza de que os comunistas portugueses saberão preservar e consolidar as conquistas revolucionárias alcançadas com o 25 de Abril. Foi realçada a luta comum contra o fascismo, contra o colonialismo, enquanto se gritava a palavra de ordem "fascismo nunca mais!".

"Contra o apartheid", contra o imperialismo!"

FRELIMO, FRELIMO! — um grito comum a confirmar a amizade

— destacada por Armando Panguene, do CC da FRELIMO, embaixador de Moçambique em Portugal — entre os povos de Portugal e de Moçambique, cimentada na luta comum contra o fascismo e o colonialismo. Hoje, derrubado o colonialismo, virou-se uma nova página na vida de Moçambique: a eliminação das desigualdades, da miséria, a reconstrução do país, a utilização dos progressos da ciência. Hoje, como ontem, Moçambique é também a realidade que se vive na África Austral — a luta contra o apartheid, contra o imperialismo, a solidariedade com essa luta, as agressões externas que lhe estão ligadas — onde, apesar das manobras para impedir o apoio às forças revolucionárias, desestabilizar, dividir o movimento de libertação nacional, criar fantoches (no fim abandonados pelos seus patrões), a luta prossegue e ganha uma cada vez maior envergadura.

"Pátria ou morte, venceremos!"

Cuba, ilha da revolução na América Latina, esteve representada pelo camarada Hernandez Soto, director do "Vanguardia". Cuba, aplaudida como anfitriã do Festival da Juventude, grande acontecimento para a Juventude de todo o mundo e no quadro da luta geral das forças progressistas, justamente destacado por Hernandez Soto. Cuba, aplaudida pelo apoio inequívoco que dá à justa luta dos outros povos, em particular no Continente Africano — reafirmou também na nossa Festa a determinação nessa ajuda, a sua inserção numa evolução internacional em que, no avanço das frentes fundamentais da revolução — os países socialistas, os partidos comunistas nos países capitalistas,

o movimento de libertação nacional — a unidade, a solidariedade mútua, é um elemento fundamental.

Uma luta comum

A tónica da intervenção do camarada Tolentino, do PAIGC, foi a profunda solidariedade entre os povos da Guiné e Cabo Verde e de Portugal — solidariedade sempre realçada por Amílcar Cabral — ontem na luta contra o inimigo comum, hoje na luta pela construção de uma nova sociedade em condições naturalmente diferentes. A Guiné de hoje, tal como Cabo Verde, luta para superar a falta de estruturas, pela consolidação da independência, por uma sólida base económica que permita de facto dizer não ao imperialismo. A construção dessa base económica — como a solidariedade directa à luta de outros povos do continente — constituem a contribuição revolucionária dos povos da Guiné e Cabo Verde no plano internacional.

Uruguai: repressão e luta

Saudando na nossa Festa a festa do povo, o camarada do Partido Comunista do Uruguai, salientou a ofensiva do imperialismo no continente, face aos avanços das forças progressistas na sequência do êxito de Cuba, da consolidação da sua revolução. A resposta do imperialismo foi o terror. Hoje, no Uruguai, um em cada 50 habitantes passou pelas prisões, um em cada 400 foi barbaramente torturado, há uma corrente migratória contínua. A classe operária, os trabalhadores, muito em particular os comunistas, são as principais vítimas da repressão. Entretanto a luta ganha uma amplitude



O calor da solidariedade internacional esteve sempre presente junto ao palco da DORL, durante o comício de sábado, em que tomaram a palavra camaradas estrangeiros que nos trouxeram o seu abraço fraternal

Do Chile à Bulgária no caminho da solidariedade

Coincidindo praticamente com os dias da Festa do «Avante!», duas datas importantes foram assinaladas — duas datas com sentido oposto. Uma — o 9 de Setembro — dia do triunfo da Revolução Socialista na Bulgária que, quatro anos mais tarde, se definiria, definitivamente, como via para o socialismo. Outra, o 11 de Setembro — data do golpe sangrento que derrubou o governo de Unidade Popular de Salvador Allende. Dia terrível para o povo chileno, passo importante na ofensiva do imperialismo contra a luta dos povos do continente pela democracia, pelo socialismo.

Hoje a Bulgária é um país socialista, avançando a passos seguros para a consolidação do socialismo desenvolvido, rumo ao comunismo. No Chile, a Junta fascista abre brechas, debate-se em profundas contradições, vive um isolamento crescente a nível nacional e internacional, e o povo chileno amplia a sua luta, bate-se pela unidade, consegue avançar com greves, manifestações de rua, conta com a solidariedade internacional de todas as forças progressistas e antifascistas do mundo. A solidariedade com a Bulgária socialista ficou bem expressa na especial homenagem dirigida ao

povo búlgaro, no jantar de homenagem às delegações estrangeiras, na saudação dirigida aos camaradas dos partidos irmãos presentes na Festa do «Avante!». A solidariedade com o Chile — uma solidariedade que mobiliza amplas massas, também



no nosso país — manifestou-se nos vibrantes aplausos, na repetida palavra de ordem "O Chile Vencerá!", quando o camarada chileno falou no comício de solidariedade com os povos da África e da América Latina.

Assim, duas datas completamente diferentes foram assinaladas na nossa Festa. Uma que representa a vitória do futuro. Outra a momentânea recuperação de posições das forças do passado, hoje em recuo. Do Chile à Bulgária — no caminho da solidariedade.

crecente. A unidade na acção, a solidariedade internacionalista, a ajuda particular da União Soviética e de Cuba, são factores que se conjugam na abertura de novos caminhos para o povo do Uruguai. O fim do fascismo é uma perspectiva cada vez mais próxima.

25 de Abril — uma data assinalada por todos os revolucionários em África

A importância da solidariedade internacional, a interacção das vitórias dos vários povos no processo revolucionário mundial, a importância decisiva do 7 de Novembro, (da Revolução de Outubro), o profundo abalo na Europa e em África, provocado pelo 25 de Abril — foram factos assinalados pela camarada do CC do Partido Comunista da África do Sul, que destacou a importância da luta hoje conduzida pelos povos da África do Sul, da Namíbia, do Zimbábwe, os acontecimentos insusceptíveis de Soweto, símbolo também da coragem de uma juventude que tem sacrificado a sua vida pela liberdade (hoje mesmo, o primeiro guerrilheiro preso na África do Sul, um jovem de 20 anos, foi condenado à morte). Destacou, por outro lado,

a sinistra aliança entre Israel (forte bastião do imperialismo), a África do Sul e a RFA.

"Unidade!"

"Unidade!" foi a palavra de ordem que corrou a classe operária, destacou a firmeza de princípios, a flexibilidade na acção, do Partido Comunista Português, Unidade cuja importância foi salientada, não só em relação à classe operária, aos trabalhadores, às forças progressistas e antifascistas, mas também no aspecto vital do povo e das Forças Armadas: como base da defesa das conquistas revolucionárias, como arma necessária para a abertura dos caminhos da liberdade e do progresso para todos os povos.

A par do reafirmar permanente e entusiástico do internacionalismo proletário, outro sentimento comum ressaltou, entre os que assistiam ao pequeno comício de solidariedade e os que no palco falaram da realidade dos seus países, da importância da solidariedade: a força dos trabalhadores, a força do seu partido, o enraizamento do PCP nas massas populares. Destacado por todos os oradores, sublinhado por aqueles que, na Festa, estiveram presentes nesta manifestação de solidariedade e de internacionalismo.

Saudação de «Voz Operária»

Várias mensagens chegaram à redacção do «Avante!». Mensagens de partidos irmãos que não puderam estar presentes na nossa Festa, mensagens em que se sauda o PCP e o «Avante!», mensagens que realçam os laços que unem os comunistas de todo o mundo, os votos de êxito numa luta comum, diversificada em diferentes frentes. O balanço dessas mensagens — referidas na intervenção do camarada Dias Lourenço, com destaque para o Vietnam heroico, no grande comício da Festa — será feito. Hoje limitamo-nos a publicar uma mensagem que nos é particularmente cara e que foi lida na festa de solidariedade realizada na cidade internacional: a mensagem da «Voz Operária», órgão central do Partido Comunista Brasileiro.

«Queridos camaradas do «Avante!» «A Voz Operária, órgão central do Partido Comunista Brasileiro, saúda calorosamente o «Avante!», na realização da sua grande, importante e solidária festa anual.

«A magnitude que conquistou a festa do «Avante!», constitui uma prova inequívoca do apoio que a classe operária e o povo português dão a esse jornal, cuja actividade heroica o transformou num símbolo de resistência antifascista e numa peça singular na história do 25 de Abril. «Evidência ainda crescente adeso à política do glorioso Partido Comunista Português, tão bem reflectida nas páginas do «Avante!». «Também a situação brasileira — e de outros povos que lutam pelo socialismo, a democracia e a liberdade — tem encontrado nas páginas do «Avante!» a solidariedade jamais negada, além de ensinamentos valiosos, elaborados na luta diária. «Voz Operária» ainda é um jornal clandestino — assim obriga a situação brasileira. Mas o reforço incessante das forças antiditatoriais fazem prever novos dias no Brasil. «As greves desencadeadas pelos operários metalúrgicos, em São Paulo, e que foram seguidas por várias outras

categorias profissionais, revelaram um alto nível de organização e consciência, derrotando a repressão e o engodo. Estas vitórias da classe operária representaram um sério golpe à política salarial da ditadura, um dos pilares do famigerado «modelo brasileiro» de crescimento capitalista.

«Ao lado dos trabalhadores, seguem os intelectuais, estudantes, mulheres e inclusive alguns sectores das Forças Armadas e de empresários, todos lutando por um regime democrático.

«Nesse quadro, crescem também as contradições no interior do regime fascista, que procura reagir à perda de espaço político, e visa amortecer as lutas e dividir as forças de oposição.

«O PCB procura ajudar a desenvolver ainda mais a frente antiditatorial, ampliar o movimento de massas, e mobilizar a população também para participar nas próximas eleições — o que poderá ter grande importância na revogação de toda a legislação fascista, na exigência de amnistia ampla e sem restrições e na criação de condições para convocar uma assembleia constituinte, livremente escolhida pelo povo brasileiro, que defina um regime democrático para o país.

«Nesse momento complexo da vida brasileira, estamos certos que continuaremos a contar, como sempre sucedeu, com a solidariedade activa do «Avante!».

«E, quando as forças democráticas, antifascistas e revolucionárias portuguesas procurarem a unidade para defender as conquistas revolucionárias do 25 de Abril, modestamente «Voz Operária» manifesta a sua solidariedade e a certeza de que o povo português vencerá e que a amizade que o liga ao povo brasileiro se reforçará ainda mais. Para isso também lutam o «Avante!» e o «Voz Operária».

Viva o internacionalismo proletário! Viva a solidariedade internacional comunista! 25 de Abril sempre! Viva o «Avante!»

410 artistas, quatro palcos, mais de 70 horas de espectáculo!

Mais de setenta horas de espectáculos constantes e simultâneos, quatro palcos permanentemente utilizados, cento e setenta artistas de catorze países, duzentos e quarenta artistas portugueses — eis alguns números que apenas traduzem uma reduzida parcela da realidade que foram os espectáculos realizados no âmbito da Festa do «Avante!».

Dizer apenas isto de uma realização que mobilizou as atenções de dezenas de milhares de pessoas, que se comprimiam em frente dos vários palcos, que corriam de uns para outros com o programa na mão, tentando ver, de entre os números do seu agrado aqueles que mais lhes interessavam — seria reduzir a uma mera expressão aritmética uma grande manifestação cultural, artística e de massas.

Manifestação única no panorama do nosso país e através da qual artistas do nosso tempo, de Portugal e de vários pontos do mundo, transmitiram a dezenas de milhares de pessoas uma arte socialmente comprometida com os problemas do nosso tempo, uma arte que, nas diferentes expressões que assumiu nos quatro palcos do Vale do Jamor, fez sempre brotar a solidariedade, a luta por uma sociedade mais justa, a aspiração pela paz, enfim, as lutas quotidianas dos homens do nosso tempo na construção de um futuro que seja digno de todos nós.

Já se vai tomando hábito — se bem que esteja longe de ser um mau hábito... — que a Festa do «Avante!» tem constituído uma das raras oportunidades de em Portugal se poderem apreciar artistas de craveira elevadíssima. Foi assim em 1976, foi assim no ano passado. A III Festa do «Avante!» veio confirmar este facto.

Isso deve-se, em primeiro lugar, à expressão da solidariedade internacionalista dos partidos irmãos da comunidade socialista. Depois, aos restantes artistas estrangeiros que, solidários com a luta do nosso povo e com as transformações operadas em Portugal depois do 25 de Abril, quiseram estar conosco nestes três dias grandes para o nosso Partido, para os democratas, para o nosso povo.

Muitos foram os milhares que tiveram oportunidade de apreciar o virtuosismo e a alta qualidade técnica do grupo de danças soviético «Vainakh», de aplaudir a alegria e a beleza dos movimentos desenhados nos palcos pelos jovens bailarinos do

grupo «Souvenir» da URSS, de escutar atentamente música de raiz popular e folclórica executada primorosamente pelo conjunto feminino checoslovaco «Shovanky», de descobrir o grande desenvolvimento do jazz polaco através da actuação do conjunto «Gold Washboard», de ouvir e acompanhar entusiasticamente as palavras ditas ora em alemão ora em português pelo grupo da RDA «Sing Club 67», de comprovar as raras qualidades vocais do grupo búlgaro «Haidushka Pesen», de ouvir a voz quente e o ritmo vivo de Noel Nicola e de «Los Compadres» de Cuba, de lembrar os húngaros Andras Vargas e Sandor Puskas.

Muitos foram os milhares que viveram o ritmo do rock popular do italiano Eugenio Finardi, que também soube dizer palavras para o nosso tempo; que tributaram a Charlie Haden a consagração, que o público português lhe devia, depois deste jazzman ter sido expulso de Portugal em 1971 pela Pide por ter dedicado a sua actuação aos movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas; que retiveram a respiração ao ver a espectacular actuação dos argentinos do «Malambo Latino»; que ouviram as palavras necessárias de «Nuestro Pequeño Mundo», de Espanha; que contactaram com a expressão da música popular italiana trazida até nós pelo grupo «Música Nova».

Portugueses actuaram em colectivos

A apresentação dos artistas portugueses na Festa do «Avante!» deste ano rodeou-se de um aspecto particularmente importante: muitas das vezes e da música daqueles que, no nosso país, nos têm acompanhado ao longo da resistência, primeiro, e depois nestes quatro anos de liberdade, apareceram na Festa agrupados em colectivos, apresentando uma obra renovada, fruto de um trabalho de preparação especialmente dedicado à Festa do «Avante!».

A actuação destes colectivos agradou de sobremaneira a todos aqueles que puderam assistir às suas primeiras apresentações nos diversos palcos.

Também o fado teve lugar de destaque na nossa Festa, de acordo com a vincada característica popular desta expressão musical.

No recinto especialmente dedicado ao fado desfilarão muitas dezenas de fadistas populares, ao lado de nomes grandes deste modo tipicamente português de cantar o quotidiano.

E seria interminável estar a referir as dezenas de ranchos, de bandas e de conjunto musicais que, em diversos palcos, desde os expressamente construídos para o efeito, até aos mais improvisados, mantiveram constante a animação que transbordava do imenso recinto do Vale do Jamor.

Um incentivo à arte popular

Aliás, a realização da Festa do «Avante!» tem-se vindo a revelar como um poderoso estímulo à formação de agrupamentos musicais dos mais diversos géneros que, preparando-se ao longo de meses e meses de horas roubadas ao descanso, têm como objectivo actuar na Festa do «Avante!».

E fazem-no de uma forma particularmente empenhada, de tal modo que também a eles se deve uma boa parte do êxito artístico da nossa grande Festa.

Sexta, sábado e domingo, lado a lado com os grupos estrangeiros e os artistas portugueses consagrados, esses agrupamentos recém-formados ocuparam os palcos e os espaços livres (que eram tão escassos) mostrando legitimamente o resultado do seu trabalho de meses.

Entretanto, para além desta impressionante manifestação artística — desde o folclore soviético ao rock italiano, passando pelas expressões mais populares da música portuguesa — prosseguia o outro espectáculo: aquele que longe ou perto dos palcos aglutinava os movimentos por vezes compactos de outras tantas dezenas de milhares de pessoas, atentas aos stands e ao que neles se podia ver, procurando os culturais.

De tal maneira que a propósito das iniciativas no âmbito da Festa do «Avante!» se pode falar com profundidade do abraço da escolha.



Charlie Haden (EUA)



Carlos do Carmo



Malambo Latino (Argentina)



Vainakh (URSS)



Eugenio Finardi (Itália)



Nuestro Pequeño Mundo (Espanha)



Gold Washboard (Polónia)



Sing Club 67 (RDA)



Shovanky (Checoslováquia)



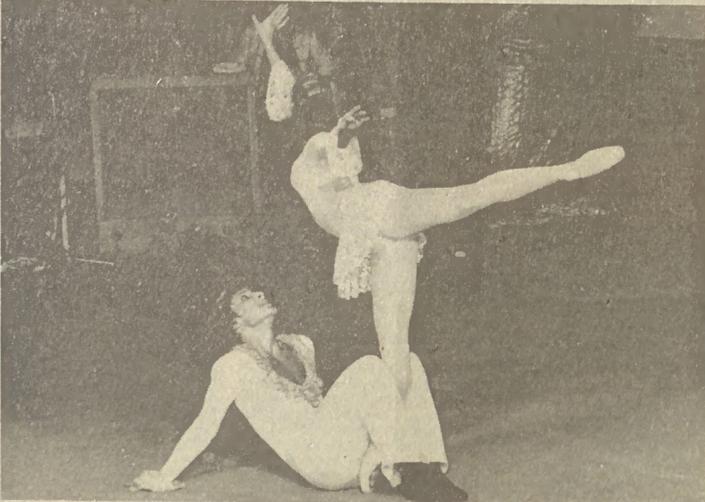
Rancho Folclórico



Carlos Paulo, Ary dos Santos, Fernando Tordo, Luís Basto e Adelaide Ferreira



Grupo Trovante



Souvenir (URSS)



José Jorge Letria, Samuel e Manuel Freire



Brigada Vitor Jara